

BOB

Um Gato Fora do Normal



JAMES BOWEN





Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Agradecimientos](#)

[Fotos](#)

BOB

Um Gato Fora do Normal

JAMES BOWEN

Versão inédita, com fotos coloridas, do
best-seller *Um Gato de Rua Chamado Bob*

Tradução
Maria Angela Amorim De Paschoal



Título original: Bob No Ordinary Cat
Copyright © James Bowen and Garry Jenkins 2013
Esta obra não pode ser exportada para Portugal
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Versão digital — 2014

Produção Editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bowen, James

Bob : um gato fora do normal / James Bowen ; tradução Maria Angela Amorim De Paschoal. -- 1. ed. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: Bob no ordinary cat.

ISBN 978-85-8163-460-9

1. Autoajuda 2. Bowen, James, 1979 - 3. Gatos 4. Memórias autobiográficas 5. Relacionamentos humanos-animais I. Título.

14-01042 | CDD-636.800929

Índices para catálogo sistemático:

1. Gatos : Relacionamentos humanos-animais :
Biografia 636.800929



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Em memória de Graham Jenkins e Jane Marguerita Howden.
Dedico também a todos aqueles de quem recebi apoio total,
incondicional. Sem vocês nós não estaríamos aqui agora.

Capítulo 1



Há uma citação famosa que diz que recebemos uma segunda chance todos os dias, mas geralmente não a aproveitamos. Passei grande parte de minha existência provando que isso é verdade. Mas tudo mudou no começo da primavera de 2007, quando me tornei amigo de um gato, o Bob.

Conheci Bob em uma noite sombria. Era uma quinta-feira de março. Havia previsão de geada para aquela noite, por isso cheguei em casa, no norte de Londres, um pouco mais cedo do que o costume, após mais um dia nas ruas movimentadas de Covent Garden.

O elevador do meu prédio não estava funcionando, então minha amiga Belle e eu seguimos em direção à escada. A lâmpada estava quebrada, e o hall de entrada, escuro como breu, mas não pude deixar de notar um par de olhos reluzindo na escuridão. Um gato laranja estava enrolado sobre um capacho, do lado de fora de um dos apartamentos do térreo. Era um macho.



Ele me encarou com um olhar inteligente. “Então, quem é você e o que faz aqui?”, parecia perguntar.

Eu me ajoelhei.

— Olá, companheiro. Nunca te vi antes. Você mora aqui?

Ele continuou me encarando, me analisando. Fiz carinho no seu pescoço, em parte para ficar amigo dele e, por outro lado, para saber se usava coleira. Não usava.

Ele adorou a atenção. Seu pelo era desigual, havia falhas em alguns lugares, e ele estava visivelmente faminto. Pelo modo como se encostou em mim, pude perceber que precisava de um amigo.

— Acho que é um gato de rua — eu disse a Belle.

Belle sabia que eu adorava gatos.

— Você não pode ficar com ele, James — ela me advertiu, apontando para o capacho onde o gato estava sentado. — Provavelmente ele pertence a alguém aqui do prédio.

Ela estava certa. A última coisa de que eu precisava naquele momento da minha vida era um gato. Já estava bem difícil tomar conta de mim mesmo.



Na manhã seguinte, o gato ainda estava lá. Fiz novamente um carinho nele, que ronronou, agradecendo a atenção.

Com a luz do dia, pude perceber que era um animal lindo. Tinha um rosto impressionante, com penetrantes olhos verdes. A julgar pelos arranhões em suas patas e no focinho, devia ter se envolvido em alguma briga ou acidente. Seu pelo era ralo e espetado, havia buracos em vários lugares. Fiquei realmente preocupado com o bichano.

Pare de se preocupar com o gato; em vez disso, preocupe-se com você mesmo, pensei. Contrariado, me afastei e fui pegar o ônibus para o distrito de Covent Garden, onde tentaria ganhar alguns trocados me apresentando na rua.

Ao voltar para casa, já era tarde — quase dez horas. Desci apressado pelo corredor para ver se encontrava o tal gato laranja,

mas ele havia ido embora. Uma parte de mim ficou desapontada, porém, mais do que tudo, fiquei aliviado.



No dia seguinte, meu coração deu um pulo ao vê-lo novamente, no mesmo lugar. Ele estava mais fraco e mais desganhado do que nunca. Parecia faminto e com frio, pois estava tremendo.

— Ainda está aqui, hein? — eu lhe disse, fazendo um afago. — Você não parece muito bem hoje.

Já havia esperado tempo demais. Bati na porta do apartamento.

— Desculpe incomodar, companheiro — perguntei ao homem com a barba por fazer que abriu a porta. — Este gato é seu?

— Não — ele respondeu, olhando desinteressado para o bichano. — Não tenho nada a ver com este gato, cara.

Ao vê-lo fechar a porta com força, minha mente tomou uma decisão ali mesmo.

— Vem comigo! — exclamei.

Peguei a caixa de petiscos que eu costumava levar para agradar os gatos e cachorros que se aproximavam de mim enquanto fazia minhas performances. Sacudi para fazer barulho, e ele me seguiu.

Sua pata traseira estava ferida, então ele subiu lentamente os degraus. Quando chegamos ao meu apartamento, peguei um pouco de leite na geladeira e misturei com água antes de despejar num pires. Muita gente não sabe, mas leite em grandes quantidades não faz bem para os gatos. Ele lambeu tudo em segundos.

Eu tinha atum na geladeira, então o amassei com alguns dos petiscos e também lhe ofereci. Novamente, ele traçou tudo.

Coitadinho, deve estar morto de fome, pensei.

Ele estava com um abscesso horrível na pata direita traseira. Talvez tivesse sido mordido por um cachorro ou uma raposa. Ele me deixou examinar, enquanto se aconchegava ao lado do aquecedor, e até mesmo permitiu que eu esterilizasse sua ferida. A maioria dos gatos teria aprontado um escândalo, mas ele se comportou como um anjinho.

O gato passou o resto do dia perto do aquecedor. Mas também deu voltas pelo apartamento, pulando e arranhando tudo o que encontrava pela frente. Ele tinha muita energia acumulada. Gatos jovens, se não forem castrados, podem ser extremamente ativos.

Quando fui para a cama, ele me seguiu até o quarto, onde se encolheu como uma bola aos meus pés. Enquanto ouvia seu ronronar suave no escuro, senti algo muito bom por ele estar ali. Era uma companhia.



No domingo de manhã, levantei bem cedo para ver se conseguia encontrar o dono do gato. Quase sempre havia anúncios “Gato Perdido” nos quadros de avisos e nos pontos de ônibus. Levei o gato comigo — caso encontrasse o dono rapidamente —, amarrado a uma coleira improvisada, feita com um cadarço de sapato. Ele parecia contente, caminhando a meu lado enquanto descíamos as escadas.

Lá fora, porém, ele começou a puxar a coleira. Acho que queria fazer suas necessidades. Como imaginei, ele caminhou até um canteiro. Depois, voltou para o meu lado e alegremente me seguiu.

Ele realmente deve confiar em mim, pensei. Eu tinha que retribuir aquela confiança e tentar ajudá-lo.



Do outro lado da minha rua havia uma senhora famosa por cuidar de gatos. Todos os bichanos do bairro fugiam para seu quintal, sabendo que ali era o melhor lugar para conseguir um pouco de comida. Eu não tinha ideia de como ela arranjava grana para alimentar todos.

— Ele é adorável — ela disse quando viu o Bob.

— Você o conhece? — me surpreendi enquanto ela lhe dava um petisco.

Ela balançou a cabeça.

— Nunca o vi antes. Aposto que é de algum outro lugar de Londres. Não duvido que tenha sido abandonado, pobrezinho.

Tive a sensação de que ela estava certa; ele não era dali.

De volta às ruas, soltei-o da coleira para ver se ele sabia aonde ir. Mas ele me encarou com seus grandes olhos verdes. “Não sei onde estou”, parecia querer dizer. “Não posso ficar com você?”

Qual seria a história daquele gato? Será que era o bichinho de estimação de alguma família? Talvez tenha pertencido a uma pessoa idosa que faleceu... Ou talvez tenha sido um presente de Natal, ou de aniversário, mas a família não deu conta de cuidar quando ele ficou maior e mais sapeca... Esses gatos laranja podem ser um pouco malucos, e ficam ainda piores se não forem castrados.

“Já chega!” Imaginei seus antigos donos dizendo isso ao jogá-lo na beira da estrada.

Os gatos têm um excelente senso de direção, mas Bob não tentou encontrar o caminho de casa. Talvez ele soubesse que seu antigo lar não era um bom lugar para viver, que estava na hora de encontrar um novo dono.

A melhor pista para descobrir sua identidade era aquele ferimento asqueroso. A ferida já existia há alguns dias, parece que ele se

metera em uma briga. Isso dava a entender que se tratava de um gato de rua.

Londres sempre teve muitos gatos de rua, que perambulam por suas vias e vivem de migalhas e do carinho de estranhos. Esses vira-latas são o refugio e os destroços da cidade, lutam pela sobrevivência todos os dias. Muitos deles são parecidos com o gato laranja: um pouco maltrapilhos, criaturas sofridas.

Talvez ele tenha encontrado em mim sua alma gêmea.

Capítulo 2

A Estrada para a Recuperação



Quando eu era criança, na Austrália, nós tivemos um gatinho adorável, fofo e branquinho. Não sei de onde ele veio, muito provavelmente de algum pet shop sem licença para funcionar, mas tenho certeza de que não foi examinado por um veterinário antes de nós o comprarmos. O pobre animal estava coberto de pulgas.

A princípio, nós não percebemos. O gatinho tinha um pelo branco tão grosso que ninguém notou a infestação de pulgas. Quando finalmente percebemos, era tarde demais, e o animalzinho morreu de anemia. Eu devia ter cinco ou seis anos naquela época, fiquei arrasado. Minha mãe também.

Ao longo dos anos, pensei muitas vezes naquele gatinho. E, naquele fim de semana que passei com o gato laranja, não consegui tirá-lo de meus pensamentos. Como seu pelo estava em péssimas condições, tive a sensação horrível de que ele poderia ter o mesmo fim que o meu gato branco.

Sentado em meu apartamento, naquela noite de domingo, tomei uma decisão.

— Aquilo não vai acontecer com você — declarei. — Vou te levar a um veterinário.

Levantei cedo na manhã seguinte e dei a ele uma tigela de ração amassada misturada com atum. Sua pata estava muito inflamada, e eu sabia que ele não aguentaria fazer a caminhada de noventa minutos, então decidi carregá-lo numa caixa verde de reciclagem. Assim que partimos, ficou bem claro que ele não estava gostando nada daquilo, pois ficou esticando a patinha por cima da caixa, tentando sair. Então, finalmente desisti.

— Vem cá, vou te carregar — eu disse.

Ele subiu em meus ombros, onde se acomodou. Eu o deixei ficar ali e carreguei a caixa vazia durante todo o percurso, até chegarmos ao centro veterinário.

Estava lotado. A maioria eram cães assustados e doentes com seus donos irritados. O gato ficou sentado em meu colo, ou apoiado em meus ombros. Ele estava nervoso, e eu não podia culpá-lo. Praticamente todos naquela sala de espera rosnavam para ele.

Levou quatro horas e meia para sermos atendidos.

— Senhor Bowen? — disse a enfermeira, finalmente. — O veterinário o atenderá agora.

O veterinário tinha aquela expressão cansada de quem já havia visto de tudo neste mundo.

— Qual é o problema? — ele me perguntou.

Contei a ele sobre como encontrei o gato no corredor do prédio e lhe mostrei o abscesso na parte de trás da pata.

— Dá pra ver que ele está sofrendo — disse o veterinário. — Vou receitar um analgésico e alguns antibióticos. Volte daqui a quinze dias, se as coisas não melhorarem até lá.

— O senhor pode examinar pra ver se ele tem pulgas? — pedi.

O veterinário deu uma olhada rápida no pelo e disse não ter encontrado nada.

— Mas acho que vale a pena receitar um tratamento pra isso. As pulgas podem ser perigosas em filhotes — ele explicou.

Eu sei, pensei, recordando meu gatinho branco.

— Vamos verificar se ele tem um microchip? — disse o veterinário.

Não tinha. Novamente fiquei achando que ele era um gato de rua.

— Coloque um assim que puder — o veterinário aconselhou. — Ele também precisa ser castrado logo. Nós oferecemos um serviço gratuito de castração para gatos.

Pelo modo agitado como ele se comportou em meu apartamento, o seu jeito irrequieto, acenei, concordando com a cabeça.

— Boa ideia — sorri.

O veterinário fez algumas anotações e imprimiu a receita. Em poucos minutos havia terminado. Saindo do consultório, fui até o ambulatório e entreguei a receita.

— É um bichinho adorável — disse a senhora de avental branco do ambulatório. — Minha mãe teve um gato laranja certa vez. A melhor companhia que ela já teve. Temperamento maravilhoso. Costumava ficar sentado aos seus pés durante horas, vendo o mundo passar. Uma bomba podia explodir ao seu lado e nem assim ele saía de perto dela. São vinte e duas libras, meu bem.

Meu coração deu um pulo.

— Vinte e duas libras? Sério? — Eu tinha apenas trinta libras no bolso.

— Isso mesmo, meu bem — a enfermeira disse.

Entreguei a ela as trinta libras e peguei o troco. Era muito dinheiro para mim, a renda de um dia todo. Mas não havia escolha. Eu não podia decepcionar meu novo amigo.

— Por enquanto parece que estamos ligados um ao outro — eu disse ao gato ao sairmos caminhando de volta até o meu apartamento. — De modo algum vou deixar você ficar longe de mim; pelo menos por uns quinze dias, até terminar de tomar seus remédios. Ninguém mais daria esses remédios a você, não é?

Não sei por quê, a responsabilidade de tomar conta dele me fez sentir uma onda nova de energia. Eu tinha algo positivo para me ocupar além de cuidar de mim mesmo.

Comprei um suprimento de ração para gatos naquela mesma tarde. Custou cerca de nove libras, que era exatamente todo o dinheiro que havia sobrado. Naquela noite eu o deixei sozinho e fui para Covent Garden com meu violão. Afinal, agora eu tinha duas bocas para alimentar.



Passei a conhecê-lo melhor nos dias seguintes, enquanto cuidava dele e da sua saúde. Agora já havia lhe dado um nome: Bob. A ideia surgiu ao assistir ao DVD de um de meus antigos seriados favoritos, *Twin Peaks*.

No seriado havia um personagem chamado Killer Bob. Bob era um cara normal, tranquilo e, de repente, ficava maluco, totalmente descontrolado. O gato também era um pouco assim. Quando estava feliz e satisfeito, era o bichinho mais calmo e gentil do mundo. Mas, quando ficava mal-humorado, podia ser um maníaco completo. Então decidi que seu nome seria Bob.

Agora já estava bem claro que Bob havia vivido ao ar livre. Quando chegava a hora de ir ao banheiro, ele se recusava a usar a caixa de areia que eu havia comprado. Eu tinha que levá-lo lá embaixo e deixá-lo fazer as necessidades nos jardins que circundavam os prédios. Ele saía correndo, se metia dentro de um arbusto e fazia o que precisava fazer; depois, arranhava o chão para cobrir as provas.

Nossa vida se acostumou com a rotina. Pela manhã, eu deixava Bob sozinho no apartamento e me dirigia para Covent Garden, onde tocava até conseguir dinheiro suficiente. Quando chegava em casa, ele estava esperando por mim na porta da frente. Então, ele me

seguia até o sofá e assistia à TV comigo. Quando eu batia de leve no sofá convidando-o para se sentar a meu lado, ele obedecia.

— Vem cá, companheiro — eu o chamava quando estava na hora de ele tomar o remédio.

“Tenho mesmo que tomar isso”?, ele parecia perguntar.

Mas ele nunca relutava quando eu punha o comprimido em sua boca, empurrava e afagava sua garganta até ele engolir. Quase todos os gatos ficam bravos se alguém tenta abrir sua boca. Mas Bob já confiava em mim.

Havia algo muito especial nele. Com certeza, eu nunca tinha encontrado um gato como o Bob.

Ele não era perfeito, de modo algum. De vez em quando atacava a cozinha, derrubando tachos e panelas para procurar comida. Os armários e a porta da geladeira estão cobertos pelas marcas das suas garras.

Mas eu só precisava dizer: “Não, Bob, afaste-se daí”. E ele escapulia sorrateiramente, mostrando o quanto era inteligente. Isso também levantava dúvidas quanto a seu passado. Será que um gato de rua obedeceria a um ser humano? Duvido.

Eu realmente gostava da companhia dele, mas sabia que mais cedo ou mais tarde ele desejaria voltar para as ruas, que não era um gato doméstico. Mas não importava por quanto tempo ele ficaria comigo — eu estava disposto a cuidar dele da melhor forma possível.

Na manhã seguinte, levei Bob para fazer suas necessidades lá fora novamente. Ele se dirigiu mais uma vez ao mesmo lugar, nos arbustos perto das casas vizinhas — é muito provável que ele quisesse demarcar seu território, coisa que os gatos gostam de fazer. Como de costume, ele ficou ali por um minuto ou dois e depois passou algum tempo cobrindo os vestígios.

De repente ele parou, como se tivesse visto alguma coisa. Então, se lançou à frente, na velocidade da luz. Antes que eu pudesse

fazer qualquer coisa, Bob agarrou algo na grama, perto da cerca viva.

Era um ratinho cinza com menos de cinco centímetros de comprimento.

O coitadinho não teve chance.

— Você não vai comer isso — declarei. — Os ratos são cheios de doenças.

Ajoelhei-me e tentei tirar o rato dele, mas o Bob não gostou muito. Ele fez um barulho parecido com um rosnado, meio chiado. Recusei-me a ceder.

— Me dá isso, Bob. — exigi.

Ele me lançou um olhar querendo dizer: “Nem ligo pra você”.

Procurei no bolso do casaco e encontrei um pedacinho de petisco. — Que tal pegar este biscoito no lugar do ratinho, Bob? — sugeri. — Vai ser bem melhor.

Depois de mais alguns minutos, ele cedeu. Assim que se afastou do rato, eu o peguei pelo rabo e me liberei dele.

Os gatos são predadores mortais. Muita gente nem imagina que os seus lindos gatinhos são na verdade caçadores; só precisam ter a oportunidade para entrar em ação. Em algumas partes do mundo há regras severas proibindo soltar os gatos à noite, porque eles acabam com os pássaros locais e com a população de roedores.

Bob provou que era verdade. Sua frieza, velocidade e habilidade eram impressionantes. Ele sabia exatamente o que e como fazer.

Será que Bob precisava caçar e matar uma presa todo dia antes de me encontrar? Será que ele havia sido criado em uma casa ou sempre viveu solto nas ruas? Como ele se tornou aquele gato de hoje? Tenho certeza de que meu amigo tem muitas histórias para contar.

De certa maneira, isso é algo a mais que ele e eu temos em comum.

Capítulo 3



Como tive uma vida violenta nas ruas, as pessoas também imaginam coisas sobre mim. Por exemplo, “como fui acabar numa situação daquelas?”.

Todo mundo adora ouvir falar de pessoas como eu, perdidas na vida. Tenho certeza de que isso as faz se sentir melhor sobre suas próprias existências. “Bem, eu posso achar que minha vida é ruim, mas poderia ser bem pior”, elas pensam. “Eu poderia ser aquele pobre coitado”.

Pessoas como eu acabam nas ruas por muitos e diferentes motivos, mas existem sempre muitas semelhanças. Drogas, bebidas e problemas familiares são assuntos frequentemente relevantes. Com certeza, eles também foram decisivos na minha história.

Nasci em Surrey, um condado ao sudeste da Inglaterra, mas meus pais se separaram e minha mãe e eu nos mudamos para Melbourne, na Austrália, quando eu tinha apenas três anos. Lá, mamãe arrumou um emprego numa empresa de máquinas copiadoras e se tornou uma das principais vendedoras da companhia.

Depois de dois anos, nos mudamos para a Austrália Ocidental, onde ficamos até meus nove anos, mais ou menos. A vida na Austrália era muito boa. Eu tinha todo o espaço com que um garoto podia sonhar para brincar e explorar o mundo à vontade.

O problema é que era bem difícil fazer amigos na escola, pois nos mudávamos bastante. Minha mãe estava sempre comprando e vendendo casas, então nós íamos de um lugar para o outro o tempo todo. Nunca tive um lar de verdade.

Quando eu tinha nove anos, voltamos para o Reino Unido, para Sussex, perto de Horsham. Eu gostei de estar na Inglaterra de novo. Mas, então, tivemos que nos mudar outra vez — de volta para a Austrália Ocidental, quando eu tinha uns doze.

Fomos morar num lugar chamado Quinn's Rock, onde a maior parte de meus problemas começou. O fato de eu não me relacionar bem com meu padrasto naquela época não ajudou muito.

Na escola, eu estava sempre tentando agradar. Ficava ansioso demais por querer passar uma boa impressão, o que não é nada bom quando ainda se é uma criança. Acabei sofrendo *bullying* em todas as escolas que frequentei. Provavelmente eu me destacava por causa do sotaque britânico e da postura agitada. Fui um alvo bem fácil.

As coisas foram particularmente difíceis em Quinn's Rock. O lugar era chamado assim por um motivo: havia enormes aglomerados de pedra calcária espalhados em todos os cantos. Perfeitas para serem jogadas em um garoto como eu. Certo dia, voltando da escola para casa, fui perseguido e apedrejado. A certa altura, uma pedra me atingiu com força na cabeça e eu me machuquei seriamente. Sofri uma concussão cerebral.

Continuamos a nos mudar durante todos os anos do começo de minha adolescência. As mudanças geralmente eram necessárias por causa dos negócios de mamãe. Às vezes tínhamos muito dinheiro; em outras, não tínhamos nada. Ainda no meio da

adolescência, abandonei a escola, cansado de tanto sofrer com o *bullying*.

Foi assim que eu me tornei o indisciplinado, aquele que sempre chegava tarde em casa, sempre desafiando o comando da mãe e se rebelando contra as autoridades. Como era de esperar, acabei me envolvendo com drogas. Eu tinha muita raiva. Sentia que não havia tido boas oportunidades.

“Mostre-me uma criança de sete anos e eu te mostro o homem”, algumas pessoas dizem. Não tenho certeza se era possível prever meu futuro com apenas sete anos, mas certamente dava para adivinhar o que me aguardava quando tivesse dezessete. Eu estava a caminho da autodestruição.

Mamãe faz o que pôde para me ajudar. Ela conseguia enxergar os estragos que eu estava fazendo e os problemas que esperavam por mim. Vasculhava meus bolsos tentando achar drogas, e até mesmo me trancou no quarto algumas vezes. Mas as fechaduras da nossa casa eram fáceis de abrir, e eu me tornei um especialista em arrombá-las.

As coisas iam de mal a pior. Eu era um adolescente perturbado, que achava que sabia mais que os outros. Minha mãe deve ter ficado tremendamente preocupada. Eu não me importava com os sentimentos de ninguém, a não ser os meus próprios.



Voltei a morar em Londres com minha meia-irmã, do casamento anterior de mamãe, quando estava com mais ou menos dezoito anos.

Minha mãe me levou ao aeroporto e me deixou lá. Nós dois pensávamos que eu ficaria fora por uns seis meses, mais ou menos. Mas as coisas não saíram como o planejado.

De volta ao Reino Unido, não consegui arrumar um emprego decente. Trabalhei como barman por certo tempo, mas me demitiram. Minha meia-irmã e o marido dela me puseram para fora de casa porque eu não era uma companhia agradável. Encontrei meu pai algumas vezes, mas não nos demos muito bem. Comecei a dormir no chão e em sofás da casa de amigos, carregando meu saco de dormir por toda a cidade de Londres. Então, quando não tinha mais um canto de chão para mim, me mudei para as ruas.

A partir dali, as coisas começaram a ficar ruins de verdade.

Viver nas ruas te deixa sem nada. Sem sua dignidade, sua identidade. Pior ainda, as pessoas o tratam como um Zé Ninguém. Logo você não tem mais nenhum amigo neste mundo. Consegui arrumar um emprego como auxiliar de cozinha, mas me demitiram ao descobrir que eu não tinha casa, muito embora eu não tenha feito nada de errado.

A única coisa que poderia ter me salvado seria voltar para a Austrália. Eu tinha uma passagem para voltar, mas perdi o passaporte duas semanas antes do voo. Qualquer esperança de voltar para minha família na Austrália desapareceu. E, de certa maneira, eu também.



A fase seguinte de minha vida é um emaranhado de drogas, bebidas, pequenos delitos e total desesperança.

Em 1998 eu estava completamente dependente de heroína. Muito provavelmente estive perto da morte diversas vezes. Durante aquele período, nunca pensei em entrar em contato com minha família. Nossa, eu imagino o quanto eles sofreram!

Depois de um ano vivendo desse modo, fui recolhido das ruas por uma instituição de caridade, e fiquei em vários abrigos. Durante a maior parte da década seguinte acabei morando em albergues, pensões e casas horríveis, dividindo o espaço com viciados que

roubavam tudo o que eu possuía. Eu dormia com meus bens mais importantes enfiados dentro das roupas. Era uma questão de sobrevivência.

Meu vício ficou tão sério que fui parar em um programa de reabilitação. Fiz um pouco de terapia lá, onde eu falava sobre minha dependência, como ela começou e como eu iria abandoná-la.

Eu havia me tornado um viciado em heroína porque estava sozinho, pura e simplesmente. Por estranho que pareça, a heroína era minha única amiga. No entanto, lá no fundo, eu sabia que ela estava me matando.

Lentamente fui passando da heroína para a metadona, que é o primeiro passo para escapar do vício. Na primavera de 2007, planejei também parar de tomar a metadona e me livrar das drogas por completo.

A mudança para minha quitinete em Tottenham, em um prédio de apartamentos comum, cheio de famílias comuns, me deu a oportunidade de colocar a vida nos trilhos novamente. Para pagar o aluguel, comecei a me apresentar como músico nas ruas de Covent Garden. Não ganhava muito, mas ajudava a colocar comida na mesa e a pagar as contas. Era minha chance de virar o jogo. Eu tinha que aproveitá-la.

Se eu fosse um gato, estaria em minha nona vida.

Capítulo 4



Ao final da segunda semana de tratamento, Bob já estava com a aparência bem melhor. O ferimento na pata traseira estava cicatrizando. As falhas em sua pelagem começaram a desaparecer, sendo substituídas por um pelo novo e mais grosso. Ele estava com a carinha mais alegre. Havia um brilho verde e amarelo maravilhoso em seus olhos, que eu não percebera antes.



Sua agitação em volta do apartamento provava que ele estava se sentindo muito melhor. Ele corria por todos os cantos desde o primeiro dia, mas na última semana se transformou em uma bolinha cheia de energia, bem mais ativo que antes. Algumas vezes ele pulava e voava pelo apartamento como um louco. Arranhava furiosamente tudo o que encontrava pela frente, incluindo a mim. Eu não me importava. Ele estava só brincando.

Bob se tornou um grande perigo dentro da cozinha; então, para proteger meus alimentos, precisei comprar algumas daquelas travas plásticas que impedem que crianças abram as portas que não devem. Também tive que tomar muito cuidado com o que deixava por perto. Tudo o que ele achava virava brinquedo. Um par de sapatos, ou uma peça de roupa, poderiam ser arranhados e destruídos em minutos.

Não havia dúvida de que Bob precisava ser castrado.

Se eu não o castrasse, seus hormônios tomariam conta dele por completo. Provavelmente ele fugiria e desapareceria por dias, ou

semanas, à procura de fêmeas. Poderia ser atropelado ou de se envolver em brigas. Havia também o pequeno risco de ele contrair algumas doenças ruins. Se eu o castrasse, ele ficaria bem mais calmo e controlado. Não havia muita escolha.

Alguns dias antes de Bob terminar de tomar os remédios, liguei para a clínica do bairro.

— Posso inscrever o meu gato para a castração gratuita? — perguntei.

— Sim — a enfermeira respondeu. — Ele já tem o atestado de um veterinário?

Expliquei que havia recebido um atestado depois da consulta no RSPCA, por causa da pata machucada e do tratamento com vermífugos. Ela disse que tudo bem.

— E quanto aos remédios que ele está tomando? — indaguei. — Ele está terminando uma caixa de antibióticos.

— Isso não deve ser problema — ela garantiu. — Podemos agendar a cirurgia para daqui a dois dias.

Levantei bem cedo na manhã da operação. Nós tínhamos que estar na clínica às dez horas. Coloquei Bob dentro da caixa verde de reciclagem, a mesma que eu havia usado havia quinze dias para levá-lo ao RSPCA. O tempo estava horrível, então coloquei a tampa solta por cima assim que saímos do prédio. Ele não gostou nem um pouco, não mais do que da primeira vez, e não parava de colocar a cabeça para fora; queria ficar olhando o mundo a seu redor.

Chegamos à clínica com bastante antecedência. A mesma cena caótica de sempre, com cães puxando as coleiras e rosnando para os gatos dentro de suas caixas de transporte. Bob parecia estranho dentro da caixa verde, mas não estava nem um pouco intimidado. Parecia confiar plenamente em mim.

— Senhor Bowen? — disse uma jovem enfermeira. — Acompanhe-me, por favor.

Fomos para uma sala, onde ela me fez algumas perguntas.

— Esta operação não pode ser revertida — ela advertiu. — Tem certeza de que não vai querer ter filhotes do Bob?

— Sim, tenho certeza — garanti, fazendo um carinho na cabeça dele.

— E qual a idade do Bob?

— Não sei — confessei, e contei a história dele.

— Hum, vamos dar uma olhada. — A enfermeira examinou Bob. — Se os gatos machos não são castrados, eles mudam de aparência quando ficam mais velhos — ela explicou. — Ficam com a cara mais cheia, principalmente na área das bochechas. A pele também fica mais grossa e eles costumam ficar bem grandes. Bob não é muito grande, então acredito que talvez ele tenha uns nove ou dez meses.

Bob era praticamente um bebê!

— Existe um pequeno risco de complicações — ela disse, enquanto me entregava alguns formulários para preencher. — Mas vamos fazer um exame completo nele, e talvez realizar alguns exames de sangue antes da operação. Se houver algum problema, entraremos em contato com você.

— Tudo bem — eu disse, me sentindo envergonhado, porque não tinha um celular, o que seria um problema se quisessem entrar em contato comigo.

A enfermeira me explicou como seria a cirurgia.

— Se tudo correr bem, você pode vir buscar o Bob daqui a seis horas — ela avisou, olhando para seu relógio. — Então, por volta das quatro e meia. Tudo bem?

Depois de um último afago em Bob, me dirigi para as ruas sombrias. Não dava tempo de ir até o centro de Londres para minhas apresentações costumeiras. Então, decidi me arriscar perto da estação de trem mais próxima, a Dalton Kingsland. Ganhei

alguns trocados e as horas passaram enquanto eu esperava por Bob. Havia um sapateiro bem simpático ali perto, onde eu pude me abrigar da chuva quando ela finalmente caiu.

Tentei não pensar em Bob enquanto dedilhava meu violão. Tinha ouvido histórias sobre gatos e cachorros que iam ao veterinário fazer os procedimentos mais simples e nunca mais voltavam. Lutei para afastar esses pensamentos tristes de minha cabeça. Para piorar, havia enormes nuvens escuras me olhando carrancudas lá do alto.

O tempo passou muito, muito lentamente. Finalmente, o relógio chegou às quatro e quinze, e eu comecei a empacotar minhas coisas. Quase corri nos últimos metros antes de chegar à clínica.

A enfermeira da manhã estava no balcão de recepção. Ela me recebeu com um sorriso caloroso.

— Como ele está? Foi tudo bem? — perguntei, com a respiração ainda ofegante.

Estranho. Eu não me sentia daquele modo em relação a ninguém — ou coisa alguma — havia anos.

— Ele está ótimo. Não se preocupe — ela disse. — Respire com calma; vou te levar até lá.

Fui até o centro cirúrgico e vi Bob deitado em uma gaiola confortável e aquecida.

— Olá, companheiro, como você está? — perguntei, aliviado.

Ele ainda estava meio dopado e sonolento e não me reconheceu imediatamente, mas, quando conseguiu, se sentou na gaiola e começou a arranhar as portas.

“Me deixa sair daqui!”, parecia querer dizer.

Assinei alguns papéis enquanto a enfermeira examinava Bob mais uma vez, para ter certeza de que ele estava bem para ir embora. Ela foi realmente muito agradável e prestativa.

— Se perceber algum problema, ligue para a gente, ou o traga aqui para podermos examiná-lo. Mas tenho certeza de que ele vai ficar bem — garantiu ela.

— Por quanto tempo ele ainda vai ficar sonolento? — perguntei.

— Isso varia bastante — ela afirmou. — Alguns gatos voltam ao normal imediatamente, outros demoram mais. Normalmente, em quarenta e oito horas eles estão de volta ao normal. Provavelmente ele não vai querer comer muito amanhã, mas o apetite retornará muito em breve. Como eu já disse, ligue para cá se ficar preocupado com alguma coisa.

Eu estava prestes a colocar Bob de volta na caixa de reciclagem quando ela me impediu.

— Acho que tenho algo melhor do que isso — e ela trouxe uma linda caixa de transporte azul-celeste.

— Ah, esta não é minha — expliquei.

— Tudo bem — ela garantiu. — Temos muitas dessas caixas sobrando, pode ficar com esta. Da próxima vez que passar por aqui, você a devolve.

— Verdade?

Como uma caixa tão boa podia estar sobrando? Talvez alguém tivesse esquecido. Ou, talvez, alguém trouxe seu gato ali dentro e, depois, descobriu que não precisaria mais dela... Não era uma possibilidade muito alegre de imaginar.

No dia seguinte, não fui trabalhar. Fiquei em casa para cuidar bem do Bob. Ele tinha que ser monitorado de vinte e quatro a quarenta e oito horas após a cirurgia, para ter certeza de que não sofreria nenhum efeito colateral. Embora eu precisasse muito de dinheiro, nunca me perdoaria se algo ruim acontecesse a ele. Então, fiquei na quitinete o tempo todo.

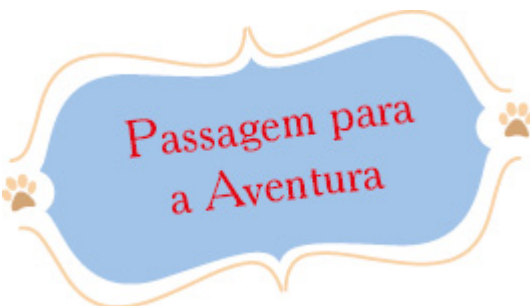
Na dia seguinte, Bob comeu um pouco de manhã, o que era animador. Ele também deu algumas voltas pelo apartamento, muito

embora estivesse longe de ser o mesmo gato ativo de sempre.

Alguns dias depois, ele começou a se parecer mais com o antigo Bob. Em pouco tempo já estava devorando a comida, exatamente como antes. Ainda sentia um pouco de dor, mas não era um grande problema.

Fiquei feliz por ter tomado a decisão de castrá-lo.

Capítulo 5



Estava na hora de Bob sair do apartamento e retornar às ruas, onde era seu lugar. Pensei que ele estivesse ansioso para voltar à vida antiga, agora que já estava completamente recuperado da cirurgia.

Levei-o para baixo.

— Pode sair, companheiro — eu disse, e apontei em direção à rua.

Bob parecia confuso.

“O que você quer que eu faça?”, ele parecia dizer.

— Vai, vai, vai — eu disse, fazendo um movimento com as mãos.

Ele pisou suavemente e foi em direção ao lugar onde gostava de fazer suas necessidades. Quando terminou, caminhou de volta para perto de mim. Desta vez sua expressão dizia: “Ok, fiz o que você queria. E agora?”



Pela primeira vez, um pensamento surgiu em minha cabeça.

— Acho que você quer ficar por aqui — disse.

Uma parte de mim ficou feliz, mas eu sabia que não deveria deixar isso acontecer. Ainda estava me esforçando para me sustentar. Como poderia tomar conta de um gato? Não era justo para nenhum de nós.

Então, com o coração apertado, decidi que, quando fosse para o trabalho, pela manhã, eu o levaria para fora do prédio e o deixaria nos jardins.

— Amor difícil — disse a mim mesmo.

Ele não gostou nem um pouco.

A primeira vez que fiz isso ele me lançou um olhar indignado.

“Traidor”, parecia querer dizer.

Caminhando com meu violão, ele me seguiu, ziguezagueando pelas calçadas como se fosse um espião que não quisesse ser visto. Só que era fácil demais reconhecer seu pelo alaranjado, diferente, subindo e descendo as ruas.

Cada vez que o via, eu parava.

— Ah, companheiro. Por favor, vá embora! — eu pedia, acenando exageradamente, até que ele entendeu a mensagem e desapareceu.

Quando voltei, seis horas depois, ele estava me esperando na entrada do prédio. Parte de mim queria impedi-lo de entrar. Mas essa parte foi dominada pela outra, que ficou emocionada pela lealdade que ele estava demonstrando, e queria convidá-lo para subir ao apartamento e se aconchegar aos meus pés.

Nós nos acostumamos a essa rotina.

Todos os dias eu o deixava do lado de fora, e todas as noites, ao voltar de minhas apresentações de rua, ele estava esperando por mim. Ficou óbvio que Bob não iria embora.

Eu tinha que fazer uma última tentativa e deixá-lo para fora durante toda a noite.

Na primeira noite em que eu quis fazer isso, tentei me esquivar pela entrada para ele não me ver. Jogada ridícula. Ele tinha mais inteligência nos fios de seus bigodes do que eu tinha em meu corpo todo. Assim que abri a porta do prédio, lá estava ele, se esgueirando porta adentro. Muito embora isso me doesse, eu o deixei no

corredor aquela noite, mas ele estava esperando por mim, sobre o capacho, de manhã.

Nos dias seguintes realizamos a mesma performance. Ele sempre vencia.

Então, ele começou a me seguir novamente.

Na primeira vez, Bob foi até a rua principal. Na vez seguinte, me acompanhou por alguns metros até o ponto de ônibus. Parte de mim admirava sua determinação, mas outra parte o amaldiçoava. O gato ficava mais e mais ousado a cada dia. E todas as noites, quando eu chegava em casa, lá estava ele — esperando.

Alguém teria que ceder. E isso aconteceu.



Certo dia, ao me encaminhar para o trabalho como de costume, vi Bob sentado num beco.

— Oi, companheiro — cumprimentei.

Ele começou a me seguir, mas como sempre eu o repeli e ele escapuliu.

Não vi sinal dele enquanto descia a rua.

Acho que ele finalmente entendeu a mensagem, murmurei para mim mesmo.

Para chegar a meu ponto de ônibus, eu tinha que atravessar a Tottenham High Road, uma das ruas mais movimentadas e perigosas do norte de Londres. Quando parei na calçada, tentando atravessar no meio do tráfego barulhento, senti algo se encostar em minha perna. Olhei para baixo.

— Bob! — falei, ofegante.

Para meu horror, Bob estava a meu lado, tentando também atravessar a rua.

— O que está fazendo aqui? — sussurrei.

Ele olhou para mim. “Pergunta idiota”, parecia querer dizer.

Eu não podia permitir que ele se arriscasse. Então o peguei em meus braços e o coloquei nos ombros, onde eu sabia que ele gostava de se sentar. Ele ficou empoleirado ali, aconchegado junto a minha cabeça, enquanto eu atravessasse a rua.

— OK, Bob, já basta. — Eu o coloquei de volta na calçada.

Ele se esgueirou rua abaixo, no meio da multidão.

Talvez esta seja a última vez que o vejo, pensei.

Alguns momentos depois, o ônibus chegou. Era um ônibus vermelho antigo de dois andares, um Routemaster, daqueles de que a gente pode saltar pela parte de trás. Eu estava me sentando quando vi, atrás de mim, uma mancha repentina de pelo alaranjado.

Antes mesmo que eu percebesse, Bob tinha pulado e se acomodado no banco a meu lado. Fiquei pasmo. Percebi — finalmente — que nunca iria me livrar daquele gato.

— Tudo bem — dei risada e fiz um sinal para ele subir em meu colo. — Pode vir.

Bob pulou imediatamente em cima de mim. Em um minuto, a cobradora apareceu. Era uma senhora indiana alegre e bem-disposta, e sorriu para Bob e depois para mim.

— Ele é seu? — ela perguntou, fazendo um afago nele.

— Acho que sim — respondi.



Pelos quarenta e cinco minutos seguintes, Bob ficou sentado a meu lado com o focinho pressionado no vidro, olhando o mundo passar a sua volta. Parecia fascinado pelos carros, ciclistas, vans e pedestres zunindo a nosso redor. Ele não ficou nem um pouco assustado.

A única vez em que Bob se afastou da janela e olhou para mim em busca de apoio foi quando a sirene de um carro de polícia, de bombeiros ou de uma ambulância o pegou de surpresa, ou passou perto demais do ônibus.

— Não há nada com o que se preocupar — expliquei a ele, dando-lhe um tapinha nas costas de vez em quando. — É assim que são os sons do centro de Londres, Bob. Melhor se acostumar com isso.

De certo modo, eu sabia que não seria a última vez que faríamos aquela viagem juntos. Tive a sensação de que ele tinha entrado em minha vida para ficar.

Capítulo 6



Descemos do ônibus em meu ponto costumeiro, perto da estação de metrô da Tottenham Court Road. Na calçada, procurei no bolso do casaco e encontrei o cadarço de sapato que servia de coleira. Coloquei-o em volta do pescoço de Bob. Não queria que ele desaparecesse. Ele acabaria se perdendo em um segundo — ou, pior ainda, seria atropelado por um desses ônibus ou táxis pretos que passam rapidamente, indo e voltando da Oxford Street.



Compreensivelmente, isso tudo era bem assustador para Bob. Enquanto abríamos caminho pela multidão de turistas e consumidores, percebi que ele estava inquieto. Então, decidi pegar um de meus atalhos pelas ruas secundárias que levam a Covent Garden.

— Venha Bob, vamos cair fora dessa multidão.

Mesmo assim, ele não ficou muito feliz. Depois de apenas alguns metros, pude notar que Bob queria que eu o pegasse no colo.

— Tudo bem, mas não vá se acostumar — eu disse, levantando-o e o colocando sobre meus ombros, assim como tinha feito na Tottenham High Road.

Ele logo se acomodou confortavelmente, parecendo estar na torre de vigia de um navio pirata. Provavelmente eu estava parecendo um pirata, só que carregando um gatinho, não um papagaio. Eu o sentia

ronronar levemente enquanto caminhava em direção a Covent Garden.

Depois de algum tempo, quase esqueci que ele estava ali no meu ombro. Comecei a pensar nas coisas de sempre. Será que o tempo firmaria durante minhas cinco horas de apresentação na rua? Que tipo de público estaria em Covent Garden? Quanto tempo levaria para ganhar as vinte ou trinta libras de que precisava para me sustentar — e agora a Bob — pelos próximos dias? Eu tinha demorado quase cinco horas no dia anterior.

Fiquei remoendo essas coisas quando de repente me conscientizei de uma coisa.

Geralmente ninguém olhava para mim, nem mesmo de relance. Eu era um artista de rua em Londres. Eu não existia para os outros. Na verdade, era alguém que as pessoas evitavam. Mas, naquela tarde, à medida que descia a Neal Street, quase todo mundo que passava ficava me encarando. Bem, para ser mais exato, todo mundo olhava para Bob.

Uma ou duas pessoas tinham um olhar confuso estampado no rosto. Devia ser estranho ver um cara alto, de cabelos compridos, caminhando com um enorme gato laranja nos ombros. Não era algo comum em Londres. Mas a maioria abria um largo sorriso. Não demorou muito, começaram a nos parar.

— Ah, olhe só estes dois — disse uma senhora bem-vestida, carregada de sacolas. — Ele é maravilhoso. Posso fazer um carinho nele?

— Claro — concordei, pensando que a cena não mais se repetiria.

Ela jogou as sacolas no chão e aproximou seu rosto do de Bob.

— Que gracinha — disse ela. — Ele fica muito bem sentado nos seus ombros desse jeito, não é? Isso não é nada comum. Ele realmente deve confiar em você.

Eu mal tinha me despedido da senhora quando duas turistas suecas se aproximaram.

— Qual o nome dele? Podemos tirar uma foto? — elas disseram, começando a clicar imediatamente, assim que concordei.

— O nome dele é Bob — disse.

— Ah, Bob. Legal.

Depois de alguns minutos, tive que me despedir educadamente. Continuamos nossa caminhada até o fim da Neal Street, na direção da Long Acre. Mas o caminho foi longo. Eu mal conseguia andar alguns metros sem ser parado por alguém que queria afagar ou conversar com Bob. Era ridículo.

Normalmente eu levava cerca de dez minutos para caminhar do ponto de ônibus até o lugar onde fazia minhas apresentações. Quando finalmente chegamos a Covent Garden, já era quase uma hora depois do horário em que eu geralmente começava a trabalhar.

Muito obrigado, Bob, você provavelmente me fez deixar de ganhar alguns trocados, pensei. Eu estava seriamente preocupado. Se ele fosse me atrasar daquele modo todas as manhãs, eu realmente não poderia deixar que me acompanhasse no ônibus novamente.

Não demorou muito para eu começar a pensar de um modo ligeiramente diferente.

Àquela altura, eu já estava me apresentando em Covent Garden havia cerca de um ano e meio. Começava por volta das duas ou três da tarde, e continuava até perto das oito da noite. Nos fins de semana eu chegava mais cedo e fazia a apresentação na hora do almoço. Na quinta, sexta e sábado eu continuava até bem mais tarde, tentando tirar vantagem do número extra de londrinos que ficavam passeando por ali ao fim de mais uma semana de trabalho.

Nas últimas duas horas de cada dia, eu percorria todos os pubs de Covent Garden, onde as pessoas se sentavam do lado de fora. Nos meses de verão isso podia ser bem produtivo, mas também arriscado. Algumas pessoas simplesmente não gostavam que eu

me aproximasse delas e chegavam a ser bem grosseiras, até mesmo desrespeitosas. Mas eu estava acostumado. Havia muita gente que ficava feliz ao me ouvir tocando, e então eu ganhavas uns trocados.

Os artistas de rua trabalhavam em partes diferentes de Covent Garden. Os músicos tocavam perto da Royal Opera House e da Bow Street, enquanto os malabaristas e outros, no lado ocidental da praça. A James Street era o lugar das estátuas vivas, mas normalmente ficava meio desocupada, então a tornei o meu cantinho. Sempre havia o risco de ser transferido para a Bow Street, junto com os outros músicos, mas valia a pena arriscar. O número de pessoas que saía da estação de metrô era enorme. Se apenas uma entre mil me desse algum dinheiro, eu me daria bem.

Chegando ao lugar de sempre, fui ver se o local estava tranquilo. Parecia não haver nenhum fiscal por perto, então coloquei Bob na calçada rente ao muro, abri o estojo do violão, tirei o casaco e me preparei para afinar o instrumento.

Algumas pessoas diminuíram o passo ao se aproximar de mim e jogaram algumas moedas no estojo do violão, antes mesmo de eu dedilhar uma nota sequer. *Quanta generosidade*, pensei.

Ouvi uma voz masculina atrás de mim.

— Belo gato, amigo — ele disse.

Virei-me e vi um cara comum, de vinte e poucos anos, me fazendo um sinal positivo com o dedão e se afastando com um sorriso no rosto.

Fiquei surpreso. Bob tinha se enrolado confortavelmente, como uma bolinha, no meio do estojo do violão. Eu já sabia que ele era encantador. Mas havia algo mais.

Capítulo 7

Trabalho em Equipe



Apreendi a tocar violão sozinho, quando ainda era adolescente e morava na Austrália. As pessoas me ensinavam algumas posições e eu continuava a praticar por conta própria. Ganhei meu primeiro violão aos quinze ou dezesseis anos. Já era bem tarde para começar a aprender a tocar, eu acho. Adorava Jimmy Hendrix e tinha vontade de tocar como ele.

Meu set list era repleto de músicas que eu amava: Nirvana, Bob Dylan e bastante Johnny Cash. A canção mais popular do meu repertório era “Wonderwall”, do Oasis. Essa sempre dava certo, principalmente do lado de fora dos pubs, quando eu ficava vagando até tarde da noite.

Eu estava tocando havia poucos minutos quando um grupo de crianças parou a meu lado. Estavam todas usando camisetas de futebol brasileiras e falando uma língua que reconheci como sendo o português. Uma delas, uma garota bem jovem, se curvou e começou a acariciar Bob.

— Ah, que gato bonito — ela disse.

Quase imediatamente, outras pessoas começaram a parar para ver o que era aquela movimentação toda. Cerca de meia dúzia dos

garotos brasileiros e outros transeuntes começaram a fuçar nos próprios bolsos, e as moedas começaram a chover no estojo.

— Afinal de contas, parece que você não é uma companhia tão ruim assim, Bob. Vou te convidar para vir aqui mais vezes — sorri para ele.

Eu não havia planejado levá-lo comigo, portanto não tinha muita coisa para lhe dar. Havia metade de um pacote do seu petisco favorito em minha mochila, então fui lhe dando um biscoitinho de vez em quando. Assim como eu, ele teria que esperar até mais tarde para fazer uma refeição decente.

À medida que a tarde foi passando e a noite começou a se aproximar, a multidão começou a aumentar, com gente saindo do trabalho ou indo para o West End aproveitar a noite. Logo, mais e mais pessoas diminuía o passo para dar uma olhada em Bob.

Quando a escuridão começou a cair, uma senhora parou para bater papo.

— Há quanto tempo você tem ele? — ela perguntou, se curvando para afagar Bob.

— Ah, só algumas semanas — respondi. — Nós praticamente nos encontramos por acaso.

— Encontraram um ao outro? Que interessante.

Ela sorriu quando lhe contei a história de como nos conhecemos e como eu havia passado uma semana cuidando dele até ficar saudável novamente.

— Eu tive um gato laranja muito parecido com esse há alguns anos — ela disse. Por um momento achei que ela fosse chorar. — Você tem sorte de tê-lo encontrado. Eles são ótimos companheiros, são muito silenciosos e dóceis. Você encontrou um amigo de verdade.

— Acho que a senhora tem razão — sorri.

Ela colocou uma nota de cinco libras em meu estojo antes de partir.

Após uma hora, eu já tinha juntado a quantia que normalmente conseguiria depois de um bom dia de trabalho: mais de vinte libras.

Isso é incrível, pensei comigo mesmo.

Mas alguma coisa dentro de mim dizia que ainda não era hora de parar.

Eu estava meio em dúvida em relação a Bob. Apesar de meus instintos me dizerem que de certo modo aquele gato e eu fomos unidos pelo destino, eu imaginava que algum dia ele partiria e trilharia seu próprio caminho. Então, enquanto as pessoas continuavam a diminuir o passo e a brincar com ele, pensei que deveria aproveitar ao máximo aquela situação. Aproveitar enquanto a sorte me sorria e coisa e tal.

— Se ele quiser sair e se divertir a meu lado, tudo bem — eu disse a mim mesmo. — Se, além disso, eu ganhar algum dinheiro, melhor ainda.

Só que àquela altura era mais do que simplesmente ganhar um pouco de dinheiro.

Eu havia me acostumado a ganhar por volta de vinte libras por dia. Mas, naquela noite, ficou claro que ganharia bem mais do que isso.

Depois de guardar o violão, somei meus ganhos. Tinha conseguido a principesca quantia de 63,77 libras. Pode não ser muito para a maioria das pessoas que estavam passeando por Covent Garden. Mas para mim, era.

Transferi todas as moedas para a mochila e a pendurei em meus ombros. Estava chacoalhando como um enorme cofrinho. E pesava uma tonelada! Fiquei extasiado. Era a maior quantia que eu já havia recebido depois de um dia de trabalho nas ruas.

Peguei Bob no colo e lhe fiz um agrado na parte de trás do pescoço.

— Bom trabalho, companheiro — disse. — Isso é o que eu chamo de um dia produtivo.

Decidi que não precisaria perambular pelos pubs naquela noite. Bob estava com fome — e eu também. Precisávamos voltar para casa.

Caminhei em direção à Tottenham Court Road e ao ponto de ônibus, com Bob novamente encarapitado em meus ombros. Decidi não conversar com todas as pessoas que parassem e sorrissem para nós, pois não aguentaria — havia gente demais. Queria chegar em casa antes da meia-noite.

— Vamos comer alguma coisa bem gostosa hoje, Bob — comentei quando nos acomodamos no ônibus de volta para casa.

Bob grudou o focinho na janela, encarando as luzinhas brilhantes e o tráfego.

Desembarcamos perto de um restaurante indiano muito agradável, na Tottenham High Road. Nunca tive dinheiro sobrando para comprar algumas das delícias de seu cardápio. Porém, naquela noite, entrei.

— Um frango *masala* com arroz de limão, pão *naan* e curry *de paneer*, por favor, amigo — pedi.

Os garçons me olharam de um jeito engraçado quando viram Bob na coleira.

— Volto em vinte minutos para buscar a comida — falei, e fui com Bob para o supermercado do outro lado da rua.

— Que tal um belo saco de ração chique, Bob? — sugeri no supermercado. — E alguns pacotes de seus petiscos favoritos, e um pouco de leite especial para gatos? Vamos aproveitar. Foi um dia inesquecível.

Depois de pegar nosso jantar, voltei praticamente correndo para casa, de tão envolvido que estava pelos cheiros tentadores vindos da sacola de papel pardo da casa indiana. Quando entramos, Bob e eu devoramos nossa comida, como se não houvesse amanhã. Eu não comia tão bem assim havia meses, talvez anos. Tenho quase certeza de que Bob também.

Então, nos aquietamos por algumas horas, eu assistindo à televisão e ele aconchegado em seu lugarzinho preferido debaixo do aquecedor. Dormimos profundamente naquela noite.

Capítulo 8



Na manhã seguinte, fui acordado por um som alto e estridente vindo da cozinha. Acho que Bob estava tentando abrir o armário onde eu guardava a comida e derrubou tudo. Era o seu modo de dizer: “Levanta! Quero meu café da manhã”.

Forcei-me a sair da cama e fui cambaleando até a cozinha.

— Tudo bem, companheiro, entendi o que você quer — bocejei, destravando o armário e pegando um sachê com sua ração preferida, sabor frango.

Ele a devorou em segundos. Então, bebericou água em sua tigela, lambeu o focinho e as patas até deixá-los bem limpos e foi caminhando até a sala, onde assumiu sua posição favorita, perto do aquecedor.

Se a nossa vida fosse sempre assim tão simples, pensei.

Eu havia pensado em não ir trabalhar, mas então mudei de ideia. Foi um golpe de sorte a noite passada, mas aquele dinheiro não duraria para sempre. Havia uma nova responsabilidade em minha vida, uma boca extra para alimentar — e bem faminta.

Não tinha certeza se Bob queria sair novamente comigo para as apresentações de rua, mas coloquei alguns petiscos na sacola, caso ele decidisse me seguir novamente.

Era o começo da tarde quando me preparei para sair com a mochila e o violão pendurado nas costas. Quando estava prestes a fechar a porta atrás de mim, Bob correu como um raio em minha direção e me seguiu pelo corredor e pelas escadas.

No térreo, fez suas necessidades nos arbustos e então trotou até a área onde ficam as latas de lixo.

Ele era fascinado pelas latas. Só Deus sabe o que ele estava descobrindo — e comendo — por ali. Não gostei muito. Felizmente, deviam ter recolhido o lixo mais cedo naquela manhã, pois não havia nenhum detrito espalhado ao redor.

Decidi partir sem ele. Sabia que, de um modo ou de outro, ele daria um jeito de voltar para dentro do prédio, e provavelmente esperaria por mim até à noite.

Nada mais justo, pensei. Bob tinha me feito um grande favor no dia anterior. Eu não o exploraria exigindo que me acompanhasse todos os dias. Ele era meu companheiro, não meu empregado!

O céu estava cinza, e havia um toque de chuva no ar. Se apresentar nas ruas num dia de chuva nunca era uma ideia muito boa. Em vez de os passantes se solidarizarem, simplesmente apertavam o passo e sumiam rapidamente. Portanto, decidi que, se estivesse chovendo pesado no centro da cidade, eu voltaria para casa e passaria o dia ao lado de Bob.

Já havia caminhado cerca de cento e oitenta metros, ou coisa parecida, quando senti algo atrás de mim. Girei o corpo e vi uma figura conhecida pisando de leve na calçada.

— Ah, mudou de ideia, né?

Bob me lançou um olhar suplicante, como se quisesse dizer: “Bem, por que você acha que estou parado aqui?”.

Eu ainda tinha comigo o cadarço que servia de coleira. Coloquei-o em volta do pescoço dele e começamos a descer a rua juntos.

As pessoas imediatamente começaram a prestar atenção na gente. Certamente estavam pensando que eu não “batia bem”, levando um gato laranja por aí amarrado em um cadarço de sapato.

— Se isso se tornar uma rotina, vou ter que comprar uma coleira de verdade pra você — falei baixinho para Bob, repentinamente me sentindo um pouco tímido.

Mas, para cada pessoa que me olhava de um jeito meio bravo, havia dezenas que sorriam e acenavam. Uma senhora carregada de sacolas de compras nos deu um sorriso largo e simpático.

— Vocês dois formam uma imagem linda — ela comentou.

Durante todos os meses em que eu havia morado ali, nunca ninguém tinha conversado comigo nas ruas perto de meu apartamento. Era estranho agora conversarem, mas também maravilhoso. Era como se a capa da invisibilidade do Harry Potter tivesse escorregado de meus ombros.

Quando chegamos ao cruzamento da Tottenham High Road, Bob me olhou.

“Vamos lá, você sabe o que fazer agora”, ele parecia querer dizer.

Coloquei-o sobre meus ombros, atravessei a rua e peguei o ônibus.

Eu estava certo em relação ao tempo. A chuva começou a cair com força, criando desenhos na janela do ônibus, onde mais uma vez Bob pressionou o focinho de encontro ao vidro. Do lado de fora se via um mar de guarda-chuvas. Havia gente correndo, pisando em poças de água para evitar o aguaceiro que corria.

Felizmente, a chuva perdeu a intensidade quando chegamos ao centro. Apesar do tempo ruim, ainda havia mais gente nas ruas do que no dia anterior.

— Vamos experimentar por algumas horas — eu disse a Bob, enquanto o colocava em meus ombros e caminhava em direção a Covent Garden. — Se começar a chover de novo, a gente volta pra casa, prometo.

Caminhando pela Neal Street, mais uma vez as pessoas ficaram nos parando o tempo todo. Fiquei feliz por vê-las fazendo carinho em Bob sem qualquer motivo. Mas rapidamente percebi que seria melhor continuar a caminhar; do contrário, sem perceber, seria cercado pela multidão.

Algo interessante aconteceu quando estávamos nos aproximando do final da Neal Street, em direção à James Street.

De repente, senti que Bob ajeitava suas patas em meu ombro. Antes que percebesse, ele estava deslizando pelo meu braço. Quando permiti que pulasse na calçada, ele começou a andar em minha frente com a coleira. Ele reconheceu onde estávamos, e estava apontando o caminho.

Bob marchou à minha frente o tempo todo, até o local onde eu havia me apresentado na tarde anterior. E então ficou parado ali, esperando que eu pegasse o violão e colocasse o estojo vazio para ele se deitar dentro.

— Pronto, Bob — falei.

Imediatamente, ele se sentou no estojo macio, como se fosse dono dele. Posicionou-se para observar o mundo lá fora. Em Covent Garden, o mundo realmente gira a seu redor.

Capítulo 9



Houve uma época em que minha ambição era me tornar um músico de verdade, como o Kurt Cobain. Por mais que pareça idiota agora, esse era meu grande plano quando voltei da Austrália para a Inglaterra.

Foi isso o que eu disse para minha mãe e para todos os outros quando parti.

Por um breve período, até pareceu que eu chegaria a algum lugar. Durante certo tempo foi difícil, mas em 2002 consegui alguma coisa com uns caras que conheci. Formamos uma banda de quatro pessoas chamada HyperFury. O nome certamente tinha a ver comigo. Eu realmente estava hiperfurioso, e a música era uma válvula de escape para minha raiva e angústia.



Nossas melodias eram nervosas e sombrias, assim como as letras. Vou deixar as coisas claras: não fomos contratados para o Festival de Glastonbury. No entanto, tínhamos alguns fãs, e conseguimos fazer shows. Tocávamos onde quer que fôssemos convidados. A melhor apresentação que fizemos foi no The Dublin Castle, um famoso pub musical no norte de Londres, onde tocamos algumas vezes.

As coisas estavam indo muito bem para a gente, até que a certa altura meu colega e eu ficamos sócios e começamos nosso próprio selo independente, o Corrupt Drive Records. Mas não deu muito certo. Para ser mais exato, “eu” não dei muito certo.

Por volta de 2005 eu já tinha aceitado o fato de a banda ser apenas um hobby, não um meio de vida. Eu estava lutando terrivelmente com meu problema com as drogas, e acabei caindo na sarjeta — novamente. Foi mais uma segunda chance que deixei escapar pelos dedos. Acho que nunca saberei o que poderia ter acontecido.

No entanto, nunca desisti da música. Mesmo quando a banda se separou, eu passava horas tocando violão, improvisando canções. Não sei o que seria de mim sem isso. E a grana que ganhei com as apresentações de rua fez diferença em minha vida nos últimos anos.



Aquela tarde foi uma repetição do dia anterior. Desde o momento em que me sentei no chão — ou, mais precisamente, desde o momento em que Bob se acomodou —, as pessoas que normalmente teriam passado apressadas à minha frente começaram a diminuir o passo para interagir com ele.

Não muito tempo depois de ter começado a tocar, uma guarda de trânsito de aspecto severo passou por nós. Ela olhou para Bob e seu rosto se derreteu num sorriso carinhoso.

— Ah, mas que fofo — ela disse, se ajoelhando para afagá-lo.

Ela mal olhou para mim e não colocou nem uma moedinha no estojo do violão. Mas tudo bem. Eu estava começando a adorar o modo como Bob iluminava o dia das pessoas.

Ele era uma criatura linda, não havia dúvidas quanto a isso. Mas não era só. Havia algo mais. Era sua personalidade que estava atraindo a atenção de todos. As pessoas percebiam que havia algo especial nele.

Eu mesmo sentia isso. Bob tinha uma comunicação excepcional com as pessoas — ou pelo menos com as pessoas que se interessavam de verdade por ele.

De vez em quando eu tinha que contê-lo um pouco, quando ele encontrava alguém de quem não gostava. A certa altura, um cara do Oriente Médio, muito elegante e aparentemente rico, passou por nós de braços dados com uma loira muito atraente.

— Ah, olhe! Que gato maravilhoso! — ela exclamou, puxando o braço do homem para ele diminuir o passo.

O cara fez um sinal de desdém com as mãos, como se quisesse dizer: “E daí?”

No momento em que ele fez isso, a postura corporal de Bob mudou. Ele arqueou as costas levemente e mudou a posição do corpo, de modo a ficar mais perto de mim. Foi algo sutil — mas revelador.

Será que esse cara lembra alguém do passado do Bob?, pensei comigo mesmo quando o casal se afastou.

Eu daria tudo para saber qual a história do Bob, mas isso é algo que nunca descobrirei. Sempre será motivo de especulação.

O modo como Bob atraiu o público no dia anterior foi um pouco estranho para mim. Mas, naquele dia, eu me sentia mais tranquilo ao arrumar as coisas. Sentia que estaríamos seguros, como se estivéssemos em casa.

Assim que comecei a cantar e as moedas começaram a tilintar em meu estojo, pensei: *Estou começando a gostar disso*.

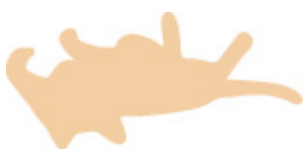
Já fazia muito tempo que eu não sentia algo parecido.

Quando voltamos para casa, três horas depois, minha mochila estava novamente chacoalhando e tilintando com o peso das moedas. Tínhamos juntado bem mais de sessenta libras.

Desta vez eu não gastaria com uma refeição indiana caríssima. Havia algo mais prático em mente para fazer com a grana.

Capítulo 10

Dia de Folga



No dia seguinte, o tempo estava ainda pior. Decidi então ficar com Bob em vez de ir para as ruas me apresentar. Se ele me acompanharia por aí regularmente, então eu precisaria estar mais bem equipado. Não poderia continuar andando com ele pelas ruas preso a uma coleira improvisada de um cadarço de sapato. Além do mais, aquilo era desconfortável e perigoso.

Bob e eu pulamos no ônibus e fomos em direção à Archway. A filial da organização beneficente *Cats Protection*, no norte de Londres, ficava ali.

Bob percebeu imediatamente que aquele não era o caminho que fizemos nos dias anteriores. De vez em quando ele se virava e olhava para mim.

“Onde está me levando hoje?”, parecia dizer.

Ele não estava ansioso, mas sim curioso.

A loja da *Cats Protection* tinha todos os tipos de aparelhos, brinquedos e livros sobre gatos.

— Ele tem uma carinha bem bonitinha, não é? — disse uma das senhoras que trabalhava lá. Bob se encostou nela ao ser alisado, e ela começou a falar baixinho com ele.

— Ele apareceu no meu prédio — expliquei. — E desde então tem me seguido. Até mesmo no ônibus!

— Muitos gatos adoram passear com seus donos — uma das mulheres me contou. — Eles gostam de caminhar no parque ou de fazer pequenos passeios na rua. Mas tenho que admitir que o comportamento do Bob é meio diferente.

— É verdade — concordou outra senhora. — Você tem uma joia rara aqui. Obviamente ele decidiu ficar ao seu lado.

De vez em quando eu refletia se não deveria tentar com mais firmeza deixar Bob solto livremente nas ruas, se estava fazendo a coisa certa ao mantê-lo no apartamento comigo. As palavras encorajadoras das senhoras do *Cats Protection* foram um grande apoio em relação a isso.

Porém, eu não sabia direito como cuidar adequadamente do Bob caso ele decidisse me acompanhar constantemente pelas ruas londrinas. Havia todo tipo de perigo e ameaça lá fora.

— A melhor coisa que você pode fazer é comprar um peitoral como este — uma das mulheres comentou, desenganchando uma linda peça azul de náilon trançado, com coleira e guia combinando.

— Não é uma boa ideia prender a coleira em volta do pescoço do gato. As coleiras de má qualidade podem prejudicar o pescoço do animal, e até mesmo sufocá-lo. E o problema com as de melhor qualidade é que são feitas de elástico, conhecidas como coleiras de “escape”, para o gato poder escapar caso elas fiquem enganchadas em algum lugar. Muito provavelmente, a certa altura você vai acabar com uma coleira vazia pendurada na mão.

Certamente eu não desejaria que algo assim acontecesse bem no meio das ruas movimentadas de Londres.

— Acho que vai ser melhor comprar um peitoral com coleira, especialmente se você estiver junto do Bob o tempo todo — sugeriu a senhora.

— Será que ele não vai achar esquisito? — perguntei.

— Você vai precisar fazê-lo se acostumar — ela admitiu. — Pode ser que leve uma semana, mais ou menos. Comece

experimentando colocá-la apenas por alguns minutos no dia, até ele estar pronto para sair pra valer. Então, é só se adaptar.

O conjunto do peitoral com a coleira e guia custava cerca de trinta libras. Era um dos equipamentos mais caros que eles tinham na loja, mas achei que a despesa valia a pena.

Comecei deixando Bob usá-lo pela casa, às vezes com a coleira presa. A princípio ele ficou meio confuso ao ter um fio de náilon extralongo se arrastando atrás de si. Mas logo se acostumou.

— Muito bom, amigo — eu o elogiava todas as vezes que vestia a coleira nele. Elogiar era realmente importante.

Depois de alguns dias começamos a fazer pequenas caminhadas com o equipamento. Lentamente, mas com segurança, o uso do peitoral se tornou natural para ele.



Bob ainda estava saindo comigo todos os dias.

Nunca ficávamos fora por muito tempo. Muito embora eu tivesse a sensação de que ele me acompanharia até o fim do mundo, e apesar de ele ficar sentado em meus ombros e não precisar caminhar, eu não queria obrigá-lo a fazer isso.

Foi durante a terceira semana em que estávamos nos apresentando juntos na rua que ele decidiu, pela primeira vez, que não queria me acompanhar. Enquanto eu seguia minha rotina pela casa, ele simplesmente se enfiou atrás do sofá por algum tempo, depois saiu e se deitou debaixo do aquecedor.

Estava simplesmente declarando: “Tirei o dia de folga”.

Dava para perceber que ele estava cansado.

— Não está a fim de sair hoje, Bob? — perguntei, lhe fazendo um afago.

Ele me olhou com seu jeito inteligente.

— Não tem problema — afirmei.

Coloquei alguns petiscos no potinho para ele se alimentar pelo resto do dia. Tinha ouvido dizer que deixar a TV ligada fazia os pets se sentirem menos solitários enquanto seus donos estavam fora. Não sabia se isso era verdade ou não, mas em todo o caso liguei a televisão. Imediatamente ele se mudou para seu lugar favorito e começou a encará-la.

Sair sozinho aquele dia mostrou toda a diferença que Bob havia feito em minha rotina. Quando ele estava comigo, todos se viravam para me olhar. Sozinho, eu era invisível novamente.

Àquela altura nós já éramos bem conhecidos pelo pessoal, a ponto de algumas pessoas demonstrarem preocupação.

— Onde está o gato hoje? — o dono de uma loja perguntou ao passar por mim.

— Ele tirou o dia de folga — expliquei.

— Ah, que bom. Fiquei preocupado imaginando se havia acontecido alguma coisa com o bichinho — ele sorriu, fazendo um sinal positivo com o polegar.

Algumas outras pessoas pararam e fizeram a mesma pergunta. Assim que eu explicava que Bob estava bem, elas seguiam seu caminho. Ninguém estava muito interessado em parar para bater um papo, como faziam quando Bob estava por perto. Posso não ter gostado muito, mas aceitei o fato. Afinal, essa era a realidade.

Ao tocar na calçada da James Street, notei também que não estava ganhando, nem de perto, a mesma quantia em dinheiro.

Levei algumas horas a mais para ganhar metade do que faturava num bom dia de trabalho com Bob. Mas tudo bem.

Foi só quando voltei para casa, já de noite, que algo começou a ficar bem claro para mim. Não era apenas uma questão de ganhar dinheiro — eu não iria morrer de fome. Era minha vida que ficava

muito mais rica com a presença de Bob. Era um prazer enorme ter uma companhia tão agradável, um companheiro maravilhoso. Era minha chance de me reerguer.

Nas ruas, as pessoas não se interessam em lhe dar uma chance. Tudo o que elas veem é alguém tentando tirar vantagem, querendo se aproveitar. Quando me aproximo, elas não compreendem que estou trabalhando, não mendigando. Só porque não estou usando terno e gravata e não carrego uma pasta não quer dizer que estou vagabundeando.

Ter Bob a meu lado me possibilitou interagir com as pessoas.

Elas me perguntavam de onde Bob tinha vindo e eu explicava como nós acabamos nos unindo; eu contava que estávamos ganhando dinheiro para pagar o aluguel, a comida, a conta de luz e a de gás. As pessoas então começaram a me enxergar com outros olhos.

Os gatos geralmente são exigentes para escolher de quem gostam. Se não gostam do dono, vão embora, tentam encontrar outro. Eles sempre fazem isso. Quando as pessoas me viam ao lado do meu gato, minha presença ficava suavizada. Bob me humanizou. Principalmente depois de eu ter sido tão desumanizado no passado. De certo modo, eu estava recuperando a identidade.

Eu fui uma “não pessoa”. Agora, finalmente estava me tornando um ser humano de verdade.

Capítulo 11

Os Dois Mosqueteiros

Ser responsável por mais alguém além de mim mesmo foi um pequeno choque. Mas eu gostei. Bob era o meu bebê, e cuidar dele, mantê-lo sempre bem alimentado, aquecido e seguro era realmente reconfortante.

Só que também era apavorante. Eu me preocupava com ele o tempo todo, especialmente quando estávamos nas ruas. E com razão.

Nem todas as ruas de Londres são povoadas por turistas bondosos e amantes de gatos. Eu ainda ouvia ofensas quando estava tocando minha música, geralmente proferidas por jovens embriagados tentando se exibir para suas parceiras.

— Vai trabalhar, seu cabeludo preguiçoso! — eles gritavam.

Eu deixava esses insultos passarem. Estava acostumado. Mas meus instintos “paternos” se aguçavam quando Bob era ofendido.

Numa sexta à noite, eu estava me apresentando na James Street quando um bando de jovens desordeiros passou por nós à procura de encrenca. Dois deles notaram Bob sentado na calçada a meu lado e começaram a provocá-lo, gritando: — Au-au! Miaaauuuu! — Os outros acharam hilário.

Então, um deles deu um chute no estojo do violão, com Bob deitado lá dentro. O pontapé fez o estojo — e Bob — deslizar por



alguns metros na calçada.

Bob ficou realmente perturbado, emitiu um ruído alto, quase como um grito, e pulou para fora do estojo. Felizmente estava preso à coleira, do contrário teria saído em disparada pelo meio da multidão. Em vez disso, se escondeu atrás de minha mochila.

Levantei-me imediatamente e confrontei o cara.

— Por que você fez isso? — perguntei. Sou bem alto e fiquei bem acima dele, mas isso não pareceu intimidá-lo.

— Só queria ver se o gato era de verdade — ele riu.

Não achei graça nenhuma.

— Foi realmente muito inteligente — comentei.

Eles começaram a me encurralar, e um deles começou a me empurrar com o peito e os ombros. Fiquei firme no lugar e o empurrei de volta.

— Vá em frente, faça o que quiser! — desafiei, apontando para uma câmera na esquina perto de nós. — Você está sendo filmado.

Eles ficaram surpresos. Sabiam que não poderiam se safar se fossem pegos pelas câmeras provocando briga. Foram embora, sacudindo os braços e fazendo todo tipo de gesto obsceno. Podiam me insultar o quanto quisessem, não fiquei ofendido. Não estava preocupado. Na verdade, fiquei feliz ao vê-los se afastarem. Mas não fiquei muito mais por ali naquela noite. Eu conhecia aquele tipo de gente. Eles não gostam de ser contrariados.

O incidente comprovou algumas coisas. Primeiro, que é muito útil estar perto de uma câmera de segurança. Em segundo lugar, que eu estava realmente sozinho quando a confusão foi deflagrada. Não havia um único policial à vista, e eu não tive ajuda dos funcionários da estação de metrô. Muita gente estava passeando ali por perto quando fui confrontado pela gangue, mas ninguém me ajudou. A maioria das pessoas deu um jeito de se misturar na multidão e

desaparecer. Ninguém estava disposto a ajudar um artista de rua cabeludo e seu gato.

— Somos apenas você e eu contra o mundo, Bob — desabafei com ele enquanto voltávamos para casa de ônibus. — Somos os “dois mosqueteiros”.

Bob se aninhou perto de mim e ronronou levemente, como se concordasse.



Não era apenas com as pessoas que eu tinha que me preocupar. Também havia muitos cachorros nas ruas. Não foi nenhuma surpresa perceber que muitos deles manifestavam um súbito interesse por Bob. Felizmente, o gatinho não se importava. Ele simplesmente os ignorava. Se os cães se aproximassem, ele os encarava.

Descobri que Bob sabia se defender muito bem cerca de uma semana depois do incidente com os rapazes da gangue.

Era final de tarde e estávamos sentados na Neal Street quando um cara acompanhado de um cão Staffordshire Bull Terrier se aproximou ameaçadoramente. O terrier viu Bob e imediatamente começou a puxar a coleira com força.

Ele estava apenas examinando Bob — ou melhor, examinando os petiscos que meu gato tinha em sua frente. Então começou a se aproximar passo a passo da tigela, fungando alegremente na esperança de conseguir alguns petiscos de presente.

Não acreditei no que aconteceu a seguir.

Bob estava cochilando calmamente a meu lado. Mas, à medida que o terrier se aproximava para pegar os biscoitos, ele se levantou tranquilamente e simplesmente bateu a pata com força no focinho do cachorro. Foi um golpe tão rápido e certo que teria deixado o Muhammad Ali orgulhoso!

O cachorro não conseguia acreditar. Ele deu um salto para trás, espantado. Fiquei quase tão chocado quanto o cachorro, acho, e dei uma gargalhada.

O dono do cão lhe deu um tapa na cabeça e puxou a coleira para ele seguir em frente. Acho que ficou envergonhado por um gato ter feito seu cão feroz parecer um bobalhão.

Bob voltou a cochilar aos meus pés, como se enfrentar um cão feroz com um soco no nariz fosse a mesma coisa que afastar uma mosca chata. Foi um momento verdadeiramente revelador. Bob não tinha medo de se defender. Na verdade, ele sabia se cuidar muito bem. Onde será que aprendeu a fazer aquilo?

Mais uma vez me vi incomodado pelas mesmas velhas dúvidas. Onde Bob teria crescido? Quais aventuras já havia vivido antes de se juntar a mim e se tornar o segundo mosqueteiro?

Capítulo 12

Os Caprichos de Bob

Viver com Bob era divertido. Sem sombra de dúvida, ele tinha uma personalidade autêntica, cheia de particularidades.

Um mês depois, ele ainda detestava as caixas de areia. Fugia para longe todas as vezes que eu o colocava perto dele. Para compensar, segurava suas necessidades até me ver saindo pela porta, e então corria para fazer o que era preciso lá embaixo, nos jardins do prédio.



Não era divertido ficar descendo e subindo cinco lances de escada para levar o gato para fora todas as vezes que ele precisava ir ao banheiro.

— Vamos acabar com isso, Bob — fui cortando, depois de três semanas. — Você tem que se acostumar com suas caixas de areia. Pode ser que precise ficar lá dentro por vinte e quatro horas, portanto não tem escolha.

Bob ganhou aquela batalha com facilidade. Ele simplesmente segurava as necessidades e esperava — e esperava, e esperava — até que eu fosse obrigado a sair de casa. Então, se espremia atrás de mim e saía voando escada abaixo. Um ponto para Bob. Era uma briga que eu nunca conseguiria vencer.

Ele também tinha um lado selvagem em sua personalidade. Estava bem mais calmo agora do que quando chegou à quitinete, mesmo assim costumava disparar como um maluco em volta do

apartamento, brincando com qualquer coisa em que pudesse botar as patas.

Um dia ele se divertiu com uma tampa de garrafa por quase uma hora, girando-a pelo chão da sala. Outra vez encontrou uma abelha ferida, que fazia um grande esforço para se recuperar em cima da mesinha no meio da sala. De vez em quando ela despencava da mesa e caía no tapete. Bob gentilmente a pegava com os dentes, a colocava de volta na mesa e ficava observando enquanto a pobre coitada lutava para sobreviver. Era realmente hilário. Ele não queria machucá-la. Só queria brincar com ela.

Bob ainda adorava brincar com as latas de lixo. Quando eu o levava para baixo para ele fazer as necessidades, ele sempre se dirigia às latas. Uma vez o peguei arrastando uma coxa de galinha que havia achado em um saco rasgado. Velhos hábitos costumam a desaparecer, eu acho.

Bob ainda tratava suas refeições como se fossem a última, engolindo cada bocado como se não houvesse amanhã.

— Coma devagar; saboreie sua comida, Bob — eu ria.

Mas não adiantava nada. Acho que ele passou tanto tempo sobrevivendo nas ruas que não se acostumava com o fato de ter uma refeição garantida duas vezes ao dia. Eu sabia como ele se sentia, afinal havia passado grande parte de minha vida vivendo do mesmo modo. Não podia culpá-lo.

Bob e eu tínhamos muito em comum. Talvez seja por isso que nossa ligação foi tão rápida — e estava se aprofundando com tanta intensidade.



Todos os cantos de minha quitinete estavam repletos de pelos do Bob.

A primavera chegara, e ele estava se livrando de seu casaco natural de inverno. Esfregava-se em qualquer coisa que encontrasse pelo caminho, deixando tudo coberto por uma grossa camada de pelo. Foi uma dureza. Mas era um bom sinal de que seu pelo — e o resto do corpo — estavam se recuperando bem. Ele ainda estava um pouco magricela, mas não dava mais para ver as costelas. O remédio havia ajudado na recuperação do pelo, e os antibióticos tinham curado o antigo ferimento. Se alguém não conhecesse a história dele, nunca notaria nada.

Considerando todos os fatos, ele parecia bem melhor do que estava havia um mês.

Eu não dava banho nele. Os gatos se lavam sozinhos, e, levando isso em conta, Bob era um gato típico. Na verdade, ele era um dos gatos mais excêntricos que eu já tinha visto. Eu costumava ficar observando enquanto ele metodicamente lambia as patas e se lavava. Isso me fascinava, principalmente porque era algo fortemente relacionado a seus ancestrais.

Os distantes ancestrais de Bob vinham de climas quentes e não transpiravam, então o fato de se lamberem era seu jeito de liberar a saliva, para se refrescar. Era também seu modo de criar uma capa de invisibilidade.

O cheiro é algo peculiar para os gatos. Eles são caçadores cautelosos, e atacam de tocaia suas presas, de modo que têm que passar o mais despercebido possível. A saliva do gato contém um desodorante natural, e é por isso que eles se lambem tanto. Os zoólogos provaram que os gatos que se lambem para tirar o cheiro sobrevivem mais tempo. É o modo de eles se protegerem contra os predadores, como grandes cobras, lagartos e mamíferos carnívoros.

É claro, a razão mais importante pela qual Bob e seus ancestrais sempre se lamberam era para ficarem saudáveis. Lamber diminui o número de parasitas, como piolhos, ácaros e carrapatos. Também previne infecções em feridas abertas, já que a saliva do gato é antisséptica. Talvez seja por isso que Bob se lambia com tanta

frequência. Ele sabia que seu corpo estava em más condições, portanto estava ajudando em sua própria recuperação.

Outro hábito engraçado que ele adquiriu foi assistir à televisão.

A primeira vez que o percebi olhando para a tela foi num dia em que estava mexendo num computador da biblioteca local. Bob decidiu se sentar em meu colo e ficou olhando para a tela junto comigo. Ao mover o mouse, notei que ele estava tentando bater na setinha do monitor com a pata. Então, para fazer uma experiência, liguei a TV certo dia e saí da sala para fazer alguma coisa no quarto. Ao voltar, encontrei Bob aconchegado no sofá, assistindo.

Eu tinha ouvido falar de gatos que assistem à televisão pela minha amiga Belle, já que o gato dela, George (outro gato salvo das ruas, em Battersea), amava *Jornada nas Estrelas: A Nova Geração*. Antes de ele morrer, todas as vezes que ouvia a música de abertura do programa ia correndo para a sala e pulava no sofá. Vi isso acontecer algumas vezes, e era realmente hilário.

Não muito depois, Bob também se tornou um viciado em televisão. Ele adorava corridas, principalmente os cavalos do *Channel Four*. Não era algo que eu gostasse de assistir, mas me divertia muito vê-lo sentado ali, fascinado.

Capítulo 13

Agora É
pra Valer



Eu precisava ser responsável. Fazer minha obrigação e colocar um microchip em Bob.

Colocar microchips em gatos e cachorros costumava ser algo complicado, mas hoje em dia é bem simples. O veterinário injeta um minúsculo microchip no pescoço do bicho, que contém um número de série conectado aos dados de seu dono. Se um gato com microchip for encontrado, as pessoas podem escanear o chip e descobrir a quem ele pertence.

Devido ao estilo de vida que Bob e eu levávamos, achei uma boa ideia fazer esse procedimento. Se por acaso algum dia nós nos perdêssemos um do outro, conseguiríamos nos reencontrar. E, se algo acontecesse comigo, os registros revelariam que Bob habitara um lar amoroso.

Na primeira vez em que fui conferir os preços da implantação de um microchip, percebi que não teria condições financeiras. A maioria dos veterinários cobrava de sessenta a oitenta libras para inserir um chip, e eu não tinha essa grana toda. Porém, ao conversar com uma senhora que cuida de gatos de rua, ela me orientou.

— Procure a van da Blue Cross em Islington Green, às quintas-feiras — ela disse. — Eles só cobram o preço do chip. Mas você precisa chegar lá bem cedo. Tem sempre uma fila enorme.

Exatamente como Rose havia previsto, Bob e eu encontramos uma fila bem grande ao chegarmos a Islington Green, bem cedo na quinta-feira seguinte. Felizmente era uma manhã clara e luminosa, então não foi um problema ficar esperando ali.

Havia pessoas com seus gatos dentro de bolsas chiquérrimas, e cachorros tentando cheirar uns aos outros, causando transtornos. Bob era o único gato que não estava dentro de uma bolsa de transporte, portanto chamou bastante a atenção — como sempre.

Depois de esperarmos mais ou menos uma hora e meia, finalmente chegou a nossa vez.

— Bom dia — cumprimentou, sorrindo, uma jovem enfermeira veterinária, de cabelos curtos. — Em que posso lhe ajudar hoje?

— Quanto custa para colocar um microchip no meu gato? — perguntei a ela.

— São quinze libras — ela respondeu. — Mas não precisa pagar tudo de uma vez. Você pode dividir o pagamento em algumas semanas. Vamos dizer, duas libras por semana, que tal?

— Legal — eu disse, agradavelmente surpreso. — Assim está ótimo.

Ela examinou Bob rapidamente. Ele estava com a aparência bem melhor, principalmente por já ter se livrado da pelagem de inverno. Estava magro e bem atlético. Ela então nos encaminhou ao consultório, onde o veterinário estava aguardando.

— Bom dia — ele disse, antes de se virar para conversar com a enfermeira.

Fiquei observando enquanto prepararam juntos o material para a implantação do microchip. O tamanho da seringa e da agulha que seriam usadas me assustou. Era uma agulha antiga, bem grande. Mas tinha que ser assim. O chip era do tamanho de um grão de arroz enorme.

Bob não gostou nada, e eu não podia culpá-lo. Ele tentou se desvencilhar de meus braços.

— Você vai ficar bem, companheiro — eu disse, afagando sua barriga e as patas traseiras.

Quando a agulha entrou, Bob soltou um grito agudo. Aquilo me cortou o coração como uma faca. Por um momento, quando ele começou a tremer de dor, pensei que eu choraria. Mas ele logo se acalmou.

— Muito bem, amigão — elogiei.

Dei a ele um petisco que estava na mochila, então cuidadosamente o peguei no colo e voltei para a recepção.

— Tudo bem — disse a enfermeira —, precisamos preencher um formulário com seus dados pessoais para nosso banco de dados. Seu nome, endereço, idade, telefone, esse tipo de informação.

Enquanto eu observava a enfermeira preencher o formulário, uma coisa importante me chamou a atenção.

— Então isso significa que agora sou o dono legítimo dele? — perguntei.

— Sim — ela sorriu. — Tudo bem?

— Sim, isso é maravilhoso — eu disse, levemente surpreso. — É realmente incrível.

Fiz um carinho na cabeça de Bob. Obviamente ele ainda estava sentindo a dor da injeção, então não cheguei nem perto de seu pescoço. Ele teria avançado e arrancado meu braço.

— Ouviu isso, Bob? — perguntei, com um sorriso no rosto. — Agora somos oficialmente uma família.

Tenho certeza de que, enquanto caminhávamos pelas ruas de Islington, mais tarde, chamamos ainda mais a atenção do que de costume. Eu devia estar com um enorme sorriso estampado no rosto, bem mais largo que o rio Tâmesa.



A presença de Bob já havia transformado minha rotina. Ele também me forçou a me olhar de frente no espelho. E não gostei do que vi.

Eu não me orgulhava de ser um viciado em heroína ainda em tratamento. Portanto, criei a regra de não levar Bob junto comigo quando fosse à clínica e à farmácia para tomar metadona — a droga que estava me ajudando a me livrar da dependência. Pode parecer loucura, mas eu não queria que Bob visse esse lado de meu passado. E, com a ajuda dele, parece que isso estava realmente sendo abandonado como uma história do passado. Eu queria ver meu futuro limpo, livre das drogas, e planejava ter uma vida normal.

Alguns dias depois de ter colocado o microchip em Bob, encontrei uma caixa que continha o equipamento que eu usava para aplicar heroína. Foi como ver um fantasma. Aquilo trouxe de volta um monte de lembranças ruins. Vi imagens de mim mesmo que nunca mais gostaria de revisitar.

— Não quero mais essa caixa em minha casa — decidi. Não a queria perto de Bob, muito embora estivesse escondida da vista dele.

Bob me seguiu o caminho todo até a lata de lixo e ficou me observando enquanto jogava a caixa dentro de um recipiente de recicláveis destinado a materiais perigosos.

— Pronto — eu disse, me virando em direção a Bob, que estava me olhando com um olhar inquisidor. — Estou apenas fazendo uma coisa que deveria ter feito há muito tempo.

Capítulo 14

O Artista da Fuga



A vida nas ruas não é nada simples. Você sempre tem que estar preparado para o inesperado. Então, não fiquei surpreso quando as coisas em Covent Garden começaram a ficar mais complicadas, na época em que meu primeiro verão com Bob começou a chegar ao fim.

Bob ainda era uma grande atração para a multidão, especialmente os turistas. De onde quer que fossem, eles paravam e conversavam com ele. Àquela altura, acredito que já tenha ouvido todas as línguas faladas na terra — do africâner ao galês —, e aprendi a palavra “gato” em todas elas. Eu soube que em checo é *kocka*, e em russo, *koshka*; aprendi que em turco é *kedi*; em japonês, *neko*; e minha favorita, a chinesa, *mao*.

Não importava se a língua era estranha ou maravilhosa, a mensagem sempre foi a mesma. Todos amavam Bob.

Só que alguns dos “locais” estavam causando problemas.

— Esta área é para as estátuas vivas! — um funcionário do conselho municipal me disse quando eu estava tocando na James Street.

— Mas não tem nenhuma aqui — argumentei, apontando a rua vazia.

— Você conhece as regras — ele não parava de dizer.

Quando se vive nas ruas, desrespeitamos as leis com frequência. Então, todas as vezes em que eu era forçado a sair dali, me mudava para outro lugar e ficava lá durante algumas horas. Depois, sem fazer alarde, voltava para a James Street. Era um risco que valia a pena correr, pois eu ganhava muito mais dinheiro ali.

Os funcionários da estação do metrô também começaram a reclamar por eu me apresentar no local de trabalho deles. Certo dia um fiscal realmente desagradável, vestindo um uniforme azul, se aproximou de mim.

Bob era um grande conhecedor das pessoas. De longe conseguia reconhecer alguém que não era do bem. Ele percebeu esse cara assim que começou a caminhar em nossa direção, e, à medida que ele se aproximava, Bob se encostou com força em mim.

— É melhor você ir embora, ou então — o fiscal ameaçou.

— Ou então o quê? — perguntei, ficando firme no lugar.

— Você vai ver só — ele disse, tentando me intimidar. — Estou avisando.

O fiscal não tinha nenhum poder do lado de fora da estação, e estava apenas tentando me assustar. Mas cheguei à conclusão de que seria melhor me afastar dali durante certo tempo.

A princípio, me mudei para o alto da Neal Street, para longe da vista dos funcionários do metrô. O número de pessoas que circulava por ali não era tão grande — nem eram pessoas tão bem-intencionadas — como em Covent Garden. De vez em quando eu pegava algum idiota chutando minha sacola, ou tentando assustar Bob. Meu gato se encolhia, como se fosse uma bolinha, para se proteger, e estreitava os olhinhos todas as vezes que eu me estabelecia ali. Era seu modo de dizer: “Não gosto daqui”.

Então, depois de alguns dias, em vez de me encaminhar em direção a Covent Garden como de costume, Bob e eu fomos andando pelo Soho até Piccadilly Circus, como alternativa.

A região a leste de Piccadilly Circus, na rua que leva à Leicester Square, era um bom ponto para os músicos de rua, então fomos para lá. Escolhi um lugar perto de uma das entradas principais da estação de metrô de Piccadilly Circus, do lado de fora da exposição Ripley “Acredite se Quiser!”.

Era um final de tarde e um começo de noite realmente bem movimentado, com centenas de turistas perambulando pelas ruas e se espalhando em direção aos cinemas e teatros do West End. Como sempre, as pessoas diminuía o passo e às vezes até paravam quando viam Bob, e logo estávamos faturando bem. Porém, Bob estava nervoso, se enrolando com mais força do que nunca, dentro do estojo do violão. Ele preferia estar num lugar já conhecido.

Tudo ficou bem até por volta das seis da tarde, quando a multidão começou a engrossar devido à hora do *rush*. Foi quando um cara que fazia propaganda da exposição Ripley foi para a rua.

Ele usava uma roupa inflável enorme, que o fazia parecer três vezes maior que seu tamanho normal, e fazia gestos com seus grandes braços para atrair as pessoas a visitarem a exposição “Acredite se Quiser”. Bob não gostou do jeito dele, e eu sabia exatamente o porquê de tal rejeição. O cara era realmente esquisito.

Para meu alívio, depois de algum tempo ele pareceu se acalmar e se esquecer do cara. Mas, então, de repente tudo pareceu dar errado, e o homem inesperadamente se aproximou da gente.

— Oi, amiguinho! — ele disse, se inclinando em seu estranho terno inflável para fazer um carinho em Bob.

Bob deu um salto e correu em disparada pelo meio da multidão, com sua nova coleira se arrastando atrás dele. Antes mesmo que eu pudesse esboçar qualquer reação, ele já havia desaparecido em direção à entrada da estação.

— *Ele sumiu!* — murmurei para mim mesmo, com o coração martelando no peito. — *Eu o perdi!*

Dei um pulo imediatamente e corri atrás dele. Eu simplesmente larguei o violão. Estava muito preocupado com Bob.

Logo me vi num mar de pessoas. Funcionários de escritório com a aparência abatida ao final de um dia de trabalho, gente que chegava no começo da noite para uma madrugada de diversão no West End e toneladas e mais toneladas de turistas. Tive que dar safanões e ziguezaguear entre eles para poder abrir caminho e tentar me aproximar da entrada da estação de metrô.

Era impossível enxergar qualquer coisa através daquela muralha de pessoas caminhando em minha direção. Finalmente cheguei ao fim da escadaria, dentro da plataforma, e a movimentação começou a diminuir ligeiramente. Ainda estava superlotado, mas pelo menos eu podia parar e olhar à minha volta. Agachei-me e olhei no nível do chão. Uma ou duas pessoas me encararam espantadas, mas não me importei.

— Bob, Bob, onde você está, companheiro? — gritei.

Foi inútil. Havia barulho demais.

Será que eu deveria continuar em direção às catracas que levavam às escadas rolantes e descer até os trens? Ou tentar as outras várias saídas? Para onde será que Bob iria? Meu palpite era que ele não desceria até o trem. Nunca tínhamos ido lá juntos, e o movimento das escadas rolantes certamente o assustaria.

Fui, portanto, em direção às saídas do outro lado de Piccadilly Circus.

Depois de um minuto ou dois, notei uma pequena mancha laranja em uma das escadas. Então vi uma coleira se arrastando atrás dela.

Capítulo 15

Juntos Novamente

— Bob! — gritei, me esgueirando pela multidão.
— Bob!

Eu estava me aproximando dele, mas a multidão era tão intensa que ele parecia estar a quilômetros de distância. Havia um fluxo constante de pessoas descendo as escadas.



— Segure este gato, pise na coleira dele! — eu gritei, vendo de relance novamente um vulto laranja sob a luz da noite. Mas ninguém estava prestando atenção.

Em instantes a coleira havia desaparecido. Bob deve ter chegado à saída, que leva ao fim da Regent Street, e ido embora por ali.

Um milhão de pensamentos desencontrados passavam pela minha cabeça, e nenhum deles positivo. “E se o Bob fugiu e foi parar em Piccadilly Circus? E se alguém o viu e o levou embora?” Enquanto forçava passagem escada acima e chegava novamente ao nível da rua, eu estava ensandecido, absolutamente convencido de que nunca mais o veria novamente.

Sentia-me muito mal. Por que não prendera a coleira na minha mochila, ou no meu cinto, para que ele não pudesse correr além do comprimento da tira? Por que não percebi seu pânico quando o cara da exposição Ripley surgiu, e não me afastei dali? Por que não mudei de lugar?

O que fazer agora? Eu achava que Bob tinha seguido em frente — descido as calçadas largas da Regent Street.

Ainda me sentindo completamente apavorado, comecei a caminhar rua abaixo.

— Viu um gato, amigo? Um gato laranja — perguntava a todos que passavam. Devia parecer um louco.

Após cerca de trinta metros, vi uma jovem carregando uma sacola da loja da Apple, na Oxford Street, no fim da Regent Street. Obviamente ela havia descido a rua toda.

— Você viu um gato? — praticamente supliquei.

— Ah, vi sim — ela respondeu. — Vi um gato perambulando pela rua. Laranja. Tinha uma coleira se arrastando atrás dele. Um homem tentou pisar na coleira e pegá-lo, mas o gato foi mais rápido do que ele.

Bob! Minha primeira reação foi de alegria. Tive vontade de beijá-la. Mas a alegria rapidamente se transformou em medo. Quem era o cara que tentou segurá-lo? Será que isso o assustou ainda mais? Será que estava em algum lugar onde nunca mais o encontraria?

Com todos esses novos pensamentos pairando em minha cabeça, continuei a descer a Regent Street, enfiando a cabeça dentro de cada loja por onde passava.

— Vocês viram um gato laranja?

A maioria dos vendedores ficava apavorada ao ver um cara de cabelos compridos parado na porta de suas lojas. Eu sabia o que estavam pensando. Eles achavam que eu era algum vagabundo.

Eu não fazia ideia de quanto tempo Bob passara desaparecido. Parecia que o tempo estava passando em câmera lenta. Eu estava prestes a desistir.

Algumas centenas de metros abaixo, na Regent Street, havia uma rua lateral que levava de volta até Piccadilly. Daquele ponto ele poderia ir para qualquer uma entre dezenas de direções. Se tivesse ido tão longe assim, então eu podia ter certeza de que estava perdido.

Entrei rapidamente em uma loja de roupas femininas.

— Vocês viram um gato? — perguntei, desesperado.

O rosto das duas vendedoras se iluminou.

— Um gato laranja? — uma delas perguntou.

— Sim! Ele está com uma coleira e uma guia.

— Ele está bem aqui atrás — uma delas disse. — Entre e feche a porta. Nós bem que imaginamos que alguém deveria estar procurando por ele, por causa da coleira.

Elas me levaram em direção a uma fileira de armários abertos cheios de roupas sofisticadas. Cada item custava mais do que eu ganhava no mês inteiro. Lá, no canto de um dos armários, encolhido como se fosse uma bola, estava Bob.

Parte de mim pensava se ele estaria tentando se livrar de mim. Talvez estivesse cansado. Talvez não quisesse mais viver o tipo de vida que eu oferecia a ele. Então, quando me aproximei, estava preparado para ele tentar fugir. Mas Bob não escapou.

Mal sussurrei baixinho: — Ei, Bob, sou eu. — E ele pulou para meus braços.

Todos os meus medos se evaporaram ao vê-lo ronronar suavemente e se esfregar contra mim.

— Você me deu um baita susto, companheiro — eu disse, enquanto lhe fazia um carinho. — Achei que tivesse perdido você.

As duas vendedoras ficaram paradas ali perto, observando. Uma delas estava enxugando os olhos, prestes a cair no choro.

— Estou tão feliz por você o encontrar — ela disse. — Ele parece ser um gato adorável. Estávamos imaginando o que faríamos com ele caso ninguém aparecesse para buscá-lo antes de a loja fechar.

Ela também fez um afago em Bob. Conversamos então durante alguns minutos, enquanto ela e sua colega se preparavam para fechar o caixa e trancar a loja.

— Adeus, Bob — as duas disseram, enquanto nos encaminhávamos de volta para a multidão que circulava por Piccadilly Circus, com Bob mais uma vez empoleirado em meu ombro.

Quando voltei para a frente da exposição Ripley, descobri — para meu espanto — que o violão ainda estava lá. Talvez o cara da segurança tivesse ficado de olho nele, ou algum funcionário de apoio à comunidade. Todas as pessoas da polícia e os funcionários de apoio amavam o Bob. Fiquei feliz por causa do violão, mas uma parte de mim não estava se importando. Eu fiquei feliz demais porque Bob e eu estávamos juntos novamente.

Não perdi tempo para juntar minhas coisas e encerrar o dia. Não fizemos muito dinheiro, mas não importava. Com a maior parte do que eu trazia comigo, comprei um pequeno prendedor de cinto, que fixei primeiro em mim e depois na coleira de Bob. Desse modo, estaríamos presos um ao outro o tempo todo.

No ônibus, Bob ficou sentado em meu colo em vez de se deitar no assento ao lado, como de costume. Eu sabia exatamente o que ele estava sentindo, porque eu sentia a mesma coisa.

— Estamos juntos novamente. E espero que isso nunca acabe.

Capítulo 16

Gato Noel

Uma ou duas vezes, depois do incidente em Piccadilly, Bob decidiu não sair comigo. Quando eu pegava a coleira, ele corria para trás do sofá, ou se escondia debaixo da mesa. Estava claramente dizendo: “Hoje, não”.

— Tudo bem, companheiro — eu aceitava e o deixava em paz.

Mas geralmente ele ficava feliz por sair comigo todos os dias. Acho que passou a se sentir mais próximo de mim. Nosso vínculo tinha sido posto à prova — e sobrevivido. Eu tinha a impressão de que agora, mais do que nunca, ele queria estar a meu lado.

É claro que nem tudo era um mar de rosas. Algumas semanas depois do susto do Bob em Piccadilly, uma trupe de artistas de rua passou por nós em Covent Garden com gigantescas pernas de pau. Eram artistas performáticos franceses à moda antiga, com pinturas assustadoras e espalhafatosas no rosto.



Bob se sentiu ameaçado imediatamente. Apertou-se contra mim, batendo o rabo no braço de meu violão, enquanto eu tentava tocar.

— Pare com isso, Bob — pedi. — Desculpem — eu disse para os turistas que haviam parado para escutar minha música.

— Que engraçado! — eles riram, pensando que fosse parte de minha apresentação.

Assim que as figuras de pernas de pau foram embora, Bob relaxou novamente e se afastou de mim. Ele sabia que eu era sua rede de proteção, e eu fiquei feliz com isso.



No Natal de 2007, nossa vida juntos já havia se estabelecido em uma rotina.

Todas as manhãs eu acordava e encontrava Bob ao lado de sua tigela, na cozinha. Ele devorava seu café da manhã e, então, banhava-se completamente, lambendo as patas e limpando o focinho. Na maioria das manhãs eu o soltava para que fizesse suas necessidades lá embaixo. Ele ia até o andar térreo e voltava, sem dificuldade. Então, eu guardava as coisas na mochila, agarrava o violão e nós caminhávamos rumo à cidade.

Faltando apenas alguns dias para o Natal, a multidão em Covent Garden estava aumentando, assim como a quantidade de sustos e presentes que Bob vinha recebendo.

Desde os primeiros dias, as pessoas costumavam dar pequenos mimos para ele. O primeiro veio de uma senhora que trabalhava em um escritório do bairro.

— Eu tive um gato laranja há muitos anos — ela suspirou ao parar para conversar com a gente pela primeira vez. — Bob me faz lembrar tanto dele!

Certa noite ela se aproximou com um enorme sorriso no rosto e uma bela sacola de um pet shop elegante.

— Espero que não se importe, mas comprei um presente para o Bob — ela explicou, tirando da sacola um ratinho de feltro acolchoado com erva do gato.

Os gatos ficam loucos com essa erva. Bob certamente fica. A mulher permaneceu por ali algum tempo, observando, enquanto ele curti seu brinquedinho.

Quando o tempo começou a piorar, as pessoas começaram a dar presentes mais práticos.

Um dia, uma senhora russa parou ao nosso lado, toda sorridente.

— Com o tempo esfriando, pensei em tricotar alguma coisa para o Bob, para ele ficar quentinho — ela disse.

E retirou um lindo cachecol azul-claro de dentro de sua bolsa tiracolo.

— Nossa! — exclamei, genuinamente surpreso. — Maravilhoso!

Imediatamente enrolei o cachecol em volta do pescoço de Bob. Serviu direitinho, e ficou uma graça.

A mulher russa ficou encantada, e voltou uma semana ou duas depois com um colete combinando. Eu não era nenhum conhecedor de moda, mas podia garantir que Bob ficou fantástico nele. Logo as pessoas estavam fazendo fila para tirar uma foto dele usando as roupas da moda.

Desde então, várias pessoas deram roupas para Bob. Uma senhora chegou a bordar “Bob” em um pequeno cachecol que fez para ele. Meu gato estava se tornando um top model. Deu um novo significado para a palavra “passarela”!

Tudo isso simplesmente provava o que eu já havia percebido. Que eu não era o único que amava Bob. Ele ficava amigo de praticamente todos que encontrava. Era um dom que eu mesmo desejaria possuir. Nunca foi fácil me relacionar com os outros.

Ninguém havia se apaixonado mais intensamente por Bob do que minha amiga Belle. Ela aparecia em nossa quitinete com regularidade, em parte para me ver e passar algum tempo por ali, mas também para ver Bob. Os dois brincavam juntos por horas no sofá. Bob achava Belle brilhante.

Cerca de três semanas antes do Natal, Belle chegou com uma sacola de plástico nas mãos e um grande sorriso no rosto.

— O que tem aí dentro? — perguntei.

— Não é pra você — ela disse, me provocando. — É para o Bob.

Bob ergueu a cabeça assim que ouviu seu nome.

— Bob, venha aqui; tenho uma surpresa pra você — Belle disse, se jogando no sofá com a sacola.

Bob deu umas passadas de leve, curioso. Belle tirou algumas camisetas para pets da sacola. Uma delas tinha a estampa de um gatinho lindo. Mas a outra era vermelha, com acabamento em verde e as palavras “Gato Noel” escritas em enormes letras brancas, com uma grande estampa de pata de gato impressa por baixo.

— Ei, que legal, né, Bob? — Comentei. — É perfeita para usar agora no Natal. Isso vai divertir as pessoas.

E certamente foi o que aconteceu.

Não sei se era o espírito natalino, ou simplesmente o fato de ver Bob usando aquela roupa, mas o resultado foi fantástico.

— Ah, olhe! É o Gato Noel! — as pessoas diziam a todo minuto.

Muitos paravam e deixavam uma moeda no estojo do meu violão. Outros queriam dar alguma coisa para Bob.

— Ele é fabuloso! — disse uma mulher muito elegante, parando para fazer um agrado em Bob. — O que ele quer ganhar de Natal?

— Não tenho ideia, senhorita — repliquei.

— Bom, vamos fazer o seguinte — ela disse. — Do que ele precisa?

— Seria útil ter uma coleira a mais — disse. — Ou alguma coisa para aquecê-lo quando o tempo ficar realmente frio. Ou simplesmente alguns brinquedos. Todo menino gosta de ganhar brinquedos no Natal.

— Tudo bem — ela disse, se levantando e indo embora.

Não pensei muito naquilo, mas então, uma hora mais tarde, a mulher reapareceu. Estava com um enorme sorriso no rosto e carregava uma linda meia de tricô feita a mão, com desenhos de

gatos na frente. Olhei lá dentro e pude ver que estava cheia de presentes: petiscos, brinquedos e outras coisas.

— Você tem que deixá-la debaixo da árvore até a manhã de Natal.

Não tive coragem de dizer a ela que não tinha dinheiro para comprar uma árvore de Natal, ou qualquer tipo de enfeite natalino para a quitinete. O melhor que consegui foi uma pequena árvore de 25 centímetros, de fibra ótica USB, que se plugava a um velho console de *video game* Xbox que eu havia encontrado em uma instituição de caridade.

Mas, então, percebi que a mulher estava certa. Pelo menos uma vez eu deveria ter uma árvore de Natal decente. Afinal de contas, havia algo a celebrar. O Bob!



Eu era uma daquelas pessoas que realmente tinham pavor do Natal.

Durante a década anterior, havia passado a maioria dos meus Natais em abrigos, onde as pessoas preparam um enorme almoço natalino para os sem-teto. Era tudo muito bem-intencionado, e eu acabava me divertindo um pouco ali. Porém, aquilo me lembrava do que eu não tinha: uma vida normal e uma família comum. Fazia-me lembrar da desordem que era minha vida.

Uma ou duas vezes passei o Natal sozinho, tentando esquecer que minha mãe estava do outro lado do mundo. Em algumas ocasiões, passei o feriado na casa de meu pai, no sul de Londres. Não foi muito bom. Ele realmente não tinha muita consideração por mim, e eu não podia culpá-lo por isso. Eu não era exatamente o tipo de filho do qual ele poderia se orgulhar. Nunca mais nos reunimos no Natal.

Mas naquele ano foi diferente. Convidei Belle para tomar alguma coisa comigo na véspera. Então, no dia do Natal, preparei uma bela

mesa com peito de peru comprado pronto e todos os acompanhamentos. Comprei também alguns petiscos muito gostosos para Bob, inclusive sua ração sabor frango favorita.

No dia de Natal, levantamos bem cedo e saímos para uma pequena caminhada, para Bob fazer suas necessidades. Outras famílias do quarteirão também estavam saindo de casa para visitar amigos e parentes.

— Feliz Natal! — eles disseram quando passamos por eles.

— Feliz Natal pra vocês também — sorrimos de volta.

Senti uma animação que não experimentava havia muito tempo.

De volta ao apartamento, dei a meia para Bob.

— Aqui está, companheiro — revelei, com um sorriso.

Esvaziei o conteúdo da meia, item por item. Havia petiscos, brinquedos, bolas e pequenos objetos recheados com a erva do gato. Ele adorou os presentes, e logo estava brincando com seus novos brinquedos, como uma criança empolgada na manhã de Natal. Foi lindo.

Preparei nosso almoço no começo da tarde, então coloquei um gorro de Papai Noel em nossas cabeças, peguei uma cerveja e assistimos à televisão pelo resto da tarde e da noite.

Foi o melhor Natal que tive em anos.

Capítulo 17

Identidade Trocada



No verão de 2008, tocar violão nas ruas londrinas estava se tornando algo impossível. A crise econômica estava intensa, e as pessoas estavam sendo menos generosas.

Assim, as autoridades em Covent Garden começaram a pressionar os artistas de rua como eu que tocavam nos lugares “errados”.

— Vou confiscar seu violão se não sair daqui! — um cara me ameaçou.

Os funcionários da estação de metrô de Covent Garden também começaram a brigar comigo pelo fato de eu tocar ali do lado de fora. Era um constante jogo de esconde-esconde, e eu já não tinha muitos lugares para me esconder.

Certo dia me dirigi a Covent Garden com Bob, como de costume. Meu amigo Dylan estava passando a tarde comigo.

— Posso ir para Londres e ficar com vocês hoje? — Dylan perguntou exatamente naquela tarde. — Está um dia maravilhoso e ensolarado, e estou com vontade de passear.

Olhando para trás, para o que aconteceu a seguir, nem posso acreditar na sorte que tive por Dylan estar lá comigo.

Mal tinha colocado a alça do violão sobre os ombros quando uma van da *British Transport Police* parou ao lado da calçada. Três policiais saltaram.

— Você vem com a gente — um dos policiais disse, apontando para mim. — Está detido por comportamento suspeito.

Eles me agarraram. Enquanto um deles lia meus direitos, o outro me algemou. Minha cabeça estava rodando. Não tinha ideia do que estava acontecendo.

— Dylan, você toma conta do Bob? — pedi. — Leve-o de volta para o apartamento. As chaves estão na minha mochila.

Bob parecia apavorado com o que estava acontecendo. Através das grades das janelas, da parte traseira da van da polícia, fiquei observando Dylan e Bob parados na calçada, desaparecendo conforme o carro tomava distância.

Eu já havia sido detido antes, na maioria das vezes por pequenos furtos. Quando você é um sem-teto, ou um viciado em drogas, tenta encontrar um jeito fácil de ganhar dinheiro. No meu caso, eu costumava roubar carne.

Na primeira em vez que fui preso, estava com cerca de 54 quilos de carne, que havia roubado da loja Marks & Spencer. Eles me multaram em oitenta libras por furto. Tive sorte de me livrar da prisão; me soltaram porque era minha primeira vez.

Quando te pegam, é muito chato. Você tenta se livrar da acusação e inventa mentiras, mas eles não acreditam em você. Quando se está por baixo, as coisas viram um círculo vicioso.

E agora eu estava novamente encrencado. Sentia como se tivesse levado um soco no estômago.

Eu já estava em uma cela havia mais ou menos meia hora quando uma porta se abriu e um policial de camisa branca me levou para fora. Fui conduzido para uma sala vazia, com algumas cadeiras de plástico e uma única mesa.

Havia alguns policiais sentados do lado oposto.

— Onde vocês estava ontem à noite, por volta das seis e meia da tarde? — um deles perguntou.

— Tocando meu violão em Covent Garden — disse.

— Você entrou na estação de metrô em algum momento na noite passada? — o tira perguntou.

— Não, eu nunca entro lá — disse. — Eu ando de ônibus.

— Temos duas testemunhas que te viram subir pelo elevador do metrô e tentar passar por cima da catraca automática sem o bilhete.

— Bom, como já disse, não pode ter sido eu — respondi.

— Quando foi barrado, você ofendeu verbalmente uma funcionária do metrô.

Fiquei ali sentado, sacudindo a cabeça. Aquilo era surreal.

— Você foi levado à bilheteria e teve que comprar um bilhete — o homem continuou. — Foi obrigado a comprar uma passagem de metrô e depois cuspiu na janela da moça da bilheteria.

— Já expliquei para vocês que não entrei na estação de metrô ontem à noite — insisti. — Eu nunca vou lá. E nunca ando de metrô. Eu e meu gato andamos de ônibus por todos os lugares.

Eles ficaram me olhando, como se eu estivesse contando a maior mentira do mundo.

E se tudo aquilo fosse um complô? E se eu fosse levado a um tribunal e fosse a minha palavra contra a de três ou quatro funcionários da companhia de metrô, a *London Underground*?

Pior de tudo, o que aconteceria com Bob? Quem cuidaria dele? Será que ele voltaria para as ruas? E o que lhe aconteceria? Pensar nisso fez minha cabeça girar — ele era o meu bebê!

Me prenderam por mais umas duas ou três horas. Perdi completamente a noção do tempo.

— Nós vamos fazer um teste de DNA — disse a certa altura a policial feminina. — Fique sentado ali que vou colher um pouco de saliva da sua boca.

Finalmente, fui retirado da cela e levado de volta para a mesa na sala da frente da delegacia, onde assinei o recibo de meus objetos pessoais.

— Você tem que voltar daqui a dois dias — disse o policial atrás da mesa. — E então ficará sabendo se vamos te indiciar ou não.



De volta a meu apartamento, Dylan estava assistindo à televisão, e Bob estava todo encolhido em seu lugar de sempre, debaixo do aquecedor.

Assim que entrei pela porta, Bob deu um pulo e veio caminhando de leve em minha direção, curvando a cabeça de lado e erguendo o olhar para mim.

— Olá, amigão, você está bem? — perguntei, me ajoelhando e fazendo um carinho nele.

Imediatamente ele saltou para cima de meu joelho e começou a se encostar em meu rosto.

Fiquei sentado algumas horas, conversando com Dylan, tentando entender o que tinha acontecido comigo.

— Não tem como eles provarem que é o mesmo DNA que o seu, companheiro — Dylan assegurou.

Bem que eu gostaria de ter a mesma certeza.

Dormi mal naquela noite e na seguinte. Teria que me apresentar na delegacia da polícia de transporte, a *Transport Police*, ao meio-dia, mas saí de casa bem mais cedo para ter certeza de que não iria me atrasar. Não queria lhes dar nenhum motivo. Deixei Bob em casa — caso ficasse retido por lá durante muitas horas novamente.

— Não se preocupe, companheiro, vou voltar antes que sinta a minha falta. — Se eu pelo menos me sentisse tão confiante quanto parecia...

Na delegacia, foi difícil me concentrar em alguma coisa. Finalmente fui chamado a uma sala, onde alguns policiais esperavam por mim.

— Você vai ficar aliviado por saber que não iremos autuá-lo — disse um dos policiais.

— Meu DNA não correspondia à saliva encontrada na janela da bilheteria do metrô, não é? — perguntei.

Ele simplesmente me olhou com um sorriso sem graça.

Se aquela era a boa notícia, a ruim não demorou a chegar.

— De qualquer forma, estamos te acusando por fazer shows musicais ilegalmente nas ruas — disse o outro policial. — Apresente-se ao tribunal daqui a uma semana.

Saí da delegacia me sentindo aliviado. Apresentar-se ilegalmente nas ruas não era uma acusação tão ruim quanto comportamento suspeito. Eu poderia me safar com uma pequena multa e um tapinha nas mãos, nada mais. Apresentar um comportamento suspeito, isso sim poderia me levar à prisão.

Parte de mim queria lutar contra a injustiça que aconteceu comigo. Mas o mais importante de tudo, e fiquei pensando naquilo enquanto voltava para casa, foi o alívio e a sensação de perceber que eu havia cruzado algum tipo de barreira. Não sei ao certo qual era essa barreira.

Fui até o Centro de Aconselhamento de Cidadãos tentar obter algum conselho legal para minha apresentação no tribunal. Era algo bem simples. Eu precisaria admitir que era culpado por fazer shows de rua: simples e direto. Só deveria me comportar bem, para que os juízes não detestassem músicos de rua.

Quando finalmente chegou o dia, vesti uma camisa bem passada, fiz a barba e fui para o tribunal.

— James Bowen. A corte chama o Senhor James Bowen — uma voz adocicada soou. Respirei fundo e me aproximei.

Os juízes me olharam como se eu fosse o lixo da humanidade. Mas não havia muito o que pudessem fazer contra mim, já que era minha primeira acusação por fazer shows musicais ilegalmente nas ruas.

— Se você reincidir na acusação, vai ter que pagar uma multa, ou coisa pior — eles advertiram.

Depois que a audiência terminou, encontrei Belle e Bob esperando por mim do lado de fora do tribunal. Bob imediatamente pulou do colo dela e se aproximou de mim. Deixou bem claro que estava feliz por me ver.

— Foi tudo bem? — Belle perguntou.

— Se for pego novamente, terei que enfrentar penalidades mais sérias — expliquei.

— O que vai fazer, então?

Olhei para ela e depois para baixo, em direção a Bob.

— Não sei ainda, Belle — titubeei. — Mas a única coisa de que tenho certeza é que não vou continuar com meus shows de rua.

Capítulo 18

Número 683



Minha cabeça não parou de rodar nos dias seguintes. Parte de mim ainda estava com raiva por causa da injustiça. Mas, ao mesmo tempo, percebi que aquilo foi uma bênção disfarçada. Eu não poderia mesmo continuar tocando minha música nas ruas pelo resto da vida.

Então, como eu faria para ganhar dinheiro? Não possuía nenhuma qualificação. Tinha alguma experiência com computador, mas nunca havia trabalhado para uma empresa grande como o Google ou a Microsoft nos últimos dez anos. Resumindo, eu era um fracasso no que se referia a ter um emprego decente. Não importava qual fosse.

Precisava arrumar dinheiro para sustentar a mim e a Bob. Portanto, alguns dias depois da audiência no tribunal, parti com ele para Covent Garden sem meu violão pela primeira vez em anos. Quando cheguei à praça, fui procurar uma garota chamada Sam, a coordenadora de distribuição da revista *Big Issue* da região.

Eu já havia tentado vender essa revista quando fui parar nas ruas pela primeira vez. Mas durou apenas um ano; acabei desistindo.

Ainda me lembro de como era difícil. Eu costumava ficar sentado em uma esquina, suportando a chuva e o vento, enquanto tentava conseguir compradores para minhas revistas. Era duro.

— Arrume um trabalho! — as pessoas diziam cinicamente para mim.

Mas vender os exemplares da *Big Issue* “é” um trabalho. O vendedor faz seu próprio negócio. As pessoas acham que a empresa dá as revistas de graça para os vendedores, mas isso não é verdade. Eu comprava os exemplares para vender. “Você tem que ter dinheiro para fazer dinheiro”. Isso vale tanto para os vendedores da *Big Issue* quanto para qualquer pessoa.

Nunca pensei que tentaria ser vendedor ambulante novamente. Mas agora eu tinha que pensar em Bob.

— Olá, vocês dois! — disse Sam, a coordenadora, reconhecendo a gente e fazendo um agrado em Bob. — Não está tocando hoje?

— Tivemos um probleminha com a polícia — eu contei. — Não posso mais me arriscar tocando nas ruas agora que tenho que cuidar do Bob. Não é, companheiro? Por isso estava pensando se poderia vender a *Big Issue*.

Sam sorriu.

— Você se enquadra nas exigências?

Somente uma pessoa que vivesse em “condições precárias de moradia” como eu se enquadraria nas exigências para vender a revista. Acenei que sim com a cabeça.

— Os escritórios da *Big Issue* ficam lá em Vauxhall — Sam disse. — Vá lá e converse com eles. Assim que te derem um crachá, volte aqui e podemos começar.

— Melhor a gente se organizar, Bob — eu disse, quando voltávamos para casa. — Vamos fazer uma entrevista de emprego.

O funcionário municipal responsável me deu uma carta, declarando que eu vivia em “condições precárias de moradia” e que vender os exemplares da revista *Big Issue* seria um modo de me ajudar como cidadão, para eu colocar minha vida nos trilhos novamente. Então, me arrumei para ficar com uma aparência respeitável, preendi o cabelo, vesti uma camisa decente e parti para Vauxhall.

Levei Bob junto comigo. Ele seria meu parceiro, então eu também queria registrá-lo.

A primeira coisa que notei assim que cheguei à recepção foi um grande aviso que dizia: “*Não é permitida a entrada de cachorros*”. Não dizia nada sobre gatos.

Fui entrevistado por um cara legal, e conversamos durante algum tempo. Ele também havia sido morador de rua alguns anos antes.

— Eu sei como são as coisas na rua, James, pode acreditar — ele disse. — Vá tirar sua fotografia e faça seu crachá.

Fui para a sala seguinte conversar com a senhora que emitiria meu crachá.

— Será que posso fazer um cartão de identificação para o meu gato também? — perguntei.

— Sinto muito — ela disse. — Não podemos fazer crachás de identificação para animais.

— Bom, então posso posar com ele na foto? — perguntei.

Ela fez uma careta, mas acabou consentindo.

— Vamos lá, então — ela se rendeu.

— Sorria Bob! — eu disse ao sentarmos na frente da câmera.

Depois de esperar cerca de quinze minutos, a senhora reapareceu na recepção.

— Aqui está, Senhor Bowen — ela falou, me entregando o cartão laminado.

Não pude deixar de dar um grande sorriso ao ver a foto. Bob estava do lado esquerdo. Nós éramos uma dupla. Os vendedores da *Big Issue* número 683.

Foi uma longa jornada de volta a Tottenham. Passei o tempo folheando um pequeno panfleto que eles me deram. Estava mais determinado do que nunca a fazer tudo dar certo. Muito mais que da última vez. O panfleto dizia:

A revista *Big Issue* existe para oferecer às pessoas sem-teto, e àquelas que vivem em condições precárias, a oportunidade de ganhar uma renda legítima, vendendo a revista para o público em geral. Acreditamos em estender a mão para ajudar, não para dar esmolas, possibilitando, portanto, que os indivíduos tenham controle sobre suas próprias vidas.

É exatamente isso o que *eu quero* — pensei, *uma mão estendida para me ajudar, não uma esmola*. E continuei lendo o panfleto.

Depois de vender essas revistas, eles podem adquirir mais cópias, pelas quais pagarão 1 libra e venderão por 2 libras o exemplar. Cada indivíduo deve gerenciar suas vendas e finanças cuidadosamente. Essas habilidades, assim como a confiança e a autoestima que essas pessoas sem-teto vão adquirir ao vender estas revistas, serão cruciais para ajudá-las a voltar ao convívio social.

Para começo de conversa, eu teria que fazer as primeiras vendas como experiência. Se tudo corresse bem, seria um trabalho permanente. Eu receberia dez cópias grátis da revista para dar início a meu negócio. Depois disso, tudo só dependeria de mim.



— Deu tudo certo em Vauxhall? — Sam perguntou na manhã seguinte, em Covent Garden.

— Recebi o crachá — eu disse, sorrindo orgulhosamente, exibindo o cartão laminado debaixo de meu casaco.

— Então é melhor começar a trabalhar — Sam recomendou, sorrindo para minha foto com Bob.

Ela separou as dez cópias grátis da revista.

— Aí está. Você sabe que depois que acabar terá que comprá-las, né?

— Sim, eu sei — afirmei.

Não acreditei no que Sam disse a seguir.

— Vamos fazer o seu trabalho de experiência bem aqui — ela disse, apontando para a estação de metrô de Covent Garden.

Não consegui me segurar e caí na risada.

Sam pareceu confusa.

— Algum problema? Posso encontrar outro lugar.

— Não, vai ser maravilhoso! — eu disse. — Uma verdadeira volta ao passado.

Preparei-me imediatamente para o trabalho. Era o meio da manhã, e havia muita gente passeando por ali. Além disso, estava um dia ensolarado e brilhante, o que deixa as pessoas com um espírito mais alegre e generoso.

Vender exemplares da *Big Issue* era algo totalmente diferente de ser um músico de rua. Eu tinha uma licença oficial, que me dava permissão para trabalhar ali. Posicionei-me o mais perto possível da entrada da estação de metrô, sem chegar a entrar, e comecei a tentar vender minhas dez cópias.

Os funcionários do metrô não vão poder me aborrecer por causa disso, pensei. Nem mesmo se quiserem.

Eu sabia que o pessoal da revista me posicionara naquele local como experiência, porque lá era um pesadelo. Todo mundo anda a passos rápidos numa estação de metrô. Todos têm compromissos, pessoas para encontrar. Um vendedor convencional da *Big Issue* teria muita sorte se conseguisse parar uma entre cada mil pessoas que passassem apressadas a seu lado. Eu já tinha presenciado isso.

Mas eu não era um vendedor convencional da *Big Issue*. Eu tinha uma arma secreta, e ela já havia espalhado seu encanto em Covent

Garden. Não demorou muito para Bob começar a exercitar sua mágica.

Eu o havia o colocado na calçada a meu lado, onde ele ficou sentado confortavelmente, observando o mundo passar a seu redor. Muitas pessoas nem o notaram, de tão apressadas, mas muitas outras prestaram atenção nele.

Em poucos minutos, algumas turistas americanas pararam de caminhar e começaram a apontar para ele.

— Owwww! — uma delas disse, pegando sua câmera.

— Você se importa se a gente tirar uma foto do seu gato? — a outra perguntou.

— Claro que não! — respondi, satisfeito por elas perguntarem. — Gostariam de comprar um exemplar da *Big Issue* enquanto estão por aqui? Isso vai ajudar o Bob e a mim a comprar o nosso jantar de hoje.

— Ah, claro — a segunda garota respondeu, parecendo um pouco envergonhada por não ter pensado nisso antes.

— Não tem problema se vocês não tiverem dinheiro — falei. — Não é obrigatório.

Antes que eu pudesse dizer algo mais, ela já tinha me dado uma nota de cinco libras.

— Fique com o troco e compre alguma coisa gostosa para o seu gato comer — ela sorriu.

Vendi seis cópias da revista na primeira hora.

A maior parte das pessoas me dava a quantia certa, mas um cavalheiro idoso, vestindo um terno elegante, me deu uma nota de cinco libras. Percebi então que havia feito a jogada certa. Eu teria altos e baixos, mas já dava para perceber que havia dado um grande passo em uma nova direção.

O melhor veio depois que estávamos ali por umas duas horas e meia. Bob e eu fomos vistos pelo enorme e suado bilheteiro da

estação de Covent Garden, que sempre nos perseguia. Ele imediatamente marchou em nossa direção, com a cara vermelha como um tomate.

— O que você está fazendo aqui?! — ele gritou. — Pensei que estivesse atrás das grades. Você sabe que não pode ficar aqui.

Muito lenta e deliberadamente, exibi meu crachá da *Big Issue* para ele.

— Só estou fazendo meu trabalho, companheiro — eu disse, saboreando o olhar desconcertado na cara dele. — Sugiro que continue a fazer o seu.

Capítulo 19

Jogada Perfeita



Tornar-me um vendedor da *Big Issue* teve um impacto imediato em minha vida, e na do Bob também. Para começo de conversa, nos deu mais estrutura.

Naquelas primeiras duas semanas, ambos trabalhamos de segunda a sábado. Ficávamos lá o tempo necessário para vender um lote de revistas. Uma nova edição saía todas as segundas-feiras pela manhã.

Viver com Bob já havia me ensinado muito sobre responsabilidade. Mas trabalhar para a *Big Issue* levou as coisas para outro nível. Desde a primeira quinzena, tive que gerir meu trabalho como se fosse um negócio. Eu mesmo me surpreendi com o modo como lidei com as novas demandas.

Não tem como “vender ou retornar” a mercadoria para a própria *Big Issue*. Isso significa que, se você compra demais, pode perder bastante dinheiro. Ninguém quer ficar atolado com cinquenta cópias num sábado à noite se a nova edição da revista sai na segunda-feira. Porém, se você tem poucos exemplares, corre o risco de vender tudo muito depressa e ficar faltando material para novos compradores.

Levei certo tempo até atingir o equilíbrio ideal.

Na verdade, Bob e eu estávamos ganhando menos dinheiro do que quando nos apresentávamos nas ruas. Mas era um preço que valia a pena pagar. Eu estava trabalhando legitimamente. Se fosse

parado por um policial, poderia mostrar meu crachá e ele me deixaria em paz. Depois de minha péssima experiência com a *Transport Police*, isso era importante.



Os dois meses seguintes trabalhando na estação de metrô passaram voando.

Certo dia, no começo do outono de 2008, um cara de aparência bem extravagante se aproximou da gente. Eu tive certeza de que ele era alguma estrela do rock; pelo menos parecia.

— Seu gato é muito legal — ele disse, com um sotaque tipo americano.

Ele passou um minuto de joelhos, apenas acariciando Bob.

— Vocês dois estão juntos há muito tempo? — perguntou.

— Já faz um ano e meio — respondi.

— Vocês parecem almas gêmeas — ele sorriu. — Como se fossem um do outro. Tenho que ir, vejo vocês por aí.

Ele colocou a mão no bolso e tirou um maço de dinheiro. Então, depositou uma nota de dez libras em minha mão.

— Fique com o troco — ele disse. — Tenham um bom dia.

— Com certeza — prometi a ele. E nós tivemos.



A vida nas ruas não era um mar de rosas. Não era uma comunidade baseada no afeto recíproco, mas um mundo individualista. Porém, para começo de conversa, tenho que dizer que os outros vendedores da *Big Issue* reagiram carinhosamente ao ver o novo vendedor com um gato nos ombros.

Sempre houve vendedores andando por aí com seus cachorros. Mas, até onde sei, nunca apareceu ninguém com um gato em Covent Garden — ou em qualquer outro lugar de Londres — antes de mim.

Alguns vendedores foram bem gentis em relação a isso.

— Onde vocês dois se encontraram? — eles me perguntavam. — De onde ele veio?

A resposta, é claro, era que eu ainda não sabia. Bob era uma página em branco, um gato misterioso, que parecia encantar todos à sua volta, cada vez mais.

Com Bob a meu lado, descobri que poderia vender entre trinta e cinquenta exemplares num dia bom. A duas libras cada, a venda corria muito bem, especialmente com as gorjetas que as pessoas me davam — ou, mais comumente, davam a Bob.

No começo de um entardecer de outono, Bob estava sentado em minha mochila, se deleitando com o sol do fim de tarde, quando um casal elegante saiu da estação de metrô, a caminho do teatro ou talvez até mesmo da ópera. O homem usava smoking e gravata-borboleta, e a mulher, um vestido preto de seda.

— Vocês dois estão muito elegantes — comentei quando eles pararam e começaram a fazer gracinhas para Bob.

— Ele é maravilhoso! — a mulher disse. — Estão juntos há muito tempo?

— Há um bom tempo — respondi. — Nos encontramos praticamente na rua.

— Aqui está — o homem disse repentinamente, tirando a carteira e puxando uma nota de vinte libras. — Fique com o troco — e sorriu para sua companheira.

O olhar que ela deu para ele dizia tudo. Tive a impressão que estavam saindo juntos pela primeira vez. Ao se afastarem, percebi que ela se encostou nele e passou o braço em volta de seu corpo.

Foi a primeira vez que recebi uma gorjeta de vinte libras.

Bem distante de ser considerada um “pesadelo”, a estação de Covent Garden na verdade provou ser o lugar ideal para mim e Bob. Mas alguns dos outros vendedores perceberam que estávamos nos dando bem e ficaram com inveja. Em nossa segunda semana, notei uma mudança sutil, porém definitiva, na atitude deles conosco.

— Está na hora de vocês se transferirem para um local permanente — Sam disse ao final das duas semanas da experiência. — Você pode ficar na esquina da Neal Street com a Shorts Gardens. Não é muito longe.

Fiquei desapontado, mas não surpreso.

Pela primeira vez, calei a boca e aceitei.

Escolha suas batalhas, James, pensei com meus botões.

Capítulo 20

Sofrendo as Consequências

Foi um outono frio e úmido o daquele ano. Os ventos cortantes e as chuvas pesadas logo começaram a arrancar as folhagens das árvores.

Uma manhã, enquanto Bob e eu partíamos em direção ao ponto de ônibus, uma garoa leve e fina começou a cair. Bob não era um grande fã de chuva; parecia que caminhava em câmera lenta.

Talvez ele esteja em dúvida se quer ir comigo hoje, pensei.

Uma massa gigantesca de nuvens pesadas e cinzentas estava pairando sobre o norte de Londres, como se fosse uma grande nave espacial. Eu tinha quase certeza de que uma chuva forte estava a caminho. Era tentadora a ideia de voltar para casa, mas o final de semana estava se aproximando e nós não tínhamos dinheiro suficiente para as despesas.



Os mendigos não podem escolher, disse a mim mesmo.

Bob ainda estava andando a passo de lesma. Levamos alguns minutos para andar cem metros rua abaixo.

— Vamos lá, companheiro, suba a bordo — mandei.

Ele se enroscou em meu ombro e nos arrastamos em direção ao ônibus.

A chuva já estava aumentando. Fomos pisando nas poças de água ao longo do caminho, entrando embaixo de qualquer abrigo que estivesse a nosso alcance, enquanto seguíamos em frente. Mas, quando nos acomodamos para nossa jornada no ônibus, percebi que o problema era com Bob, não simplesmente com o mau tempo.

O passeio no ônibus era geralmente a parte favorita dele. Não importava quantas vezes fizéssemos aquela viagem, ele nunca se cansava de ficar com o focinho grudado no vidro da janela. Mas, nesse dia, ele nem mesmo quis se sentar no assento ao lado da janela. Em vez disso, preferiu se sentar em meu colo, o que era bem estranho. Parecia cansado. Sua linguagem corporal demonstrava abatimento. Seus olhos estavam apáticos e meio sonolentos. Definitivamente, ele não estava em seu modo normal, alerta como sempre.

Bob começou a piorar quando descemos na Tottenham Court Road. Enquanto descíamos a Neal Street, ele começou a agir de um jeito estranho em meus ombros. Em vez de ficar sentado, impassível, como de costume, estava se contorcendo e se sacudindo.

— Você está bem aí, companheiro? — perguntei, diminuindo o passo.

De repente, ele começou a se mexer agitadamente, fazendo um ruído estranho, como se estivesse com ânsia ou engasgando, ou tentando limpar a garganta. Tive certeza de que ele pularia dali ou cairia, então o coloquei na calçada para ver o que estava errado.

Antes mesmo que eu pudesse me abaixar, ele começou a vomitar. Não era nada sólido, apenas bile. Mas não parava de sair. Eu vi seu corpo se contorcendo enquanto ele vomitava e lutava para pôr para fora o que quer que fosse que o estivesse deixando doente. Por um momento ou dois pensei se a culpa era minha, se ele estava se sentindo enjoado por causa de toda a movimentação do dia anterior.

Mas então ele começou a passar mal novamente, vomitando e produzindo ainda mais bile. Aquilo era mais que um simples enjoo por causa do movimento.

Uma infinidade de pensamentos malucos começou a cruzar minha mente. “Será que ele comeu alguma coisa que não caiu bem? Ou será que é algo mais sério? Será que ele vai morrer aqui, na minha frente?” A imagem de Bob morrendo passou rapidamente pela minha cabeça. Consegui me controlar, antes que as emoções tomassem conta de mim.

Vamos lá, James, vamos tentar ser práticos, disse a mim mesmo.

Todo aquele vômito significava que Bob ficaria desidratado. Ele poderia piorar se eu não fizesse alguma coisa. Então, o peguei no colo e o segurei nos braços enquanto caminhávamos rumo a Covent Garden, a um supermercado conhecido na vizinhança.

Eu não tinha muito dinheiro, mas juntei alguns trocados para comprar uma ração de frango em forma de purê que Bob adorava, além de uma garrafa de água mineral (não queria arriscar com água da torneira, pois poderia piorar as coisas ainda mais).

Levei Bob para Covent Garden e o coloquei na calçada, perto do nosso lugar habitual. Peguei sua vasilha e coloquei um pouco da ração.

— Vamos lá, companheiro — eu disse, fazendo carinho nele enquanto colocava a comida em sua frente.

Normalmente Bob pula na frente da comida e devora tudo de uma vez só; naquele dia, não. Um sinal de alerta começou a tocar em minha mente. Esse não era o Bob que eu conhecia e amava. Algo estava muito errado, com certeza.

Desanimado, comecei a me preparar para vender as revistas. Precisávamos de um pouco de dinheiro para passar os próximos dias, principalmente se eu tivesse que levar Bob a um veterinário. Mas não estava concentrado. Estava bem mais preocupado em

prestar atenção no Bob do que em tentar chamar a atenção dos transeuntes.

Terminei o dia de trabalho mais cedo, umas duas horas antes. Definitivamente Bob não estava se sentindo bem. Eu tinha que levá-lo para o calor — e o ambiente seco — da quitinete.

Até agora eu tinha dado sorte com Bob. Desde que o coloquei sob minha proteção, sua saúde era perfeita. Ele tivera algumas pulgas no princípio, mas isso era esperado de um gato de rua. Desde então, ele não tinha tido nenhum problema de saúde. Portanto, esse mal-estar era novidade para mim. Eu estava apavorado só de pensar que pudesse ser algo mais sério.

Com Bob deitado em meu colo, no ônibus de volta para Tottenham, senti meus sentimentos aflorarem. Faltou pouco para eu não cair no choro. Bob era a melhor coisa da minha vida. Pensar em perdê-lo era horrível. Eu não conseguia afastar esse pensamento da cabeça.

Quando chegamos em casa, ele foi direto para o aquecedor, onde se acomodou todo enrolado e caiu no sono. E ali ficou por horas. Nem mesmo conseguiu me seguir até a cama.

Naquela noite eu não dormi bem de tanta preocupação. Levantava-me de vez em quando para ver como ele estava. Numa das vezes, me convenci de que ele não estava respirando e tive que colocar a mão em seu corpo para ter certeza. Fiquei muito aliviado ao perceber que ele ronronava levemente.

O dinheiro estava tão curto que eu teria que sair novamente no dia seguinte. Será que deveria deixar Bob sozinho no apartamento? Ou deveria agasalhá-lo bem e levá-lo comigo para o centro de Londres, para poder ficar de olho nele?

Não sabia direito o que fazer.

Capítulo 21

Recuperando-se



De manhã cedo o tempo já estava bem melhor, e o sol apareceu. Bob parecia mais alegre e ativo.

— Quer um pouco de comida, companheiro? — perguntei.

Quando lhe ofereci a comida, ele a mordiscou um pouco mais animado.

Eu ainda não conseguia me decidir sobre o que fazer. Então fui até a biblioteca, sentei-me diante de um computador e comecei a pesquisar os sintomas que ele vinha apresentando.

Tinha me esquecido de que não é uma boa ideia procurar esse tipo de coisa em sites médicos. Eles sempre mostram o pior prognóstico possível.

Quando digitei os principais sintomas — moleza, vômito, perda de apetite e alguns outros —, centenas de eventuais doenças apareceram. Depois de quinze minutos lendo aquilo, meus nervos estavam em frangalhos.

Decidi procurar os melhores tratamentos contra o vômito. Os sites que procurei sugeriam bastante líquido, descanso e cuidados. Então aquele seria o meu plano. Cuidaria dele o dia inteiro. Se Bob começasse a vomitar novamente, eu procuraria um veterinário imediatamente. Se não, iria até a van da Blue Cross na quinta-feira.

Fiquei em casa até o fim da tarde para Bob descansar bastante. Ele dormiu como uma pedra, aconchegado em seu local favorito. Parecia estar bem, então resolvi deixá-lo sozinho por três ou quatro horas e tentar vender algumas revistas. Eu não tinha muita opção.



De volta a Covent Garden, as pessoas demonstraram preocupação ao me ver sozinho.

— Onde está o Bob? — perguntavam.

— Ele está doente — eu falava.

— Ele vai ficar bem?

— É grave?

— Você vai levá-lo ao veterinário?

— Ele fica bem sozinho em casa?

Eu não sabia de nada.

De repente, me lembrei de uma enfermeira veterinária que eu conheci, chamada Rosemary. O namorado dela, Steve, trabalhava numa loja que vendia revistinhas perto de onde a gente às vezes ficava.

Fui até a loja.

— Bob está doente — contei a Steve. — Você acha que tudo bem se eu ligar para a Rosemary e pedir um conselho?

— A Rosemary não vai se importar se você ligar para ela — Steve afirmou. — Especialmente se for por causa do Bob. Ela o adora.

Quando falei com Rosemary, ela me fez um monte de perguntas.

— O que ele come? Ele come alguma coisa quando está fora de casa, passeando?

— Bem, ele costuma fuçar nas latas de lixo — lembrei.

Era um hábito que Bob nunca havia largado. Você pode tirar o gato da rua, mas não tira a rua do gato.

— Hum — Rosemary disse. — Talvez seja por isso.

Ela prescreveu alguns remédios para acalmar o estômago dele.

— Qual o seu endereço? — ela perguntou. — Vou mandar alguém entregar para você.

Fiquei desconcertado.

— Ah, não. Não posso pagar — expliquei.

— Não se preocupe, não vai te custar nada. Vou simplesmente colocar o remédio dele junto com outra entrega na sua região — ela disse. — Tudo bem esta noite?

— Sim, está ótimo — agradei.

Fiquei confuso. Tanta generosidade não costumava fazer parte da minha vida nos últimos anos. Foi uma das maiores mudanças que Bob me trouxe. Graças a ele, eu havia redescoberto o lado bom da natureza humana. Tinha começado a confiar novamente nas pessoas.

Rosemary cumpriu o prometido. O entregador chegou logo naquela noite, e eu administrei as primeiras doses do remédio imediatamente.

Bob não aprovou o gosto. Ele fez uma careta quando lhe dei a primeira colherada.

— Azar seu, companheiro — disse. — Se você não enfiasse a cara nas latas de lixo, não precisaria tomar este remédio.

O medicamento funcionou imediatamente. Naquela noite Bob dormiu profundamente e acordou bem mais animado. Tive que segurar firme a cabeça dele para que engolisse a segunda dose.

Na quinta feira ele já estava bem melhor. Mas, por precaução, resolvi levá-lo até a van da Blue Cross, em Islington Green.

— Vamos fazer um exame rápido? — disse a enfermeira de plantão.

Ela verificou seu peso, olhou dentro de sua boca e examinou todo o corpo dele.

— Parece que está tudo OK. Acho que ele está se recuperando bem. Só não vá sair por aí fuçando as latas de lixo, hein, Bob?



Ver Bob cabisbaixo me afetou profundamente. Eu nunca havia imaginado que ele poderia ficar doente. Descobrir que ele era “mortal” realmente me abalou.

E a situação exacerbou o sentimento que estava crescendo dentro de mim havia algum tempo. Que era o momento de eu me limpar das drogas.

Eu estava farto de meu estilo de vida. Estava cansado de sentir que a qualquer momento poderia voltar ao vício da heroína.

Fui procurar meu assistente social.

— Quero me livrar da metadona — disse a ele. — Não quero mais saber de nenhuma droga no meu organismo.

Nós já havíamos conversado sobre isso antes, mas eu acho que ele não acreditava em mim realmente. Naquele dia ele percebeu que eu não estava de brincadeira.

— Não vai ser fácil, James — ele alertou.

— Sim, eu sei.

— Você vai precisar tomar um remédio chamado Subutex, pra começo de conversa — ele explicou. — Então vamos diminuir as doses gradativamente, até que você não precise tomar absolutamente mais nada.

— Tudo bem — concordei.

— A transição pode ser dura — ele me advertiu. — Você pode ter alguns sintomas pesados de abstinência.

— Isso é um problema — confessei. — Mas quero experimentar assim mesmo. Quero fazer isso por mim e pelo meu gato Bob.

Pela primeira vez em anos eu pude ver uma luzinha bem fraca brilhando no fim do túnel.

Capítulo 22

Lista dos Malcomportados

Percebi que havia alguma coisa errada no momento em que Bob e eu chegamos à banca dos coordenadores, em Covent Garden, numa manhã fria e úmida de segunda-feira.



Sam quase sempre dava um alô para Bob e lhe fazia um carinho, mas nesse dia não fez. Ela me levou para um canto.

— James — disse ela, parecendo severa. — Recebi algumas reclamações dos outros vendedores. Você foi visto “circulando” por Covent Garden.

“Circulando” significa “vendendo revistas enquanto caminha pelas ruas”. Era contra as regras dos vendedores da *Big Issue*. Você podia vender seu material apenas no seu ponto e em nenhum outro lugar. Os outros vendedores que me viram concluíram que eu estava vendendo as revistas enquanto passeava com Bob.

— Isso não é verdade — argumentei.

Mas pude perceber logo o porquê de eles acharem que sim.



Todas as vezes que saíamos em Londres, Bob e eu éramos parados por pessoas que queriam fazer um carinho nele, ou tirar uma foto. A

única diferença é que as pessoas passaram também a comprar um exemplar da *Big Issue*.

Não precisaria ser um gênio para adivinhar quem me delatou.

Estávamos caminhando pela Long Acre, em frente ao ponto de venda pertencente a um cara chamado Geoff, quando um casal de idosos americanos parou perto de mim e de Bob.

— Com licença, senhor — o marido disse —, será que eu poderia tirar uma foto sua e do seu companheiro? Nossa filha adora gatos.

— Claro — concordei sorrindo. Ninguém me chamava de *senhor* há muitos anos — se é que me chamaram assim algum dia!

Eu estava tão acostumado a posar para os turistas que havia treinado algumas poses com Bob. Poses que ficavam melhores nas fotos. Eu o colocava em meu ombro direito e o virava de frente, com o rosto colado ao meu. Fiz isso novamente naquela manhã.

— Ah, nossa, nem sei como te agradecer! — disse a esposa. — Nossa filha vai ficar empolgada. Podemos comprar um exemplar?

— Sinto muito — disse. Apontei para Geoff a alguns metros de distância. — Ele é o vendedor oficial da *Big Issue* nesta região; acho que terão que comprá-la dele.

— Talvez em outra hora — disse o marido.

E eles começaram a se afastar. Mas então a esposa se inclinou para perto de mim e colocou uma nota de cinco na minha mão.

— Aqui está — ela disse. — Compre um agrado para você e o seu gatinho.

— Ei! — Geoff gritou quando o casal foi embora. Ele deu um pulo, parecendo furioso. — O que está fazendo? Quem você pensa que é para mandar as pessoas me ignorarem? Este é o “meu” ponto!

Senti que as coisas não estavam boas para o meu lado.

— Não é nada disso — tentei explicar.

Mas era tarde demais.

— Vá embora daqui, você e esse gato nojento! — ele gritou. — Ladrão! Mentiroso!

As fofocas logo se espalharam entre os outros vendedores. Não demorou muito para começarem uma campanha sorrateira contra mim.

Tudo começou com alguns comentários sarcásticos.

— Circulando por aí novamente?

— Quantas vendas você e aquele gato sarnento vão roubar hoje?

Continuei tentando explicar o que havia ocorrido, mas era como se estivesse falando com uma parede.

Fiquei realmente muito chateado. Havia feito um esforço enorme para me encaixar na família *Big Issue* de Covent Garden. Expliquei inúmeras vezes o que acontecia com Bob, mas não fez diferença alguma. Fiquei indo de um lado para o outro e não adiantou nada.



— Você está suspenso até resolvermos este impasse com a diretoria — Sam me explicou, pacientemente. — Não pode ficar circulando por aí, James. É contra as regras.

Pronto. Agora eu estava na “Lista dos Malcomportados”.

Naquela noite Bob e eu jantamos e fomos dormir mais cedo. Com Bob enrolado aos pés da cama, me encolhi debaixo das cobertas, tentando desesperadamente descobrir qual o próximo passo a dar.

Se fosse até a diretoria, será que seria expulso para sempre? Já tinha perdido meu ganha-pão tocando violão nas ruas. Não poderia perder aquele trabalho.

Entrei em pânico e decidi não ir até lá. Em vez disso, pensei em procurar outro coordenador, em outra região de Londres. Era

arriscado, já que estava oficialmente suspenso. Mas cheguei à conclusão de que valia a pena correr o risco.

Tentei me arriscar na Oxford Street, onde havia conhecido algumas pessoas no passado. Mostrei meu crachá e comprei uma pilha de vinte exemplares. O responsável por lá estava ocupado com outras coisas, e mal prestou atenção em mim. Não fiquei muito tempo por ali, para não arriscar a sorte. Simplesmente fui para um lugar onde aparentemente não havia ninguém vendendo as revistas, e resolvi me arriscar.

Consegui vender um número razoável naquele dia — e o mesmo aconteceu no dia seguinte. Fiquei mudando de lugar o tempo todo, paranoico, apavorado com a ideia de perder meu emprego.

No meio de toda aquela confusão, comecei a sentir pena de Bob. Ele estava nervoso e desorientado. Gostava de rotina, não de caos e incerteza. Eu também. Mas que escolha eu tinha?

— Por que isso está acontecendo com a gente? — disse a Bob certa noite, quando voltávamos de ônibus para casa. — Não fizemos nada de errado. Por que não podemos ter uma trégua?

Capítulo 23

Tudo Muda



Eu estava sentado debaixo de um velho e desgastado guarda-chuva em uma rua, em algum lugar perto da Victoria Station, quando Bob finalmente me fez perceber que eu havia cometido um erro.

A chuva estava caindo impiedosamente havia quatro horas, e ninguém havia parado para comprar uma única revista. Eu não podia culpá-los. Eles simplesmente queriam escapar do dilúvio.

Vender as revistas mudando de lugar o tempo todo não estava dando muito certo. Bob e eu tínhamos ficado em várias esquinas perto da Oxford Street, Paddington, King's Cross, Euston e outras estações de metrô.

— Esta é a terceira vez que peço para você sair daí — ameaçou um policial. — Estou te dando uma primeira advertência. Na próxima, será preso.

Tentei ficar longe dos principais pontos de venda e escolher lugares afastados das ruas mais movimentadas. Mas, como consequência, ficou muito difícil vender a revista, até mesmo junto de Bob.

Naquela tarde, na Victoria Station, a luz do dia estava enfraquecendo e a chuva não parava de cair.

— Está na hora de tentar outro lugar, companheiro — eu disse a Bob, enquanto empacotava minhas coisas. — Vamos ter que trocar estes exemplares. Eles já estarão desatualizados na segunda-feira, e aí sim estaremos enrascados. Vamos nessa!

Até o momento Bob tinha sido um tesouro, até mesmo nos dias mais sombrios. Havia suportado heroicamente os jatos d'água que os carros lançavam ao passar sobre as poças na rua, muito embora detestasse ficar molhado no frio. Mas, quando tentei parar e sentar no chão na primeira esquina que encontrei, ele puxou a coleira como se fosse um cachorro, recusando-se a parar.

— Tudo bem, Bob, entendi sua mensagem; você não quer parar aqui — disse. — Vamos tentar outro lugar.

Ele fez exatamente a mesma coisa na próxima parada. E também na parada seguinte. A ficha finalmente caiu.

— Você quer ir para casa, né? — disse.

Ele inclinou a cabeça na minha direção, me encarando com a expressão conhecida que apelidei de “sobrancelhas erguidas”. Ele parou. Parecia querer dizer:

“Chega. Não aguento mais. Quero colo”.

Naquele instante tomei a decisão. Bob sempre tinha sido leal comigo e ficado a meu lado, apesar de os negócios estarem indo mal e sua vasilha de comida estar bem menos cheia do que antes. Agora era minha vez de ser leal a ele e fazer a gente entrar nos trilhos novamente.

Eu tinha que ir à diretoria da *Big Issue* e enfrentar o problema. Pelo bem de Bob, tanto quanto pelo meu. Não podia mais continuar a fazer aquilo com ele.



Na manhã da segunda-feira seguinte, tomei um belo banho, vesti uma camisa limpa e parti para Vauxhall. Bob foi junto comigo.

Ficamos sentados ali por cerca de vinte minutos, até que um cara jovem e uma mulher mais velha nos levassem a um escritório nada interessante.

— Feche a porta — disse a mulher.

Prendi a respiração e esperei pelo pior.

Eles me deram uma grande bronca.

— Recebemos reclamações de que você fica circulando e pedindo esmolas — disseram.

— Tem sido difícil — tentei explicar. — Por causa do Bob, as pessoas me param e me oferecem dinheiro, ou querem comprar uma revista. Isso acontece o tempo todo. Sinto que é uma grosseria me recusar a vender a revista a eles.

Eles ouviram compreensivamente e acenaram com a cabeça para algumas de minhas justificativas.

— Podemos perceber que o Bob chama a atenção — disse o jovem. — Alguns vendedores confirmaram que ele atrai multidões. Mas, mesmo assim, teremos que te dar uma advertência oral. Não vamos te impedir de vender o material, mas a situação pode mudar se considerarmos que você é culpado por circular novamente.

Só isso?

Senti-me ligeiramente tolo. Uma advertência oral não significava muita coisa. Eu tinha entrado em pânico e chegado às piores conclusões possíveis. Achei que perderia o emprego, mas nunca cheguei a correr esse risco.

Voltei para Covent Garden.

Quando Sam, a coordenadora, me viu com Bob, abriu um sorriso.

— Não tinha certeza que veria vocês dois novamente. Foi ao escritório resolver as coisas?

— Recebi uma advertência oral — avisei.

— Tudo bem — ela disse. — Parece que você terá que cumprir o período de experiência novamente. Por algumas semanas, só poderá trabalhar depois das quatro e meia da tarde e aos domingos. Então o recolocaremos no horário normal. Se alguém conversar com você e quiser comprar uma revista, diga que não tem nenhuma, ou diga que já estão reservadas para clientes regulares.

Foram bons conselhos.



Num domingo à tarde, Bob e eu fomos até Covent Garden trabalhar por algumas horas. Estávamos sentados perto do lugar onde os coordenadores ficavam, em James Street, quando Stan surgiu à nossa frente.

Stan era alguém bem conhecido nos círculos da *Big Issue*. Num momento ele podia ser um cara bem simpático e no outro o maior chato. Naquele dia ele estava o Stan chato.

Era um cara bem corpulento, de quase dois metros de altura. Ele se inclinou em minha direção e berrou:

— Você não tem permissão para ficar aqui. Você foi expulso da área!

— Sam disse que eu poderia trabalhar aqui aos domingos, ou qualquer dia depois das quatro e meia — expliquei, firme.

— É verdade — disse Peter, outro cara que trabalhava no estande dos coordenadores. — Deixe o James em paz, Stan.

Stan se afastou por um momento, e então se aproximou novamente. Ele estava encarando Bob de um modo nada gentil.

— Se dependesse de mim, estrangularia o seu gato agora mesmo — ele disse.

As palavras dele realmente me apavoraram.

Se ele tivesse feito alguma tentativa de se aproximar do Bob, eu o teria atacado. Teria defendido meu gato como uma mãe defende seus filhos. Bob era o meu bebê. Mas isso seria o fim, pelo menos no que diz respeito ao trabalho com a *Big Issue*. Nunca mais eu teria permissão para trabalhar com eles novamente.

Naquele exato instante tomei duas decisões. Decidi que não poderia trabalhar em qualquer lugar próximo a Stan quando ele estivesse com aquele humor. Mas também tomei a decisão de me afastar de Covent Garden.

Seria um desastre. Bob e eu tínhamos uma clientela fiel ali. No entanto, precisávamos nos mudar para uma parte menos competitiva de Londres, algum lugar onde não fôssemos tão conhecidos.

Eu costumava tocar violão perto da estação Angel, em Islington, antes de me mudar para Covent Garden. Era uma região boa. Então, no dia seguinte resolvi visitar o coordenador daquela área.

— Pode trabalhar do lado de fora da estação, se quiser — o coordenador disse quando lhe perguntei se ele podia me conseguir um ponto de venda. — Ninguém gosta muito dali.

Assim como em Covent Garden, Bob tinha a habilidade mágica de fazer as pessoas diminuírem seus passos em uma estação de metrô. Bastava elas olharem para ele e de repente não estavam mais com tanta pressa. Era como se ele oferecesse um certo alívio, um pouco de calor e amizade. Tenho certeza de que muitos compravam a *Big Issue* como forma de agradecimento por Bob lhes dar um momento de alegria. Portanto, fiquei muito feliz em assumir o que supostamente era um ponto de venda “difícil”, bem do lado de fora da estação de metrô Angel.

Iniciamos naquela mesma semana.

Quase imediatamente, começamos a fazer as pessoas andarem mais devagar só para dizer “oi” para Bob. Em pouco tempo

estávamos trabalhando no mesmo ritmo que tínhamos em Covent Garden.

Uma ou duas pessoas nos reconheceram.

Uma noite, uma mulher muito bem-vestida em um terninho parou e olhou duas vezes em nossa direção.

— Vocês dois não trabalham em Covent Garden? — ela perguntou.

— Não mais, madame — eu disse, com um sorriso. — Não mais.

Capítulo 24

Corações
de Anjo

Bob ficou muito feliz com a mudança para Angel.

Quando descíamos do ônibus em Islington Green, ele não pedia para subir em meus ombros como fazia no centro de Londres. Em vez disso, tomava a dianteira na maioria das manhãs e marchava à minha frente, descendo a Camden Passage, com todas as suas lojas de antiguidade, cafés, bares e restaurantes. Ele caminhava em direção ao final da High Street e da enorme área pavimentada em volta da entrada da estação de metrô.



Às vezes nós íamos até o coordenador da *Big Issue*, no lado norte do Green. Bob sempre ia direto para o jardim fechado da parte central do Green. Eu esperava e ficava observando enquanto ele vasculhava a grama, farejando à procura de roedores e pássaros. Ele adorava enfiar a cabeça em cada canto e recanto do local.

Quando finalmente chegávamos a seu lugar favorito, de frente para a barraca de flores e para a banca de jornal ao lado da entrada da estação de metrô Angel, ele me observava colocar a sacola na calçada, com uma capa da *Big Issue* na frente dela. Então, se sentava, se lambia para se limpar da jornada e se preparava para o dia.

Eu me sentia do mesmo modo em relação a nosso lugar habitual. Islington era um novo começo, e era para valer.

Angel era diferente de Covent Garden e das ruas em volta do West End. Ainda havia muitos turistas, mas era um ambiente mais profissional e sofisticado. Todas as noites, uma multidão de pessoas vestidas em roupas de negócios entrava e saía da estação. A maioria delas mal notava a presença de um gato laranja do lado de fora. Mas muitas outras gostavam de cara do Bob. Elas também eram extremamente generosas. A média de vendas e gorjetas em Islington era um pouco maior do que em Covent Garden.

Os residentes de Angel também eram generosos. Assim que começamos a vender a *Big Issue* por lá, as pessoas começaram a dar comida para Bob.

A primeira vez em que isso aconteceu foi em nosso segundo ou terceiro dia. Uma senhora elegantemente vestida parou para um bate-papo.

— Vocês vão ficar aqui todos os dias? — ela perguntou.

Isso me preocupou. Será que faria alguma reclamação? Mas eu estava completamente equivocado. No dia seguinte ela apareceu com uma pequena sacola de supermercado com um pouco de leite e um sachê de ração.

— Aí está, Bob — ela disse alegremente, colocando os presentes na calçada em frente a ele.

Depois disso, mais e mais moradores locais começaram a doar pequenas coisas para Bob.

Nosso ponto ficava na parte de baixo da rua de um enorme supermercado. As pessoas iam até lá para fazer suas compras do dia a dia e sempre pegavam algum petisco para Bob. Então, quando se punham a caminho de casa, deixavam seus mimos.

Apenas algumas semanas depois de nos estabelecermos em Angel, cerca de meia dúzia de pessoas já estava fazendo isso. Ao final do dia, eu não tinha onde guardar tantas latas de leite, sachês de ração e latas de atum e de outros peixes dentro da mochila. Tive que manter tudo em uma grande sacola de supermercado. Quando

voltei para a quitinete, os presentes que Bob havia recebido lotaram uma prateleira inteira do armário da cozinha. Havia comida para quase uma semana.

Ao contrário de Covent Garden, os funcionários da estação de Angel foram realmente carinhosos e generosos desde o começo. Um dia, por exemplo, o sol estava forte, e eu suava como louco dentro da minha calça jeans e camiseta preta. Coloquei Bob à sombra de um prédio, atrás da estação, mas ele precisava de um pouco de água. Antes que eu pudesse tomar qualquer atitude, uma figura surgiu de dentro da estação com uma bonita vasilha de aço repleta de água fresca. Era Davika, uma das bilheteiras. Ela já havia parado para conversar com Bob inúmeras vezes.

— Aqui está, Bob — ofereceu-lhe, fazendo um carinho em sua nuca enquanto colocava a tigela com água à sua frente. — A gente não quer que você fique desidratado, não é?

Bob não perdeu tempo.

Todos se apaixonavam pelo Bob, mas ele conquistou o pessoal de Islington em questão de semanas. Foi incrível.

É claro que nem tudo era perfeito em Angel. Afinal de contas, estávamos em Londres.

Ao contrário de Covent Garden, as coisas se concentravam em torno do metrô de Angel. Como consequência, havia muitas outras pessoas trabalhando nas ruas, distribuindo revistas de graça e pedindo dinheiro para obras de caridade.

Certo dia entrei numa discussão acalorada com um jovem estudante de cabelos encaracolados, um “chugger” — funcionário pago (geralmente estudante) — de alguma instituição de caridade que coletava dados das pessoas que queriam fazer doações. Ele era terrivelmente inconveniente, irritava as pessoas ao saltar do nada em frente delas, ao caminhar ao lado delas etc., e todas tentavam escapar dali. Decidi ter uma conversinha com ele.

— Oi, companheiro, você está tornando as coisas bem difíceis para todos que estão tentando trabalhar aqui. Pode descer alguns metros na rua e nos dar um pouco de espaço?

— Tenho todo o direito de ficar aqui — ele reclamou. — Faço o que eu quiser.

— Você está apenas tentando ganhar algum dinheiro para o seu “ano sabático” — ressaltou. — Eu estou tentando ganhar dinheiro para pagar minhas contas de gás e energia, e para ter um teto onde morar, eu e o meu gato Bob.

Ele ficou desconcertado quando abriu o jogo daquela maneira.

Eu era o único vendedor licenciado para trabalhar do lado de fora da estação de metrô. Mas os “chuggers”, os vendedores ambulantes e o pessoal que pede doações para as instituições de caridade estavam sempre por ali.

Fiz uma boa jogada. Fiquei feliz por mim e por Bob.

Mas ainda havia mais uma batalha pela frente. Estava na hora de pôr um fim em meu vício com as drogas, de uma vez por todas.

Capítulo 25

Quarenta e
Oito Horas

O jovem médico na UDD — a Unidade de Dependência de Drogas — rabiscou sua assinatura no fim da receita.

— Leve isto e volte aqui em quarenta e oito horas — explicou. — Vai ser difícil, mas será bem mais complicado se não seguir o que te falei. Tudo bem?



Por fim, meus assistentes sociais e médicos tinham concordado que eu poderia dar o passo conclusivo em direção a uma vida livre das drogas. Aquela era minha última receita de metadona, a droga que havia me ajudado a me livrar do vício da heroína. Em quarenta e oito horas eu receberia a primeira dose de um remédio mais suave, chamado Subutex, que ajudaria a me livrar por completo da dependência.

— Você vai experimentar alguns sintomas bem ruins, tanto físicos como mentais, por causa da abstinência — disse o assistente social. — Vai ter que esperar até esses sintomas piorarem bastante antes de voltar à clínica para sua primeira dose de Subutex. Se não fizer como digo, corre o risco de sofrer uma crise de abstinência ainda maior.

Eu estava confiante. Eu *tinha* que aguentar.

Dez anos da minha vida já estavam perdidos. Quando se é dependente, os minutos se tornam horas, as horas viram dias. Você só começa a se preocupar com a passagem do tempo quando vem

a necessidade de tomar outra dose. Até então, a gente nem se preocupa. E eu não queria mais passar por aquilo.

Eu tinha que pensar em Bob.

Como sempre, não o levei comigo quando fui à clínica. Era um pedaço de minha vida de que eu não sentia nenhum orgulho.

Ao chegar em casa, ele ficou feliz em me ver, principalmente porque eu levei uma sacola cheia de guloseimas do supermercado, para durar pelos próximos dois dias. Todo mundo que está tentando se livrar de uma droga tão viciante sabe como é. As primeiras quarenta e oito horas são as piores. O truque é pensar em alguma outra coisa. Fiquei muito grato por ter Bob para me ajudar.

Durante a hora do almoço, sentamos em frente à televisão, comemos um lanche juntos — e esperamos.



O efeito da metadona durava cerca de vinte e quatro horas, então a primeira parte do dia passou com facilidade. Bob e eu brincamos bastante e saímos para fazer uma pequena caminhada. Joguei uma versão antiga do game original *Halo 2* em meu velho e desgastado Xbox. Àquela altura, tudo estava correndo perfeitamente bem. No entanto, eu sabia que não duraria por muito tempo.

Os sintomas da abstinência começaram a surgir vinte e quatro horas depois de eu ter tomado a última dose de metadona. Oito horas mais tarde, eu estava suando e me sentindo inquieto. Era madrugada, portanto eu deveria estar dormindo. Cochilei um pouco, mas parecia que estava consciente o tempo todo.

Sonhei que estava tentando usar heroína, mas algo sempre dava errado no último minuto. Acho que era porque meu corpo sabia que não estava recebendo a droga de que necessitava. Ou seja, bem lá no fundo uma enorme batalha de desejos opostos estava ocorrendo.

Passar da heroína para a metadona anos atrás não tinha sido tão mal. Aquela estava sendo uma experiência completamente diferente.

Na manhã seguinte, tive muitas dores de cabeça, quase uma enxaqueca. Era difícil lidar com as luzes e o barulho. Tentei ficar no escuro, mas então comecei a ter alucinações, e minha vontade era escapar. Parecia um círculo vicioso.

Bob foi minha salvação.

Parecia que ele podia ler minha mente. Ele sabia que eu precisava dele, então estava sempre por perto. Ele sabia o que eu estava sentindo. Às vezes eu cochilava e ele subia em mim, colocando o focinho perto do meu rosto, como se quisesse dizer: “Você está bem, companheiro? Estou aqui, viu?”.

Outras vezes, ele simplesmente se sentava a meu lado, ronronando, esfregando o rabo em mim e lambendo meu rosto de vez em quando. Ele me prendeu à realidade.

Bob também foi uma dádiva de Deus em outros aspectos. Para começo de conversa, ele me dava algo para fazer. Eu ainda precisava alimentá-lo, o que fazia regularmente. Ir para a cozinha, abrir um sachê de ração, misturar e colocar na vasilha era exatamente o tipo de coisa que eu precisava fazer para me distrair. Eu não me sentia disposto a levá-lo para fazer suas necessidades, mas, quando o soltava, ele saía correndo e voltava para cima novamente em apenas alguns minutos. Não queria sair de perto de mim.

Durante a manhã do segundo dia, não me senti muito mal. Bob e eu brincamos durante umas duas horas. Li um pouco. Era difícil, mas mantinha minha mente ocupada. Li um bom livro de não ficção sobre um fuzileiro que salvava cães no Afeganistão. Era bom pensar no que estava acontecendo com as vidas de outras pessoas.

Durante a tarde e o começo da noite do segundo dia, os sintomas de abstinência começaram a ficar insuportáveis. A pior parte eram os sintomas físicos. Comecei a fazer uns movimentos inquietos

com as pernas e, de repente, elas começaram a chutar involuntariamente. Não é à toa que chamam esse processo de “chutar o hábito para longe”. Isso deixava Bob apavorado, e ele me olhava de lado, espantado. Mas nem por isso me abandonou.

Aquela noite foi a pior de todas. Não consegui nem assistir à televisão, pois as luzes e o barulho faziam minha cabeça doer. Minha mente estava acelerada, repleta de todo tipo de pensamento maluco. Num minuto eu sentia tanto calor que parecia estar dentro de um forno; no seguinte, estava morrendo de frio. O suor cobria meu corpo todo e de repente começava a congelar, e eu ficava tremendo de frio. Então eu me cobria com uma coberta, mas em pouco tempo estava transpirando novamente. E, durante esse tempo todo, minhas pernas não paravam de chutar sozinhas. Era horrroso.

Compreendi por que tanta gente tem dificuldade para largar o vício. Eu vi — e farejei — as vielas e becos onde dormi, os albergues onde temi por minha vida, as coisas horríveis que tinha feito. Eu sabia exatamente como a dependência pode acabar com a vida de um ser humano.

Não vou negar que tive meus momentos de fraqueza. Mas eu afastava para bem longe a ideia de desistir. Tinha que continuar forte, tinha que superar tudo aquilo: as diarreias, as cólicas, os vômitos, as dores de cabeça, as ondas de frio e de calor — tudo junto.

Aquela segunda noite pareceu a eternidade. O relógio parecia estar andando para trás. A escuridão parecia cada vez mais escura em vez de começar a clarear e dar lugar a uma nova manhã. Foi horrível.

No entanto, eu tinha uma arma secreta: Bob.

A certa altura eu estava deitado, o mais imóvel e quieto possível, tentando me desligar do mundo. De repente, senti Bob cutucando minha perna, afundando as garras em minha pele a ponto de doer.

— Bob, o que você está fazendo?! — berrei, fazendo-o saltar.

Imediatamente me senti culpado. Bob só estava preocupado por eu estar calado e quieto demais, então foi verificar se eu estava vivo. Ele se preocupava comigo.

Com o tempo, uma luzinha fina e cinzenta começou a se infiltrar pela janela. A manhã finalmente havia chegado. Forcei-me a sair da cama. Eram quase oito horas. A clínica estaria aberta às nove. Não conseguiria esperar mais.

Pegar o ônibus de Tottenham para Camden naquela hora do dia era sempre um horror. E aquele dia parecia ainda pior. As pessoas ficaram me olhando como se eu fosse algum doido. Provavelmente eu estava com a aparência péssima. Não me importava. Só queria chegar logo à UDD.

Cheguei logo após as nove horas e encontrei a sala de espera já lotada. Uma ou duas pessoas tinham a mesma aparência horrível que eu. Talvez elas tivessem passado pelas mesmas quarenta e oito horas.

— Oi, James, como está se sentindo? — o assistente social perguntou assim que entrou na sala de tratamento.

— Não muito bem — confessei.

— Bom, você se virou otimamente nestes últimos dois dias. Foi um grande passo — ele sorriu.

Ele me examinou e pediu uma amostra de urina para outro exame. Então ele me deu um comprimido de Subutex e fez uma nova receita.

— Isso vai fazer você se sentir bem melhor. Agora vamos começar a te livrar disso e deste lugar para sempre.



Quando voltei para Tottenham, me sentia completamente transformado. O mundo parecia mais nítido. Eu podia ver, ouvir e

cheirar as coisas com mais clareza. As cores eram mais brilhantes. Os sons, mais puros. Pode soar estranho, mas eu me sentia mais vivo.

Parei no meio do caminho e comprei alguns sachês para Bob com um novo sabor que havia acabado de sair no mercado. Também lhe comprei um brinquedinho, um ratinho para ele fincar as garras.

De volta à quitinete, fiz a maior festa com ele.

— Conseguimos, companheiro! — declarei. — Conseguimos.

A sensação de conquista era incrível. Durante os dias seguintes, a transformação em minha saúde e em minha vida foi imensa. Era como se alguém tivesse aberto as cortinas e deixado um pouco de sol entrar.

É claro que de certo modo aquilo tinha realmente acontecido. E foi por causa de Bob.

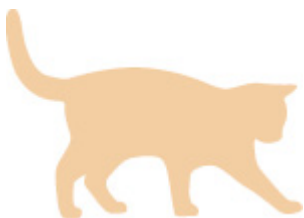
Capítulo 26

De Volta
para Casa

O que Bob e eu passamos juntos simplesmente aprofundou ainda mais os nossos laços. Nos dias que seguiram, ele ficou grudado em mim como um carrapato, prestando atenção nos meus gestos, caso eu tivesse uma recaída.

Mas não havia perigo de acontecer isso.

Celebrei minha conquista decorando a quitinete. Bob e eu ficamos algumas horas a mais todos os dias na estação para comprar um pouco de tinta, algumas almofadas e umas gravuras para pendurar nas paredes.



Numa boa loja de móveis de segunda mão, em Tottenham, comprei um belo sofá. Nosso sofá velho estava destruído, em parte por causa da mania do Bob de ficar arranhando suas pernas e o estofamento. Bob estava proibido de arranhar o novo sofá.

Eu aguardava ansiosamente passar um Natal tranquilo, só eu e Bob. Mas, como sempre, as coisas não aconteceram como eu esperava.

Certa manhã, no começo de novembro de 2008, recebi uma carta. Tinha um carimbo do correio — Tasmânia, Austrália.

A carta era de minha mãe:

Querido James,

Como você está? Há muito tempo não tenho notícias suas. Mudei para uma casa nova na Tasmânia, onde estou muito feliz. É uma pequena fazenda no meio do nada, perto de um rio. Se eu pagar sua passagem de ida e volta para a Austrália, você vem me visitar? Você pode vir durante as festas de fim de ano. Talvez também possa dar uma esticada até Melbourne, para ver seus padrinhos. Vocês sempre foram tão ligados! Mande notícias me avisando.

Com amor,

Mamãe

No passado, eu teria jogado aquela carta imediatamente na lata de lixo. Eu era orgulhoso e teimoso demais para aceitar ajuda de minha família. Mas agora estava com a cabeça diferente. Decidi pensar um pouco no assunto.

Era uma decisão difícil. Havia muitos prós e contras.

O maior ponto a favor era ver minha mãe novamente. Havíamos tido muitos altos e baixos, mas ela era minha mãe e eu sentia saudades dela.

Nunca fui honesto com ela sobre o que realmente tinha acontecido comigo. Da última vez em que ela esteve em Londres, nos encontramos por algumas horas e eu lhe contei um monte de mentiras.

— Tenho uma banda em Londres — disse a ela. — Não vou voltar para a Austrália por enquanto, porque estamos tentando fazer sucesso.

Não tive coragem, nem força, para contar a ela que não conseguia dormir direito, que estava viciado em heroína e estava jogando minha vida fora.

Eu costumava passar meses a fio sem entrar em contato com ela. A heroína faz isso com a gente. Deixa a gente individualista. O

convite para viajar para a Austrália seria uma oportunidade de fazer as pazes com minha mãe e colocar tudo em pratos limpos.

E eu também teria férias decentes ao sol — algo que não tinha há anos. Mas e quanto a Bob? Quem cuidaria dele? Será que ainda estaria esperando por mim quando eu voltasse? Será que eu queria me separar de minha alma gêmea por semanas a fio?

— Minha mãe me convidou para passar as festas de fim de ano na Austrália — contei para Belle. — Tenho vontade de ir, mas não sei o que fazer com Bob.

— Posso tomar conta dele no meu apartamento — Belle disse imediatamente.

Eu sabia que Belle era confiável e cuidaria bem de Bob. Mas não conseguia deixar de pensar no efeito que minha ausência causaria no bichano.

Também estava preocupado com o dinheiro. Muito embora minha mãe tivesse se oferecido para pagar as passagens aéreas, eu precisaria de pelo menos quinhentas libras em dinheiro para poder sair do país.

Depois de pensar muito por alguns dias, decidi ir.

Consegui um novo passaporte com a ajuda de uma assistente social e planejei os voos. O jeito mais barato era voar até Beijing e então de lá para Melbourne. Mandeí um e-mail para minha mãe com todos os detalhes, inclusive o número do meu passaporte. Alguns dias depois recebi um e-mail confirmando minhas passagens. Estava a caminho.

Tudo o que eu precisava fazer a mais era arrumar quinhentas libras. Isso era fácil — ou eu esperava que fosse.

Nas semanas seguintes, trabalhei duro o dia todo, enfrentando todos os tipos de temperatura. Bob me acompanhou na maior parte do tempo, embora eu o deixasse em casa quando estava chovendo forte. Sabia que ele não gostava de chuva, e não queria arriscar

deixá-lo doente antes de minha viagem. De modo algum eu viajaria para a Austrália sabendo que ele não estava bem.

Logo comecei a economizar algum dinheiro e finalmente juntei o suficiente para fazer a viagem.

— Adeus, Bob — despedi-me no apartamento de Belle. Estava com o coração apertado. — Seja bonzinho. Não se esqueça de mim.

Bob não parecia muito preocupado. Mas, também, ele não fazia ideia de que eu ficaria longe por quase seis semanas. Ele estaria seguro com Belle, mas ainda assim eu me preocupava. Eu tinha me transformado num pai paranoico, exatamente como uma leoa com seus filhotes.



Se eu pensava que a viagem para a Austrália seria relaxante, estava completamente enganado. Durou cerca de trinta e seis horas e foi um pesadelo absoluto. Quando cheguei à Tasmânia, estava exausto.

Mas encontrar minha mãe foi maravilhoso. Ela estava me esperando no aeroporto e me deu vários e longos abraços. Ela estava chorando, sentia-se feliz por me ver vivo, acho.

A casa era grande, arejada e com um jardim enorme nos fundos. Era cercada por plantações e havia um rio correndo ao fundo da propriedade. Enfim, um lugar bem tranquilo e pitoresco. Durante aquele mês eu me larguei totalmente, só relaxando e me recuperando.

Em algumas semanas já me sentia uma pessoa diferente. A ansiedade londrina ficou — literalmente — a dezenas de milhares de quilômetros de distância. Minha mãe cuidou para que eu me alimentasse bem e tomou conta de mim. Finalmente, começamos a recuperar nosso relacionamento.

Uma noite, estávamos sentados na varanda do fundo, assistindo ao pôr do sol, quando resolvi contar tudo a ela. Não foi uma grande confissão nem um drama hollywoodiano. Eu simplesmente falei... e falei.

Após contar tudo o que havia acontecido comigo nos últimos dez anos, minha mãe ficou horrorizada.

— Imaginei que você não estivesse muito bem quando o vi pela última vez, mas nunca poderia pensar que estivesse tão mal assim — ela disse, com lágrimas nos olhos. — Por que não me contou que tinha perdido o passaporte? Por que não me ligou e pediu ajuda? Por que não entrou em contato com seu pai? A culpa é toda minha, não é? Eu te decepcionei.

— Não... “Eu” me decepcionei — confessei a ela. — Não foi você quem decidiu dormir em caixas de papelão na rua e usar drogas todas as noites. Fui eu.

O gelo se quebrou. Conversamos sobre o passado e sobre minha infância na Austrália e na Inglaterra. Também demos muita risada; nem tudo foram conversas sombrias. Admitimos que éramos parecidos um com o outro e rimos ao lembrar de algumas das discussões que costumávamos ter quando eu era adolescente.

— Tenho a personalidade forte, e você também — mamãe admitiu. — Você herdou isso de mim.

Ela me fez todos os tipos de pergunta sobre meu processo de reabilitação e sobre como eu estava me livrando das drogas.

— Ainda é questão de dar um passo de cada vez — contei. — Mas, com sorte, estarei completamente limpo daqui a um ano, mais ou menos.

Durante aqueles longos bate-papos, eu frequentemente falava sobre Bob. Tinha levado uma foto dele comigo e a mostrava para todo mundo que se interessasse.

— Ele parece ser um rapazinho bem inteligente. — Minha mãe sorriu quando viu a foto.

— Ah, com certeza! — afirmei, cheio de orgulho. — Não sei onde estaria agora se não fosse pelo Bob.

Havia uma parte de mim que desejava ardentemente voltar a morar na Austrália. Mas eu não parava de pensar em Bob. Ele ficaria perdido sem mim, e eu sem ele. Durante muito tempo não levei isso a sério. Quando estava em minha sexta semana longe de casa, porém, eu já me via no avião de volta para a Inglaterra.

Minha mãe foi ao aeroporto se despedir quando parti para Melbourne, onde passei algum tempo com meus padrinhos. Eles ficaram tão chocados quanto minha mãe ao ouvir minha história de vida.

— Vamos te ajudar financeiramente — eles prometeram. — Vamos encontrar trabalho para você aqui na Austrália.

— Obrigada pela preocupação — eu disse, sorrindo —, mas tenho responsabilidades lá em Londres. Preciso voltar.



Eu estava tão descansado e recuperado pelo tempo que passei na Austrália que dormi a maior parte da viagem para casa.

Morria de vontade de rever Bob, embora uma parte de mim estivesse preocupada com o fato de ele ter mudado, ou até mesmo de ter se esquecido de mim. Mas não precisava ter me preocupado tanto.

Assim que entrei no apartamento de Belle, seu rabinho se levantou, ele pulou do sofá e veio correndo em minha direção.

— Oi, companheiro! — sorri, acariciando-o muitas e muitas vezes. Eu havia lhe trazido uns presentinhos, alguns cangurus de brinquedo. Logo ele estava brincando com um deles.

Ao voltar da estação para casa naquela noite, ele se encarapitou em meu braço e em meus ombros, como de costume. Num instante

a jornada física e emocional que eu havia feito para o outro lado do mundo ficou esquecida. Mais uma vez, éramos Bob e eu encarando a vida. Parecia que eu nunca havia me afastado dali.

Capítulo 27

O Chefe da Estação

De volta a Londres, eu estava me sentindo mais forte e mais seguro, como não acontecia havia anos. Ficar junto de Bob novamente havia levantado ainda mais o meu espírito. Sem ele, faltava um pedaço de mim lá na Tasmânia. Agora me sentia inteiro novamente.

Logo estávamos de volta à velha rotina. Mesmo agora, depois de quase dois anos juntos, ele me surpreendia o tempo todo.

Quando estive fora, falava o tempo todo sobre Bob, contando pra todo mundo como ele era inteligente. Em algumas ocasiões, acho que as pessoas pensavam que eu era maluco. “Um gato não pode ser tão inteligente.” Tenho certeza de que era isso o que pensavam.

No entanto, algumas semanas depois de ter retornado, percebi que o havia subestimado.

Fazer suas necessidades sempre fora um aborrecimento para Bob. Ele nunca gostou das caixas de areia que eu tinha comprado. Ainda havia algumas guardadas no armário, juntando poeira. Elas estavam lá desde o primeiro dia.



Era uma chateação ter que descer cinco andares de escada e ir lá fora todas as vezes em que ele precisava ir ao banheiro. Mas notei que nos últimos meses, antes mesmo de eu partir para a Austrália, ele não estava indo ao térreo com a mesma frequência de antes.

Por um instante imaginei se ele estaria com algum problema urinário. Levei-o até a van da Blue Cross em Islington Green para

ser examinado.

— Está tudo bem — o veterinário me garantiu. — Deve ser apenas uma mudança de metabolismo; ele está ficando mais velho.

O motivo era muito mais engraçado do que esse.

Logo depois que voltei da Austrália, acordei realmente muito cedo, porque meu corpo ainda estava funcionando em outro fuso horário. Levantei, me arrastando para fora da cama, e fui andando com os olhos turvos em direção ao banheiro. A porta estava entreaberta e pude perceber um barulhinho, um leve tilintar.

— *Que estranho!* — pensei.

Será que alguém havia entrado na quitinete e estava usando meu banheiro?

Quando delicadamente abri a porta, vi algo que me deixou completamente sem fala. Bob estava “de cócoras” no vaso sanitário.

Obviamente ele chegou à conclusão que ir lá embaixo fazer suas necessidades dava muito trabalho. Então, ele aprendeu a me imitar.

Quando me viu lá na porta, Bob simplesmente olhou para mim com um daqueles seus olhares fulminantes.

“O que você está olhando?”, ele parecia dizer. “Só estou usando o banheiro. Qual o problema?”

Ele estava certo, é claro. Por que eu ainda me surpreendia com alguma coisa que Bob fazia? Ele era capaz de tudo. Eu ainda duvidava?



Muitos moradores de Angel notaram nossa ausência.

— Ah, vocês estão de volta! — eles disseram em nossa primeira semana de retorno ao ponto de venda. — Pensamos que tinham ganhado na loteria!

Uma senhora jogou um cartão que dizia: “Sentimos saudades de vocês”. Era muito bom estar “em casa” novamente.

É claro que um ou outro não ficaram muito felizes por ver a gente.

Uma noite, envolvi-me numa discussão acalorada com uma senhora chinesa. Já a havia notado antes, olhando com desaprovação para mim e Bob. Dessa vez ela se aproximou apontando o dedo em minha cara.

— *Isso não certo, não certo!* — ela gritou com raiva.

— Desculpe, o que não está certo? — perguntei, espantado.

— *Não normal um gato se comportar desse jeito* — ela continuou.

— *Ele quieto demais, você dloga ele. Você dloga gato.*

Outras pessoas haviam pensado o mesmo em Covent Garden:

— Estou de olho em você — disse um cara arrogante, com jeito de professor. — Sei o que está fazendo. Sei o que está dando ao gato para mantê-lo tão dócil e obediente.

— E o que seria, senhor? — indaguei.

— Não vou dizer nada — ele respondeu, um pouco desconcertado. — Se eu disser, você pode simplesmente mudar para outra coisa.

— Não, vá em frente. Você fez uma acusação, agora continue — insisti.

Ele rapidamente desapareceu no meio da multidão.

A mulher chinesa estava praticamente fazendo a mesma acusação. Então eu fiz a mesma defesa:

— O que acha que estou dando a ele que o faz ficar assim? — perguntei.

— *Não sei* — ela falou. — *Mas você dando alguma coisa pra ele.*

— Bom, se eu o estou drogando, por que ele fica comigo todos os dias? — perguntei. — Por que ele não tenta escapar e fugir quando

tem oportunidade? Não posso drogá-lo na frente de todo mundo.

— Psssh — ela murmurou, sacudindo os braços para mim e dando meia-volta. — *Não certo, não certo* — continuou, enquanto se misturava à multidão.

Sempre havia alguém suspeitando de que eu maltratava Bob. Algumas semanas depois da briga com a mulher chinesa, tive outra discussão, mas daquela vez foi bem diferente.

Desde os primeiros dias em Covent Garden, eu recebia propostas para vender Bob. De vez em quando alguém se aproximava de mim e perguntava: “Quanto quer pelo gato?” Eu geralmente os mandava passear.

Ali em Angel ouvi isso mais de uma vez de uma certa senhora. Ela veio me ver várias vezes, sempre jogando uma conversa fiada antes de revelar sua verdadeira intenção.

— Olhe, James. Bob não deveria ficar na rua. Ele deveria estar numa casa boa e aquecida, tendo uma vida melhor. Quanto você quer por ele? Cem libras? Quinhentas?

Finalmente ela apareceu uma noite e disse: “Dou mil libras por ele”.

Simplesmente a encarei.

— Você tem filhos? — perguntei.

— Err, sim, tenho — ela gaguejou, um pouco desconcertada.

— Tudo bem. Quanto quer pelo seu filho mais novo?

— O quê?

— Quanto quer pelo seu filho mais novo?

— Acho que isso não tem nada a ver...

Interrompi a conversa.

— Acho que tem tudo a ver. No que me diz respeito, Bob é meu filho. Pedir para que eu o venda é exatamente a mesma coisa que

perguntar a você quanto quer pelo seu filho mais novo.

Ela foi embora na mesma hora. Nunca mais a vi.

A atitude dos funcionários da estação de metrô era exatamente o oposto. Certo dia, eu estava conversando com uma das fiscais de bilheteria, Leanne.

— Ele está colocando a estação Angel no mapa, não está? — ela brincou, rindo do modo como inúmeras pessoas paravam e tiravam foto de Bob.

— Está mesmo! — concordei. — Você deveria colocá-lo no quadro de funcionários, como aquele gato no Japão que é chefe de estação e até usa um boné.

— Acho que não temos nenhuma vaga disponível... — Ela deu uma risadinha.

— Bom, você deveria pelo menos lhe dar um crachá ou coisa parecida — brinquei.

Ela me olhou de um jeito pensativo e foi embora. Não pensei mais naquilo.

Algumas semanas mais tarde, Bob e eu estávamos sentados do lado de fora da estação, à noite, quando Leanne apareceu novamente. Ela estava com um sorriso enorme no rosto. Fiquei desconfiado.

— O que há? — perguntei.

— Nada, só queria dar isto ao Bob — ela sorriu. Em seguida, mostrou um cartão de transporte laminado com a foto dele.

— Fantástico! — exclamei.

— Peguei a foto dele na internet — ela declarou, para meu espanto. O que Bob estava fazendo na internet?

— Isso significa que ele pode andar de graça no metrô — ela continuou, rindo.

— Bom, eu achava que os gatos já andassem de graça... —
brinquei.

— Isso quer dizer que nós todos gostamos muito dele. Ele já é
parte da família do metrô.

Precisei de muito autocontrole para não cair no choro na frente
dela.

Capítulo 28

Um Problemão



Viver nas ruas de Londres faz a gente ter um radar muito bem desenvolvido, reconhecendo de longe pessoas que devem ser evitadas a qualquer custo. Foi por volta das seis e meia ou sete da noite, durante a parte mais movimentada do dia, que um cara exatamente com esse perfil surgiu na estação Angel.

Era um sujeito com a aparência muito grosseira. Sua pele era bem avermelhada e cheia de manchas, e suas roupas estavam sujas de terra. Mas o que mais chamava a atenção nele era o cachorro, um gigantesco rottweiler preto e marrom. Assim que o vi, percebi que se tratava de uma pessoa agressiva.

Quase imediatamente, o rottweiler viu Bob. Ele puxou a coleira do dono com força, morrendo de vontade de avançar para cima do meu gato. O cara parecia ter o animal sob controle, mas por quanto tempo?

Eu queria me afastar o mais longe possível dali com Bob.

Comecei a juntar meus exemplares da *Big Issue* e a colocar outras coisinhas na mochila. De repente, ouvi um som muito alto, um latido agudo.

Virei-me para olhar e vi um vulto preto e marrom avançando em nossa direção. O rottweiler estava solto!

Eu tinha que proteger Bob, então dei um pulo na frente do cachorro. Antes mesmo que eu percebesse, o enorme cão veio para

cima de mim, me derrubando. Fomos parar no chão, lutando. Tentei segurar sua cabeça para ele não me morder, mas o cachorro era realmente muito forte.

— Venha aqui, vamos!

O dono puxou a coleira do rottweiler com o máximo de força. Então, bateu na cabeça do cachorro com um objeto sem ponta. O som foi repugnante. Em outras circunstâncias eu teria ficado preocupado com o bem-estar do animal, mas naquele momento minha prioridade era Bob. Ele deve ter ficado apavorado.

Virei-me para procurar por ele. O lugar onde Bob ficava estava vazio.

Olhei em volta para ver se alguém o tinha pegado no colo, mas não havia nem sinal dele. Bob tinha desaparecido.

De repente, percebi o que eu tinha feito. Tinha desprendido a coleira dele do meu cinto para pegar as revistas e empacotá-las mais rapidamente. Um segundo ou dois foi o suficiente. O rottweiler deve ter visto o que eu fazia e percebeu que Bob estava livre da coleira. Por isso ele se libertou do dono e veio correndo nos atacar naquele preciso momento.

Imediatamente fui tomado por um pânico cego.

— Alguém viu o Bob? — eu disse, respirando com dificuldade.

— Eu o vi correndo em direção a Camden Passage — disse uma cliente habitual, uma senhora de meia-idade que sempre dava presentinhos para Bob. — Tentei segurar a coleira dele, mas ele foi rápido demais.

— Obrigado — agradei.

Agarrei a mochila e corri; meu coração estava batendo forte.

Recordei-me imediatamente daquela vez em que Bob fugiu, em Piccadilly Circus. Por algum motivo, a situação parecia mais séria. Daquela vez ele basicamente tinha se assustado com um homem que vestia uma roupa estranha. Agora, ele estava em perigo de

verdade. Se eu não tivesse intervindo, com certeza o rottweiler o teria atacado. Aposto que Bob ficou tão assustado e angustiado quanto eu.

Corri em direção a Camden Passage, tentando desviar da multidão de pessoas que estavam por ali no começo da noite, em volta dos pubs, bares e restaurantes.

— Bob, Bob! — continuei chamando, atraindo a atenção dos transeuntes. — Por acaso alguém viu um gato laranja correndo por aqui, com a coleira se arrastando atrás dele? — perguntei a um grupo que estava do lado de fora de um pub.

Ninguém sabia.

Eu só esperava que Bob encontrasse refúgio em alguma loja, como aconteceu em Piccadilly Circus. Mas a maior parte delas já estava fechada. Somente os bares, restaurantes e cafés estavam abertos.

Se Bob estivesse seguindo aquele caminho, sairia na rua principal. Ele já havia caminhado por aquela rota antes, mas nunca à noite, nem sozinho.

Comecei a me desesperar quando encontrei uma mulher perto de Islington Green. Ela apontou rua abaixo.

— Vi um gato correndo naquela direção — ela disse. — Ele parecia um foguete, desviando em direção à rua principal. Parece até que ia atravessá-la.

Bob gostava de Islington Green e sempre parava para fazer suas necessidades ali. Era também o lugar onde a van da Blue Cross ficava estacionada. Valia a pena dar uma olhada.

Rapidamente atravessei a rua e corri em direção àquela pequena área gramada e fechada. Ajoelhei-me e comecei a procurar entre os arbustos. Muito embora a luz do dia já tivesse ido embora e eu mal visse um palmo adiante do nariz, tinha grande esperança de enxergar um par de olhos brilhantes no escuro. Não havia nada.

Caminhei até o outro lado e gritei mais algumas vezes.

— Bob! Bob, companheiro! Sou eu!

Mas tudo o que conseguia ouvir era o ruído insistente do tráfego.

De repente eu estava em frente à grande livraria Waterstone. Bob e eu íamos ali com frequência, e os funcionários faziam festa para ele. Eu estava me agarrando aos últimos fios de esperança; talvez Bob tivesse ido parar ali em busca de refúgio.

Tudo estava silencioso dentro da loja, e os funcionários se preparavam para fechá-la. Havia poucas pessoas olhando as prateleiras.

Àquela altura eu já transpirava e respirava com dificuldade.

— Você está bem? — perguntou uma senhora atrás do caixa, que eu reconheci.

— Perdi o Bob — eu disse, ofegante. — Um cachorro nos atacou e ele fugiu. Ele não veio para cá, veio?

— Ah, não — ela disse, parecendo realmente preocupada. — Estive aqui o tempo todo e não o vi. Sinto muito. Se por acaso o encontrarmos, pode ficar tranquilo que a gente segura ele.

— Obrigado! — disse.

Ao perambular nas proximidades da Waterstone e mergulhar na noite escura, um pensamento me ocorreu.

Eu o perdi.

Capítulo 29

A Mais Longa das Noites

Nos minutos seguintes, parecia que eu estava em transe. Continuei a caminhar pela rua principal. Quando vi um ônibus indo em direção a Tottenham, outro pensamento se formou em minha mente exausta. Será que ele... Será que ele conseguiria?

— Você viu um gato entrando num ônibus? — perguntei a um fiscal em um dos pontos.

Eu sabia que Bob era bem esperto a ponto de fazer isso. Mas o cara ficou me olhando como se eu tivesse perguntado se ele tinha visto extraterrestres embarcando no ônibus 73. Ele balançou a cabeça e me deu as costas.

Os gatos têm um aguçado senso de direção, e é sabido que conseguem fazer longas jornadas. Mas não era possível Bob fazer a pé o percurso de volta até Tottenham. A distância era de uns cinco quilômetros e meio. Nunca havíamos ido a pé, apenas de ônibus. Rapidamente tirei essa ideia da cabeça, afinal de contas era impossível.



A próxima meia hora foi uma montanha-russa de emoções conflitantes.

Não vai demorar muito para ele ser encontrado e identificado, tentei convencer a mim mesmo. Centenas de moradores da região sabem quem ele é. Mesmo se não souberem, vão perceber que ele tem um microchip. Vou recuperá-lo.

Mas meu lado mais selvagem, mais irracional, ficava me dizendo algo bem mais tenebroso: “Ele foi embora, você nunca mais o verá novamente”.

Vaguei para cima e para baixo pela rua principal por quase uma hora. Estava tudo escuro e eu, desorientado. Não sabia o que fazer. Sem pensar, comecei a caminhar em direção a Dalston, ao apartamento de minha amiga Belle.

Estava passando por uma viela quando vi o movimento rápido de um rabo. Era preto e bem fino, muito diferente do rabinho de Bob, mas eu estava em tamanho estado de ansiedade que minha mente começou a me pregar peças.

— Bob! — gritei, mergulhando no espaço escuro. Mas não havia nada ali. Depois de alguns minutos, segui em frente.

O tráfego havia melhorado um pouco. Pela primeira vez notei que as estrelas estavam bem lá no alto. Não era exatamente o céu da noite australiana, mas ainda assim era impressionante. Algumas semanas antes eu estava admirando as estrelas na Tasmânia. Havia contado para todo mundo que eu voltaria para casa para tomar conta de Bob.

Que belo trabalho eu fiz, culpei-me.

Será que minha longa estada na Austrália havia causado isso? O tempo que passamos separados afrouxou os laços que nos uniam? Será que fiz Bob duvidar de meu comprometimento com ele? Será que, quando o rottweiler atacou, Bob pensou que não poderia mais confiar em mim, que eu não poderia protegê-lo? Só de pensar nisso eu tinha vontade de gritar.

Assim que a rua de Belle surgiu à minha frente, eu já estava prestes a cair no choro. O que faria sem ele? Nunca mais encontraria um companheiro como Bob. Pela primeira vez em anos estava sentindo uma vontade urgente de me drogar.

Se eu realmente tinha perdido Bob, não seria capaz de me segurar. Teria que me drogar para amortecer a dor.

Eu sabia que a companheira de quarto da Belle usava drogas. Quanto mais me aproximava da rua dela, mais apavorantes meus pensamentos estavam se tornando.

Eram quase dez horas da noite. Eu já estava perambulando pelas ruas havia algumas horas. A distância, ouvia sirenes da polícia tocando. Talvez os tiras estivessem a caminho de uma briga em algum pub. Nada mais me importava.

Enquanto eu caminhava pela entrada mal-iluminada do prédio de Belle, notei uma figura sentada, quietinha, nas sombras, do lado do prédio. Era a silhueta de um gato.

Eu já havia perdido a esperança. Provavelmente era outro gato de rua se protegendo do frio. Mas então vi a cara dele, aquela carinha inconfundível.

— Bob!

Ele soltou um miado lamurioso, igualzinho àquele que deu no corredor do meu prédio na noite em que nos conhecemos.

“Onde você esteve?”, ele parecia dizer. “Estou te esperando aqui há muito tempo.”

Peguei Bob no colo e o abracei com força.

— Você vai acabar me matando se continuar a fugir desse jeito — eu disse, minha mente se esforçando para descobrir como ele chegara até ali.

Claro! Bob tinha ido comigo várias vezes ao apartamento de Belle e passou seis semanas com ela quando viajei. Fazia sentido ele ter ido para lá. Senti-me um tolo por não ter pensado nisso antes. Mas como ele conseguiu sozinho? Era uma distância de dois quilômetros e meio desde a estação Angel. Será que ele foi caminhando o tempo todo? Se isso for verdade, havia quanto tempo estava ali?

Nada disso importava. Enquanto continuava a fazer carinho nele, ele lambia minha mão. Sua língua é áspera como uma lixa. Ele esfregava a carinha no meu rosto e enrolava o rabo.

Corri até o apartamento de Belle e ela me convidou para entrar. Meu espírito havia passado do desespero para a glória. Eu estava me sentindo o rei dos reis.

— Quer algo para comemorar? — a amiga de Belle sorriu, intencionalmente.

— Não, estou bem, obrigado. — Sorri, dando um puxão em Bob, enquanto ele brincava de arranhar minha mão.

Bob não precisava de drogas para enfrentar a noite. Ele precisava apenas de mim. E tudo o que eu queria também era o Bob. Não apenas naquela noite, mas por todo o tempo em que eu tivesse o privilégio de tê-lo em minha vida.

Capítulo 30

Bob, o Gato
Big Issue

Enquanto o sol de março desaparecia no horizonte e a escuridão descia, Londres se preparava mais uma vez para a noite. O tráfego estava intenso na Islington High Street, e o barulho das buzinas era infundável. As calçadas estavam lotadas também, com um fluxo de pessoas entrando e saindo da plataforma da estação. A hora do rush estava no pico.



Eu estava checando se havia muitas revistas sobrando quando vi pelo canto do olho que um grupo de garotos se juntava à nossa volta. Eram adolescentes, três meninos e duas garotas. Pareciam sul-americanos, ou talvez espanhóis ou portugueses.

Não era novidade. Islington tinha seus turistas, e Bob era um ímã para eles. Raramente um dia se passava sem que ele ficasse cercado de gente.

O que foi diferente, no entanto, foi o modo como eles estavam apontando e falando sobre Bob.

— Ah, *si*, Bob — disse uma das garotas.

— *Si, si*. Bob, o gato Beeg Issew — disse outra.

Estranho, pensei comigo mesmo, quando compreendi o que eles tinham dito. *Como eles sabem que o nome dele é Bob? Ele não está usando nenhuma placa com seu nome. E o que eles querem dizer com “o Gato Big Issue”?*

— De onde vocês conhecem o Bob? — perguntei, esperando que algum deles soubesse falar um inglês decente. Meu espanhol era uma nulidade.

— Ah, nós o vimos no YouTube. — Um dos garotos sorriu. — Bob é muito popular, não?

— É mesmo? — eu quis saber. — Alguém havia dito que ele estava no YouTube, mas eu não tinha ideia de quantas pessoas haviam assistido ao vídeo.

— Muitas pessoas, eu acho — o garoto deu risada.

— De onde vocês são? — perguntei, curioso.

— *España*, Espanha.

— Então quer dizer que o Bob é popular na Espanha?

— *Si, si* — outro garoto disse. — *Bob es una estrella en España*. Ele é uma estrela na Espanha.

Fiquei chocado.

Eu sabia que muitas pessoas haviam tirado fotos de Bob ao longo dos anos, tanto quando eu me apresentava tocando nas ruas como vendendo exemplares da *Big Issue*. Uma vez eu havia brincado, dizendo que talvez devesse encaminhar esse fato para o *Guinness*, o *livro dos recordes*, como o gato mais fotografado do mundo.

Várias pessoas também o filmaram, algumas com seus celulares e outras com câmeras de vídeo. Quem teria colocado o filme do YouTube?

Na manhã seguinte, fui direto para a biblioteca local, junto com Bob, e entrei na internet.

Digitei as seguintes palavras no instrumento de busca: Bob, o gato *Big Issue*. Claro que surgiu um link para o YouTube. Cliquei nele. Para minha surpresa, não havia apenas um, mas dois filmes publicados ali.

— Ei, Bob, olhe, eles estavam certos. Você é uma estrela no YouTube.

Bob não estava muito interessado até aquele momento. Afinal de contas, não era uma corrida do *Channel Four*. Mas, quando cliquei no primeiro vídeo e ele me viu e me ouviu falando, saltou sobre o teclado e colou o focinho na tela do computador.

O primeiro vídeo se chamava “Bobcat e eu”. Uma lembrança surgiu em minha mente. Um estudante de cinema me seguiu durante certo tempo, na época em que estávamos vendendo a *Big Issue* em Covent Garden. Foi uma bela filmagem minha e de Bob entrando no ônibus e caminhando pelas ruas. O filme resumia muito bem o dia a dia de um vendedor da *Big Issue*.

O outro vídeo era mais recente, e tinha sido feito perto da estação Angel por um russo. Cliquei no link. Ele tinha intitulado seu filme “Bob, o Gato *Big Issue*”. Deve ter sido esse que os garotos espanhóis comentaram. Havia dezenas de milhares de visualizações. Fiquei espantado.

Bob estava se tornando uma celebridade.

Não era propriamente uma surpresa. As coisas já estavam acontecendo havia muito tempo. De vez em quando alguém parava e perguntava: “Este é o Bob? Ouvi falar dele”, ou: “Este é o famoso Bobcat?” — E também, algumas semanas antes de encontrar os adolescentes espanhóis, tínhamos aparecido num jornal local, o *Islington Tribune*. Fui até mesmo procurado por uma senhora americana, uma agente literária.

— Já pensou em escrever um livro sobre você e o Bob? — ela perguntou.

Quem dera!

Mas encontrar os adolescentes espanhóis mostrou que a fama de Bob havia crescido mais que eu poderia imaginar. Ele estava se tornando uma estrela felina!

Eu não conseguia parar de sorrir.

— Bob salvou a minha vida — eu dissera em um dos filmes.

Quando ouvi isso pela primeira vez, achei meio idiota, um certo exagero. Mas, quando Bob e eu saímos da biblioteca e caminhamos pela rua, comecei a ver tudo com mais clareza: era verdade; ele realmente tinha me salvado.

Nos dois anos desde que o encontrei sentado em um corredor mal-iluminado, Bob havia transformado meu mundo. Eu era um viciado em recuperação, com uma existência precária. Estava com quase trinta anos, sem qualquer direção ou propósito na vida a não ser sobreviver. Havia perdido contato com minha família e mal tinha um amigo no mundo. Minha vida era um completo caos. Agora, tudo isso tinha mudado.

Minha viagem para a Austrália não conseguiu apagar todas as dificuldades do passado, mas me reaproximou de minha mãe. As feridas estavam cicatrizando. Eu esperava que a batalha contra as drogas estivesse finalmente chegando ao fim. O dia em que não precisaria mais tomar o Subutex aproximava-se. Eu podia finalmente vislumbrar o fim de meu vício. Houve um tempo em que eu achei que isso era impossível.

O mais importante de tudo, porém, é que eu havia criado raízes. Minha pequena quitinete em Tottenham havia me dado a segurança e a estabilidade que eu desejava. Eu já morava ali havia mais tempo do que em qualquer outro lugar. Tenho certeza de que nada disso teria sido possível sem Bob, meu companheiro.

Não sou budista, mas gosto da filosofia budista. Eles dá uma boa estrutura para apoiar a vida. O carma, por exemplo, a ideia de que tudo que vai sempre volta. Imagino se Bob é algum tipo de recompensa por algo bom, algo bom que fiz em algum momento de minha vida difícil.

Talvez Bob e eu tenhamos nos conhecido em uma vida anterior. Nossa ligação, nossa conexão instantânea, foi muito estranha.

— Vocês dois são a reencarnação de Dick Whittington e seu gato!
— alguém me disse uma vez.

Tirando o fato de que parecia que Dick Whittington havia voltado como Bob e eu como seu companheiro. Gostei da ideia.

Bob é o meu melhor amigo. Aquele que me guiou em direção a uma vida diferente — e melhor. Ele não exige nada muito complicado em troca. Só precisa que eu cuide dele. E é isso que eu faço.

A estrada à frente não teria sido fácil. Com certeza eu enfrentaria problemas de vez em quando — afinal de contas, ainda estava trabalhando nas ruas londrinas. Mas, desde que estivéssemos juntos, eu tinha a impressão de que daria tudo certo.

Todo mundo precisa de uma trégua. Todo mundo merece uma segunda chance. Bob e eu tivemos a nossa...



Escrever este livro foi uma experiência incrível, e muitas pessoas fizeram parte dela.

Primeiro e mais importante de tudo, gostaria de agradecer à minha família, minha mãe e meu pai em particular, por me darem o foco que me fez seguir em frente durante os momentos mais escuros de minha vida. Também gostaria de agradecer a meus padrinhos, Terry e Marilyn Winters, por serem bons amigos.

Nas ruas de Londres, muitas pessoas demonstraram sua bondade comigo ao longo dos anos, mas gostaria de destacar Sam, Tom, Lee e Rita, os coordenadores da revista *Big Issue*, que foram tão generosos. Também gostaria de agradecer os assistentes sociais Kevin e Chris, pela compaixão e compreensão. Agradeço também ao pessoal da Blue Cross e do RSPCA, pelos conselhos valiosos, e a Davika Leanne e aos demais funcionários da estação de metrô Angel, que tanto apoio deram ao Bob e a mim.

Também gostaria de agradecer ao Food for Thought e à Pix na Neal Street, que sempre nos ofereceram uma xícara de chá quente e um pires de leite, assim como a Daryl, da Diamond Jacks no Soho, e a Paul e Den, os sapateiros que sempre foram meus bons amigos. Além disso, gostaria de mencionar Pete Watkins, da Corrupt Drive Records, o DJ Cavey Nik, da Mosaic Homes, Ron Richardson

e Peter Gruner, do Islington Tribune, a primeira pessoa a escrever uma matéria sobre nós dois, há cinco anos.

Este livro nunca teria acontecido se não fosse minha agente literária, Mary Pachnos. Foi ela quem se aproximou de mim pela primeira vez com a ideia. Parecia uma loucura naquela época, e eu nunca teria sido capaz de colocar tudo no papel e tornar tudo isso uma história coerente sem a ajuda dela e do escritor Garry Jenkins. Então, um grande muito obrigado a ambos, Mary e Garry. Da Editora Hodder & Stoughton, gostaria de agradecer a Rowena Webb, Ciara Foley, Emma Knight e o restante de sua brilhante equipe. Também agradeço a Lucy Courtenay, que fez um trabalho maravilhoso preparando esta versão. Agradeço do mesmo modo a Alan e ao pessoal da Waterstone em Islington, que até mesmo deixou que Larry e eu trabalhássemos no livro no silêncio do andar de cima. E um enorme muito obrigado a você, Kitty. Sem seu apoio constante, nós dois estaríamos perdidos.

Finalmente, eu gostaria de agradecer a Scott Hartford-Davis e ao Dalai Lama, que nos últimos anos me apresentaram uma filosofia de vida maravilhosa.

Por último, definitivamente, e não menos importante, é claro, o pequeno companheiro que entrou em minha vida em 2007 e que, desde o momento em que ficamos amigos, provou ser uma força tão positiva e transformadora em minha vida. Todo mundo merece um amigo como Bob. Eu realmente sou muito feliz por tê-lo encontrado...

James Bowen

Londres, outubro de 2012

Fotos



Foi aqui que nós nos conhecemos





Hora de ir trabalhar, Bob





Falta pouco agora.
Quase chegando





Quase perdemos o ônibus.
Ainda bem que deu tempo



Bob é irresistível



Atenção para a pose...



Sorria!



Fazendo uma boquinha



Patas e garras bem limpas



O lugar preferido do Bob



Hum... O que vou vestir hoje?





O cartão do metrô do Bob



Na cidade



Bob cuidando da saúde



Conferindo o microchip



Olhe, amigo! Somos nós!